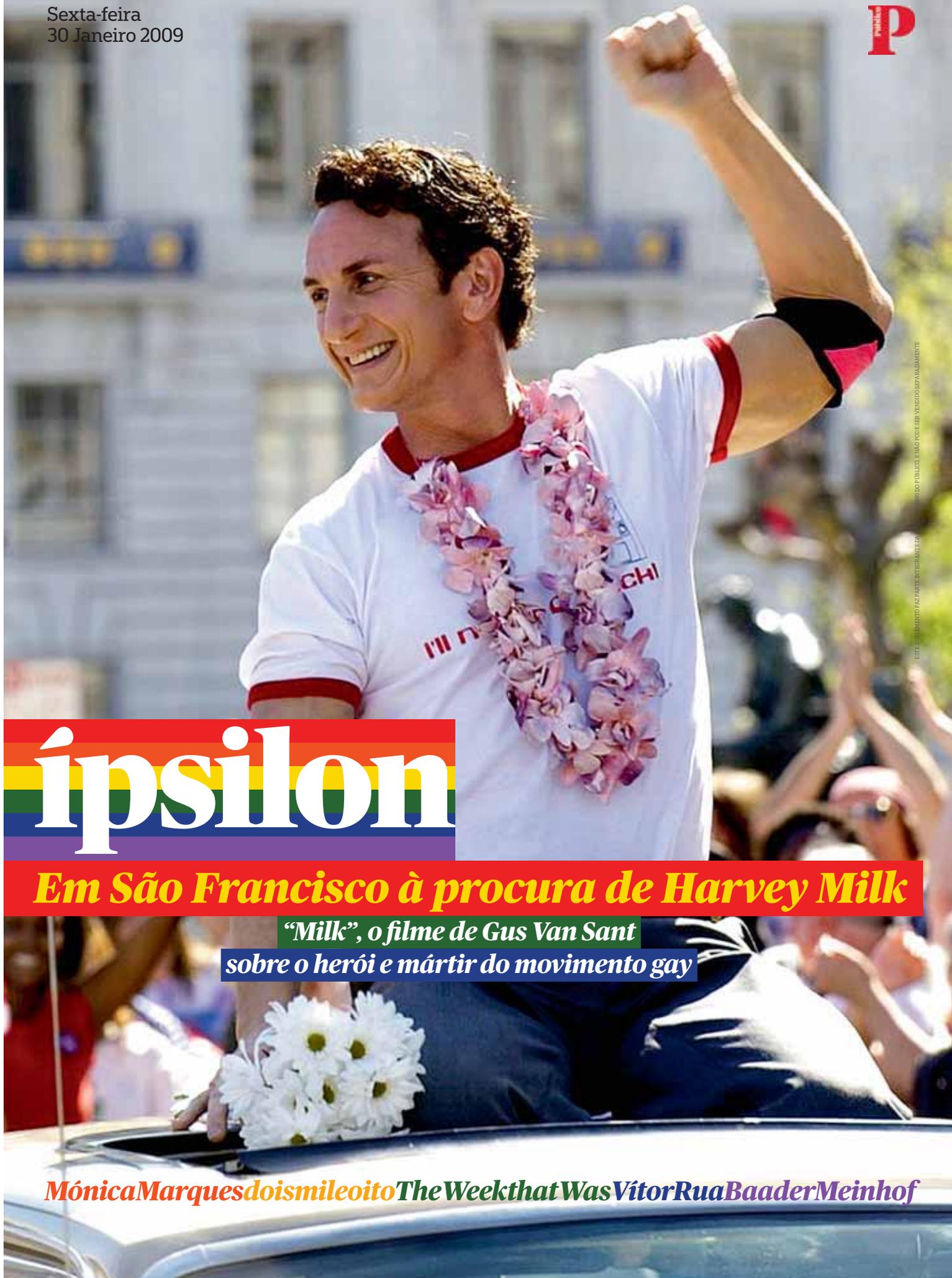


Sexta-feira
30 Janeiro 2009

Publico
P



ípsilon

Em São Francisco à procura de Harvey Milk

***“Milk”, o filme de Gus Van Sant
sobre o herói e mártir do movimento gay***

Mónica Marques doismileoito The Week that Was Vítor Rua Baader Meinhof

FOTO: G. BARRON/FILM PHOTO INTERNATIONAL

Espaço Público

Este espaço vai ser seu. Que filme, peça de teatro, livro, exposição, disco, álbum, canção, concerto, DVD viu e gostou tanto que lhe apeteceu escrever

sobre ele, concordando ou não concordando com o que escrevemos? Envie-nos uma nota até 500 caracteres para ipsilon@publico.pt. E nós depois publicamos.

A banda gótica de Ryan Gosling

Ryan Gosling, que andou pelo Club Disney com Christina Aguilera e Britney Spears antes de se tornar actor adulto em filmes como "Half Nelson" ou "Ruptura", decidiu seguir as pisadas das antigas colegas de estúdio. Ou seja, além do Gosling actor, teremos que lidar nos próximos tempos com o Gosling vocalista de banda. Dead Man's Bone é o seu nome e o álbum de estreia sairá nos próximos meses. Preparem-se para algo razoavelmente bizarro. Gravado com Zach Shields, o outro elemento da banda, que Gosling conheceu enquanto namorado da atriz Rachel McAdams - Shields namorava a irmã de Rachel -, foi gravado com um coro infantil e muita dose de improviso. Em entrevista ao site "Pitchfork", Gosling conta que, quando conheceu Zach, este usava saltos altos e pareceu-lhe uma personagem demasiado bizarra. Pareceu-lhe por isso (e por partilharem o gosto por histórias e personagens de terror) lógico começar uma banda. Ela aí está, dois anos depois do primeiro encontro, com disco pronto a editar e uma sonoridade que vem sendo descrita como gótica - no sentido Nick Cave do termo, não no sentido My Chemical Romance.

A gravação com o coro infantil, de resto não é inocente. O duo pretende utilizar o seu próprio amorismo como mais-valia, impondo-se uma série de regras, como tocar por si todos os instrumentos e não fazer mais de três takes para cada canção. Gravam com crianças mas são gente adulta e a banda é tudo para eles. "Trabalhámos solidamente neste álbum durante dois anos", acentuou Ryan à Pitchfork. "Entre num par de filmes porque tinha de ser, mas isto é tudo o que fazemos". Podem ouvir uma música e ver um teledisco dos Dead Man's

Ryan Gosling vai ser vocalista da sua banda Dead Man's Bone

Bone em myspace.com/deadmansbones.

Siza explica ao "Guardian" a sua visão sobre a arquitectura

É já no dia 26 de Fevereiro que Álvaro Siza Vieira vai receber a Royal Gold Medal for Architecture 2009, atribuída pelo Royal Institute of British Architects (Riba), em



E se Sid Vicious não tiver morto Nancy Spungen?

A 12 de Outubro de 1978, Sid matou Nancy num apartamento do Chelsea Hotel. Esta é a versão oficial do desfecho do "Romeu e Julieta" do punk, protagonizado pelo baixista dos Sex Pistols, Sid Vicious, e pela sua namorada americana, Nancy Spungen. O escritor Alan Parker (não o confundamos com o realizador de "Evita") propôs-se descobrir se a versão oficial é a verdade. O resultado, o documentário "Who Killed Nancy?", construído a partir de 182 depoimentos e de uma nova

investigação dos arquivos policiais nova-iorquinos, estreia no dia 6 de Fevereiro em Londres e, como seria de esperar, reacende a discussão. Amigo de Anne Beverley, mãe de Sid Vicious que se suicidou em 1996, Parker conta ao "Guardian" que foi instigado por ela a provar a inocência do filho. "Who Killed Nancy?" não o faz, mas acrescenta novos dados ao processo. Revela, por exemplo, que tendo tomado 30 doses de um poderoso sedativo, Sid Vicious não poderia estar, à hora do crime, acordado e funcional. Refere o desaparecimento do

Sumário

Harvey Milk 4

Em São Francisco continua acesa a chama do primeiro político assumidamente "gay" eleito nos EUA

Baader Meinhof 12

O retrato de uma geração

Mónica Marques 14

O tédio burguês feminino

doismileito 22

2009 tem tudo para ser deles

Depardon/Virilio 46

A lentidão do fotógrafo e a velocidade do urbanista numa exposição em Paris

Ficha Técnica

Director José Manuel Fernandes
Editor Vasco Câmara, Joana Gorjão Henriques (adjunta)
Conselho editorial Isabel Coutinho, Inês Nadais, Óscar Faria, Cristina Fernandes, Vítor Belanciano
Design Mark Porter, Simon Esterson, Kuchar Swara
Directora de arte Sónia Matos
Designers Ana Carvalho, Carla Noronha, Jorge Guimarães, Mariana Soares
Editor de fotografia Miguel Madeira
E-mail: ipsilon@publico.pt
www.ipsilon.pt

Vai ver se eu estou online!

Internet

Estamos online. Clique em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.



Sid Vicious e Nancy Spungen em Londres: a 12 de Outubro de 1978 ela apareceu morta no Chelsea Hotel, em Nova Iorque

dinheiro do casal, que seria em quantia significativa tendo em conta os direitos autorais de "My Way", a versão de Frank Sinatra que Vicious editara recentemente em single, e os concertos que este vinha dando em Nova Iorque - e lembra que a polícia encontrou no quarto impressões digitais de seis pessoas, todas conhecidas de Sid e Nancy, mas que a polícia não interrogou nenhuma delas. Os relatos recolhidos chegam mesmo a apontar um presumível culpado em Michael, toxicodependente que também vivia no Chelsea Hotel e que terá visitado o casal na noite da morte de Nancy - outros intervenientes dizem não ter dúvidas de foi realmente Sid o assassino, e um adianta mesmo a tese do suicídio. Avançando temporalmente até à morte de Vicious, por

overdose de heroína a 2 de Fevereiro de 1979 - nessa noite terá discutido possíveis versões para um novo álbum, incluindo "I Fought the Law" e "YMCA" -, o documentário tenta aproximar-se o mais objectivamente possível do que foram os últimos meses de vida do ícone do punk britânico. Parker, que diz ter enterrado com o filme uma relação com Sid Vicious que define como "obsessiva" (já lhe dedicou três biografias), tem consciência que a verdade é, neste caso, impossível de descobrir: "Pretendia apenas limpar o seu nome. Claro que não estive lá, não posso jurar sobre a Bíblia que ele não o fez, mas as pessoas envolvidas sempre me disseram para continuar a investigar, e quando se investiga de facto as peças simplesmente não encaixam."

nome da rainha de Inglaterra. Este prémio de carreira existe desde 1848 e já foi atribuído a alguns dos maiores arquitectos dos séculos XIX e XX - Frank Lloyd Wright recebeu-o em 1941, Le Corbusier em 1953, Alvar Aalto em 1957, Niemeyer em 1998. Já no século XXI, o prémio distinguiu Frank Gehry (2000), Jean Nouvel (2001), Rafael Moneo (2003), Rem Koolhaas (2004) e Herzog & de Meuron (2007). A escolha de Siza, 75 anos, foi o pretexto para Jonathan Glancey do "The Guardian" ir ao Porto conversar com o primeiro arquitecto português a receber a distinção. "É uma grande honra, claro", diz-lhe Siza. "A minha cidade, o Porto, tem muitos edifícios com influências britânicas." Glancey pergunta-lhe se acha estranho receber este prémio apesar de nunca ter construído no Reino Unido (se exceptuarmos uma colaboração, em 2005, com Eduardo Souto de Moura e Cecil Balmond num pavilhão para a Serpentine Gallery em Londres). Talvez seja estranho, admite Siza, mas acrescenta: "Penso que um arquitecto deve fazer o seu melhor trabalho onde a sua estrela o levar." Glancey não tem dúvidas: "Siza é, simplesmente, um dos melhores arquitectos do mundo", escreve. E, explica, que "desde o momento em que começou a construir, no início dos anos 50, [...] procurou enquadrar vistas, revelar paisagens, cidades, e os caminhos através delas." O seu objectivo foi sempre o de "fazer de cada criação o lugar de uma subtil revelação". A arquitectura, explica-lhe Siza, por seu lado, "não deve nunca ser uma transformação arrogante da paisagem ou do espaço". E acrescenta: "O meu desejo é desde há muito tempo o de que os edifícios que construo tenham, de certa forma, estado sempre naquele lugar. Quero que sejam necessários, nunca forçados."



Heath Ledger terá feito um cover de "Black Eyed Dog", gravado em 2007

Adriana Calcanhotto inaugura em Fevereiro uma exposição na nova Loja das Quasi



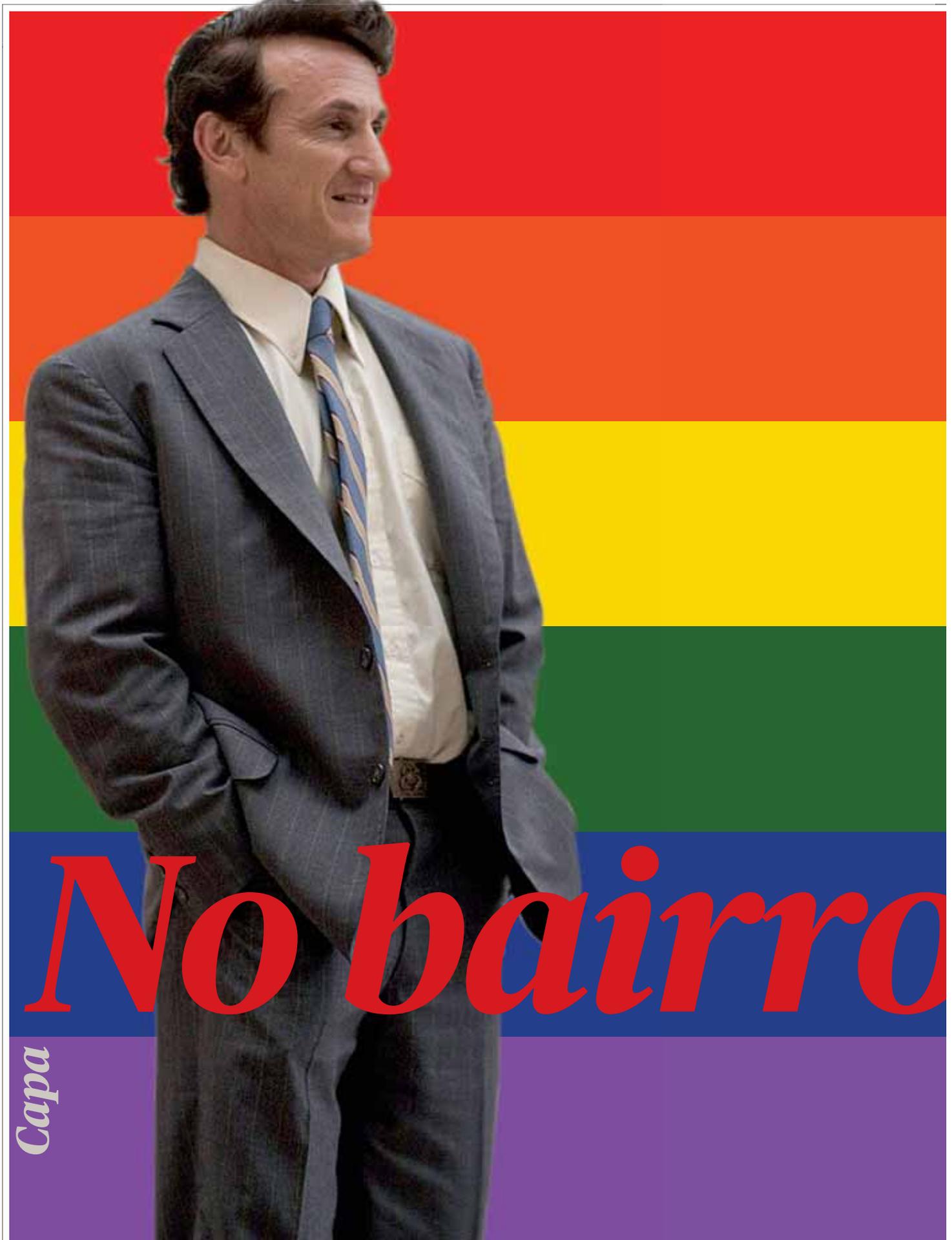
Siza diz a Glancey: "Há demasiados edifícios hoje. A arquitectura tornou-se um negócio. Há cada vez mais pessoas que vivem de dizer aos arquitectos o que podem e o que não podem fazer." E, depois deste desabafo, confessa: "A minha última experiência de verdadeiro prazer foi no Brasil - fui muito feliz a construir o museu Iberê Camargo."

Heath Ledger canta Nick Drake em álbum de homenagem

Nick Drake tinha 26 anos quando morreu de "overdose", em 1974, depois de ter ingerido uma dose excessiva de anti-depressivos. Deixou no seu legado folk-rock músicas como "Pink Moon" e "Things Behind the Sun" e este ano será homenageado com um disco em que cantam Eddie Vedder, Dave Grohl, Norah Jones e Jack Johnson, entre outros. As sessões de gravações do álbum de tributo foram gravadas para editar em DVD com o disco. E um desses outros é o actor Heath Ledger, que morreu no início de 2008 também vítima de overdose após ingestão de fármacos. Segundo o site da revista "Billboard", a música em questão é uma "cover" de "Black Eyed Dog", de Drake, e foi gravada pelo australiano em 2007 para uma instalação artística. A "cover" nunca foi editada e agora será incluída no álbum de tributo ao cantor, lançado pela Johnson's Brushfire Records. Na altura da promoção de "I'm not There", a pseudo-biografia de Bob Dylan filmada por Todd Haynes, Ledger, que fez uma das "versões" de Bob, dizia no Festival de Veneza que Dylan sim, tudo bem, mas a figura da música que o encantava, a ponto de um dia querer fazer um filme sobre ela, era Nick Drake...

Os dez anos da Quasi e a nova loja em Famalicão

Este ano as edições Quasi, de Vila Nova de Famalicão, fazem 10 anos. Para celebrar o aniversário vão iniciar uma colecção onde autores por eles editados apresentarão um dos livros da sua vida. Assim, onze dos seus autores - Adriana Calcanhotto, Alberto Gonçalves, Antonio Cicero, Desidério Murcho, Eucanaã Ferraz, Fernando Ribeiro, Francisco José Viegas, João Pereira Coutinho, Maria Filomena Mónica, Michael Ruse e Rui Lage - irão escolher os livros da sua vida. Já está confirmada a publicação na colecção de "O Discurso do Método", de René Descartes, "Benchley Reunido", de Robert Benchley, "A Brasileira de Prazins", de Camilo Castelo Branco e "A Origem das Espécies", de Charles Darwin, explica o editor Jorge Reis-Sá. Será ainda editado "Um Pouco Mais de Sol", volume com mais de 150 antologadores, todos de alguma maneira ligados à editora. Cada um escolheu um poema. E durante este ano as edições Quasi continuarão a apostar na poesia com a publicação das obras "Algumas das Palavras", de Fernando Guimarães (que reúne a sua poesia toda), "Cinematica", de Eucanaã Ferraz. E ainda Eugénio Botto e Natércia Freire com a continuação das suas obras completas. Haverá ainda dois livros de crónicas: de Alberto Gonçalves e de João Pereira Coutinho. Vão editar também "O Terceiro Chimpanzé", de Jared Diamond, "Filosofia da Religião", de William Rowe, "Teatro", de Samuel Beckett, "Língua dos Eleitos", ensaios literários de Eduardo Pitta, "O Livro Contra Deus", de James Wood, e "À Superfície" de Margaret Atwood. No final do ano passado a editora de Jorge Reis-Sá abriu a Loja das Quasi, em Vila Nova de Famalicão. Um espaço de arte, literatura e design onde, a 7 de Fevereiro, Adriana Calcanhotto inaugura a sua primeira exposição mundial como artista plástica.



No bairro

Capa

Trinta anos depois da morte de Harvey Milk, o primeiro político assumidamente gay eleito nos EUA, a herança do vereador assassinado sobrevive numa São Francisco que mantém viva a chama da integração de uma comunidade.

É preciso dar-lhes esperança, dizia Milk, que no filme de Gus Van Sant é interpretado por Sean Penn. Talvez nunca tenha sido tão verdade como hoje, quando Barack Obama chega ao poder.
Jorge Mourinha, em São Francisco

o do amor

Em boa verdade vos dizemos: a São Francisco de Harvey Milk, o homem, e de "Milk", o filme, já não existe.

Talvez nunca tenha existido, como a São Francisco do filme "Bullitt", de Peter Yates, ou a São Francisco do Verão do Amor talvez também nunca tenham existido, meras generalizações a partir de uma experiência particular de uma cidade cosmopolita de 800 mil habitantes no coração da Costa Oeste dos EUA com forte componente bairrista (dos enclaves asiáticos em Chinatown ou Japantown à "little Italy" de North Beach ou ao psicadelismo da Haight).

Tom Ammiano, deputado à assembleia estatal da Califórnia, antigo vereador da Câmara Municipal de São Francisco, activista gay da primeira hora, diz-nos: "No final dos anos 1950, corriam muitos rumores de que São Francisco era 'gay-friendly', e isso era suficiente para quem era homossexual em New Jersey" - de onde Ammiano é originário - "ou no Nebraska. Mas quando aqui cheguei fiquei decepcionado. Achei a cidade coloquial e provinciana."

Os tempos mudam, e não foi preciso muito tempo para São Francisco se tornar na "terra prometida" da comunidade Gay Lésbica Bissexual e Transgender. Mas a São Francisco de hoje não é a mesma. Na semana em que se celebrou o aniversário de Martin Luther King e Barack Obama foi empossado como Presidente, não reconhecemos a cidade solar e viva que Gus van Sant pinta em "Milk" - a sua biografia filmada do vereador Harvey Milk, primeiro homossexual assumido a ser eleito para um cargo político, "o Presidente da Câmara da Rua Castro", responsável pela transformação do bairro de Castro e, por extensão, da cidade da Bay Area nessa "terra prometida".

Sente-se no ar a vibração de um novo tempo que se abre, é certo, mas a crise está demasiado presente nas lojas vazias com letreiros a dizer "aluga-se" ou "vende-se", nos sem-abrigo que empurram carrinhos de supermercado cheios de trapos e sacos e roupas ou estão sentados na rua com tabuletas improvisadas em cartão canelado a pedir trocos.

Mesmo num dia luminoso e ameno como este (atípico para o Inverno de Janeiro), há algo de cinzento nesta São Francisco que enfrenta o melhor que pode a recessão. Na avenida Van Ness, a loja da Circuit City, cadeia de electrónica de consumo que acaba de abrir falência, tem já uma pequena multidão à porta minutos antes de abrir para a liquidação total; à beira do Embarcadero, o luxuoso Hotel Vitale começou a despedir pessoal face a 600 mil dólares de perdas projectadas só no primeiro trimestre de 2009.

"É preciso dar-lhes esperança", dizia Harvey Milk há 30 anos. E talvez nunca tenha sido tão verdade como hoje, quando Barack Obama chega ao poder numa onda que varreu os EUA até chegar à Casa Branca.

Esperança é a palavra-chave

A comparação não é inteiramente descabida, avança Mark Stanger, cónego episcopal anglicano na Catedral Grace (e homossexual assumido): "Não é nada rebuscado fazer essa comparação. Estamos a falar de líderes que nos encorajaram a descobrir a nossa própria voz, a nossa própria vida, a nossa própria coragem, a nossa própria verdade."

Bevan Dufty, vereador da Câmara Municipal de São Francisco (e homossexual assumido, e pai de uma menina de 4 anos): "Obama e Milk são figuras políticas que representam uma charneira. No que diz respeito ao movimento gay, o Harvey foi quem abriu as portas: um homossexual assumido eleito para um cargo público visível. Mas ele via o movimento gay não

"Obama e Milk são figuras políticas que representam uma charneira. No que diz respeito ao movimento 'gay', o Harvey foi quem abriu as portas: um homossexual assumido eleito para um cargo público visível. Mas ele via o movimento 'gay' não como algo insular mas como parte de uma atitude mais abrangente para com a justiça e a sociedade"

Bevan Dufty, vereador da Câmara de São Francisco

como algo insular mas como parte de uma atitude mais abrangente para com a justiça e a sociedade. A diferença fundamental é que a imagem de Milk antes da sua eleição não é tão forte como a imagem após a sua morte, enquanto a experiência multicultural de Obama alimentou a viagem em que este país embarcou com ele à medida que explorávamos os nossos preconceitos, os nossos medos, a nossa esperança."

Esperança é a palavra-chave. É essa esperança que "Milk" capta e reenvia através do seu retrato, sob os traços de Sean Penn, do "homem certo no momento certo" - palavras de Tom Ammiano - , "alguém que se pôs a jeito, divulgou a mensagem, incentivou os outros": Harvey Milk, judeu nova-iorquino que deixou para trás, aos 42 anos, um emprego convencional numa companhia de seguros, se instalou em São Francisco, se tornou no primeiro homossexual assumido a ser eleito para um cargo político e morreu no dia 27 de Novembro de 1978 às mãos de um colega vereador, Dan White, que assassinara poucos minutos antes o presidente da câmara, George Moscone.

De gueto...

"Como nós, o Harvey era um imigrante da outra ponta do país. O Harvey era o Castro. O Harvey era São Francisco. O Harvey era a nossa São Francisco."

David Dehner, 53 anos, gerente de hotel, vindo do Wisconsin em 1977, viveu esses tempos em que São Francisco "saiu do armário" para se assumir como a terra prometida de uma incipiente comunidade. "Antes, o gueto ficava na Polk Street. O Castro estava apenas a começar, ainda era uma área deprimida, católica, irlandesa, centrada na igreja católica do Santo Redentor. Como era uma área pouco popular, havia casas disponíveis para aqueles que tinham vindo morar para a cidade." →



"É preciso dar-lhes esperança", dizia Harvey Milk há 30 anos. E talvez nunca tenha sido tão verdade como hoje, quando Barack Obama chega ao poder numa onda que varreu os EUA até chegar à Casa Branca



Harvey Milk e o namorado, Scott Smith, com quem chegou a São Francisco no início dos anos 70 (James Franco e Sean Penn no filme)



Harvey Milk e o "Mayor" George Moscone em 1978, pouco tempo antes de terem sido assassinados (e os actores que os interpretam no filme)



Dan White é preso, acusado do assassinato de George Moscone e Harvey Milk (Josh Brolin é White no filme de Gus Van Sant)

← “O Castro” não equivale, claro, a toda a Castro Street: enquanto bairro gay, é delimitado pelos cruzamentos entre as ruas Market, Church, 19.^a e Eureka e atravessado pela rua Castro propriamente dita. O bairro nasceu no final do século XIX, com a construção da linha de eléctrico que faz a ligação com a Baixa ao longo da rua Market. Começou por ser residência de marinheiros escandinavos antes de se tornar num bairro irlandês. Tem dois centros nevralgicos: o primeiro na esquina da Castro com a 18.^a, espécie de “coração” onde se concentram comércio, serviços e restauração; o segundo no cruzamento da Castro com a Market, à sombra da bandeira gigante do arco-íris, símbolo da comunidade GLBT.

Hoje, essa bandeira, ícone da chegada ao “novo mundo”, esvoaça sobre a entrada para a estação de metro na Harvey Milk Plaza, celebrando o exacto ponto onde Milk lançou a sua candidatura a vereador, cristalizando imediatamente a imagem que deu título à biografia escrita por Randy Shilts, “The Mayor of Castro Street” - “O Presidente da Câmara da Rua Castro”.

... a bairro

Tom Ammiano conheceu Harvey Milk nesses tempos; fez com ele parte da jornada que viu o Castro tornar-se no “farol” da comunidade. “Conheci-o quando ele estava a falar com a polícia na esquina da Castro com a 18th. Os polícias costumavam aparecer quando lhes dava na real gana, para chatear as pessoas apenas por serem homossexuais. Eram duas e meia da manhã, e o Harvey estava a dizer exactamente isso ao polícia, ‘porque é que vocês estão aqui? Não estamos a violar nenhuma lei, nós vivemos aqui’. O que achei muito corajoso. Ele costumava dizer que o Castro era um bairro. ‘As pessoas dizem que é um gueto gay? Deixá-los. Isto é um bairro.’”

Um bairro como a Greenwich Village nova-iorquina ou o Bairro Alto lisboeta: o sítio onde (pelo menos durante algum tempo) tudo acontece, onde toda a gente está. Mas muitos dizem que esse tempo já passou, que o Castro já não é o que foi: que o bairro deixou de estar conotado com a comunidade, que a percentagem de residentes heterossexuais subiu à medida que a estabilidade do mercado residencial e os ciclos económicos vieram forçar a saída de algumas lojas e bares icónicos.

Bevan Dufty, que representa o bairro na Câmara Municipal, admite que “tem certamente havido desafios ao nível do pequeno comércio”. Mas recusa terminantemente as acusações de descaracterização, apoiado pelos últimos censos que dão 41 por cento de residentes GLBT no bairro (contra 15 por cento no total da cidade) e pelo mercado habitacional estável. “Se for a Nova Iorque, a comunidade não tem nem um quarto da visibilidade que tem aqui. Se for a ver o preço das casas no Castro ou em Noe Valley [bairro residencial adjacente], verá que elas mantêm o seu valor, enquanto nos subúrbios as casas perderam 40 ou 50 por cento do seu valor de mercado e muitas estão à venda.”

Para David Dehner, no entanto, há outros factores nessa diluição. “Há 30 anos, os gays sentiam que, como a sociedade era tão vingativa, expressar a nossa sexualidade tinha de ser um imperativo. Só que depois veio a sida. E não havia médico que a curasse.” Para Tom Ammiano, “foram tempos excitantes: eu conseguia ensinar a tempo inteiro durante o dia, ser politicamente activo e ir acabar a noite nas ‘boîtes’. E o melhor de tudo era fazer amigos que eram como nós. Isso era o mais importante. E a sida veio destruir esse sistema social. Olhamos para as nossas agendas da altura e começamos a riscar nomes. Resistimos, sobrevi- →

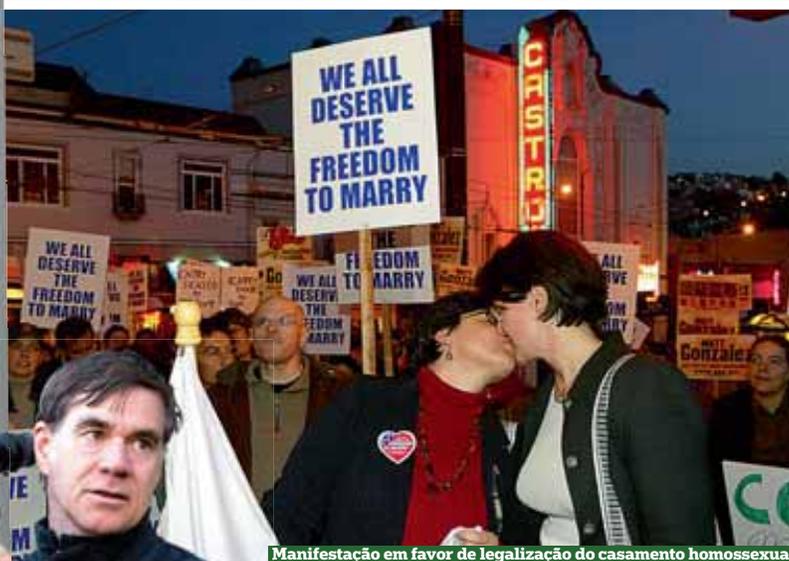
“Foram tempos excitantes: eu conseguia ensinar a tempo inteiro durante o dia, ser politicamente activo e ir acabar a noite nas ‘boîtes”
Tom Ammiano, deputado à assembleia estatal da Califórnia



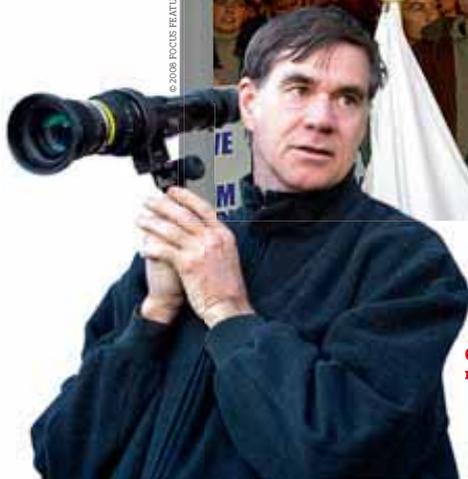
1978. Harvey Milk na Gay Freedom Day Parade em São Francisco



A anual parada LGBT



Manifestação em favor de legalização do casamento homossexual



Gus Van Sant, realizador de “Milk”

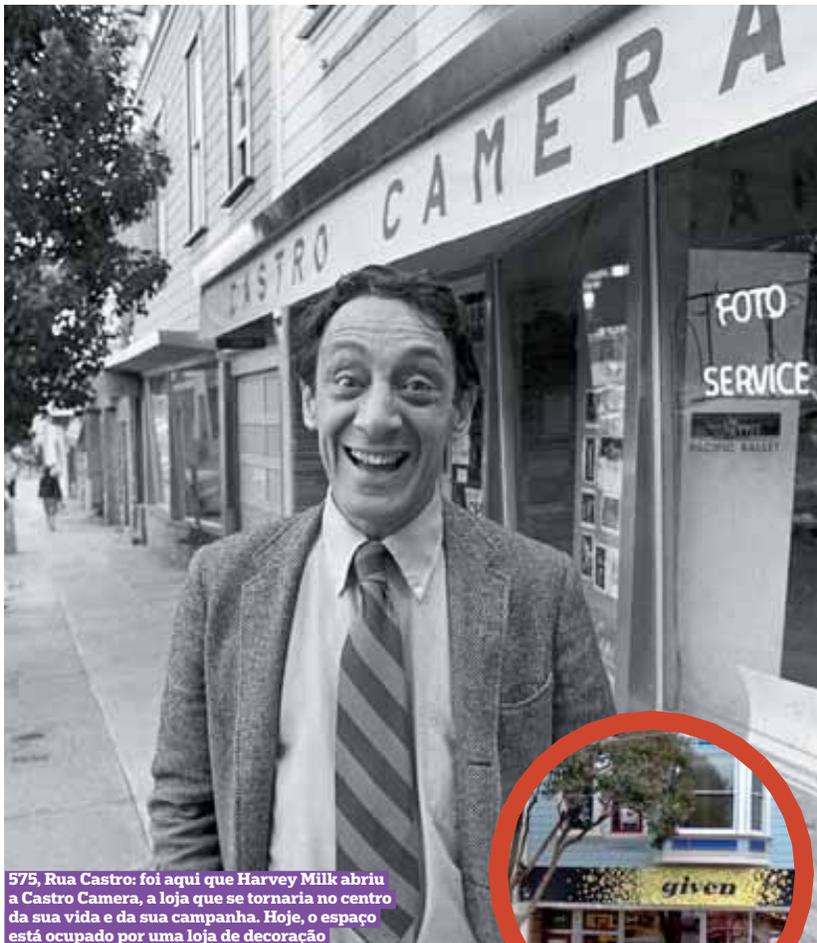
Escrevo estas linhas no dia da tomada de posse de Obama, o presidente que ficará conhecido pela ressuscitação da ideia de "esperança". Essa ideia, tão cara ao imaginário otimista, mesmo utópico e, por vezes, messiânico dos americanos - e que cala ainda mais fundo na cultura afro-americana, politicamente madura no dia do discurso "I have a Dream" de Martin Luther King, em 1963. Talvez um preconceito difuso e generalizado não nos deixe imaginar a "esperança" como ideia anímica mobilizadora dos gays e das lésbicas. Mas foi, e há uns bons trinta anos, pela boca de Harvey Milk. O seu "Give Them Hope" foi proferido em 1978 durante mobilizações gay e lésbicas que se opunham a uma proposta legislativa que defendia a expulsão dos professores do ensino público que fossem assumidamente homossexuais ou que participassem no movimento pelos direitos de gays e lésbicas. Mas de que esperança falava ele? Não da esperança enquanto sentimento vago, relativo a algo de bom que está para vir. O conceito aparece no discurso sob a forma de apelo: "Dêem-lhes esperança". A quem? Às personagens paradigmáticas a quem o discurso foi endereçado: o jovem rapaz ou a jovem rapariga que sofre a homofobia da sua cidadezinha natal, algures na América profunda e que anseia por fugir para uma cidade como São Francisco.

Contra-cultura

Harvey Milk não pareceria, à partida, um bom candidato a herói e mártir do movimento gay e lésbico. Não vinha de uma dessas pequenas cidades onde vigoravam as leis anti-sodomia ou onde o crime homofóbico tinha consequências muitas vezes ainda mais trágicas - como no caso do assassinato, após tortura, do jovem Matthew Shepard, e isto já em 1998. Oriundo de uma família judia da classe média baixa, na costa Leste, Milk pôde aceder ao ambiente alternativo e cosmopolita de Nova Iorque, onde em 1969 se deu a revolta de Stonewall, momento fundador do movimento gay e lésbico. Mas foi mais a onda contra-cultural dos anos 60, marcada pelo movimento hippie e anti-guerra que o seduziu para fora do seu namoro inicial com o conservadorismo. A contra-cultura como, aliás, também o movimento das mulheres, mostravam provavelmente mais dinâmica do que o incipiente associativismo gay e lésbico vindo dos finais dos anos 50 e inícios de 60, marcado por muita homofobia internalizada - na Mattachine Society, por exemplo, era obrigatório envergar fato e gravata para "não parecer mal" (leia-se, para não parecer gay). Mas os relatos das relações de Harvey - de namoro, vida em comum, ou amizade - estão recheados dos dramas próprios da vida dos gays daquela época: tratamentos com electrochoques em hospitais psiquiátricos, prisões arbitrárias em ruas policiais, despedimentos, expulsões de casa pela família, ou suicídio. Numa das suas deambulações pelo país, nessa itinerância própria de quem "só está bem onde não está", Milk apaixonar-se-ia por São Francisco. São Francisco, como tão bem descreveu e analisou o sociólogo Manuel Castells nos anos 80, foi a primeira cidade a passar por uma

Um homem "normal"

Foi provavelmente a normalidade que matou Harvey Milk - esse atrevimento de entrar na esfera pública. Tivesse ficado no "gueto", negociando a sua marginalidade, e talvez tivesse vivido para presenciar a débauche da abolição dos casamentos gay e lésbicos na Califórnia no mesmo dia em que Obama - o outro homem da Esperança - foi eleito. *Miguel Vale de Almeida*



575, Rua Castro: foi aqui que Harvey Milk abriu a Castro Camera, a loja que se tornaria no centro da sua vida e da sua campanha. Hoje, o espaço está ocupado por uma loja de decoração

transformação urbana por via da criação de um bairro marcado pela identidade gay e lésbica - o Castro. A concentração de homossexuais num bairro que se degradara desde a sua origem católica e irlandesa, não foi no início um caso de gentrificação, como mais tarde aconteceria noutras cidades. Foi um autêntico caso de criação de um refúgio, para os jovens e menos jovens a quem era necessário "dar esperança". Milk estabeleceu-se no Castro abrindo uma pequena loja de máquinas fotográficas. E é aqui que se vê como, se não parecia fadado para vir a ser um herói e mártir gay, tão-pouco parecia estar destinado a ser um político e um ativista da igualdade direitos. A sua entrada para a política deu-se, segundo a narrativa da sua biografia, no dia em que um agente do fisco lhe veio cobrar dívidas do seu negócio. Quando concorreu pela primeira vez a um cargo autárquico, fê-lo com uma plataforma de defesa dos direitos dos pequenos comerciantes, bem como com a reivindicação da alteração da lei eleitoral no sentido de permitir a eleição de

representantes por bairros e não pela cidade no seu todo. Foi esta política da proximidade, da comunidade, da suspeita em relação ao governo e ao estado que, por assim dizer, conduziu Milk à política sexual - graças à grande transformação que foi o surgimento de um bairro gay e lésbico numa grande cidade.

Estatuto simbólico

O facto mais relevante foi o seu estatuto de assumido. Muitas análises sobre a personagem, feitas hoje, parecem esquecer isto - o que até será bom sinal. Mas, escrevendo em Portugal, creio que os leitores percebem bem a importância deste facto: afinal quantos políticos assumidamente gay ou lésbicos temos? O estatuto simbólico de Milk vem daí, de ter sido um político eleito, assumidamente gay e, pela primeira vez, representando uma comunidade, territorial e simbolicamente

Mas, escrevendo em Portugal, creio que os leitores percebem bem a importância deste facto: afinal quantos políticos assumidamente gay ou lésbicos temos?

Obama, o presidente que ficará conhecido pela ressuscitação da ideia de "esperança". Essa ideia, tão cara ao imaginário otimista, mesmo utópico e, por vezes, messiânico dos americanos



organizada nas ruas do Castro. Esse facto levou-o a intervir cada vez mais em questões de política sexual, a servir de catalisador para o crescimento exponencial da identidade e intervenção social de gays e lésbicas. Com Milk num cargo público inaugurou-se uma plataforma a partir da qual se podia falar, em plano de igualdade, para todo o país, politizando a questão gay e lésbica, contra o "backlash" anti-gay protagonizado pela campanha de Anita Bryant contra a proibição da discriminação com base na orientação sexual. Mas o segundo facto mais relevante terá sido, tragicamente, a sua morte em 1978. Milk foi assassinado (bem como o presidente da Câmara) por um colega de vereação. Durante o julgamento, velhos argumentos homofóbicos foram usados para desculpabilizar o homicida e banalizar a morte de Milk. O episódio da justificação do aligeiramento da pena com base na suposta influência do excesso de junk food pelo assassinato nas horas antecedentes ao crime lançaria a cidade numa fúria. São Francisco assistiu a manifestações e motins contra a decisão do tribunal, "investindo" Harvey Milk do estatuto de herói.

Estamos demasiado habituados a representar a experiência gay e lésbica através das figuras da tragédia e da vitimização, por um lado, ou da sublimação pela arte ou pelo prazer, por outro. O gay ou a lésbica internado à força, perseguido e brutalizado por bandos homofóbicos, por um lado; ou a figura de Oscar Wilde ou do hedonista sexual, por outro. Tem-nos faltado a política como esfera simbólica de representação. Sobretudo quando a política é feita, mais do que no domínio do associativismo e do movimento social, no domínio da representação democrática. Ao ocupar um cargo público, enquanto gay assumido, e dando voz e esperança aos gays e lésbicas, Harvey Milk foi um pioneiro. Foi, também, o produto de um meio, o americano, que estimula a política identitária, numa sociedade que se organiza até territorialmente desse modo. E foi alguém que levou para a política um estilo, uma retórica e uma performance com marca gay - Milk era aparentemente brincalhão, mesmo consigo próprio, provocador, irónico, sarcástico - do mesmo modo que Martin Luther King trouxera para a intervenção pública as formas e os estilos afro-americanos de comunidade, sentimento religioso, memória e resistência.

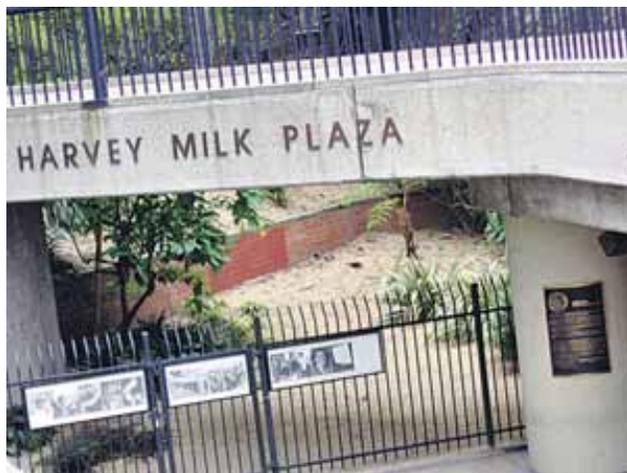
Mas Milk era um homem normal, que tinha estudado para professor de liceu, lutara na guerra na Coreia, abria o seu pequeno comércio, combatera os dejectos dos cães enquanto vereador... Como, afinal, o são praticamente todos os gays e lésbicas - homens e mulheres normais. Foi provavelmente essa normalidade que o matou - esse atrevimento de entrar na esfera pública. Tivesse ficado no "gueto", negociando a sua marginalidade, e talvez tivesse vivido para presenciar a débauche da abolição dos casamentos gay e lésbicos na Califórnia no mesmo dia em que Obama - o outro homem da Esperança - foi eleito.

miguelva@gmail.com

miguelvaldealmeida.net



Foi aqui que Harvey Milk lançou a sua candidatura a vereador da Câmara: na esquina das ruas Market e Castro, à entrada da mais famosa rua "gay" do mundo



O longo quarteirão da rua Castro entre as esquinas com a Market e a 18 é dominado pela silhueta do cinema Castro (www.thecasatrotheatre.com), que mantém intacta a traça e a lotação original e alterna ciclos temáticos com estreias comerciais



← vemos, mas foi muito duro”.

Mark Stanger concorda - “fomos dizimados pela epidemia, e muita da energia que investíamos no activismo foi desviada para a vida quotidiana” -, mas sente que essa “diluição” é também um facto natural da evolução da comunidade e da sua progressiva integração na sociedade municipal. “O que nos distinguiu enquanto comunidade era a expressão da nossa sexualidade. E agora estamos dispostos a aceitar que, apesar de a expressão da sexualidade nos distinguir efectivamente, somos uma comunidade bastante diversa e alguns de nós querem ter uma vida muito semelhante à dos nossos pais: casamento, um lar, filhos, estabilidade.”

Integração

Um desejo de normalidade, em suma, central a tudo o que Milk fez ao longo da sua curta carreira (apenas 11 meses) de vereador: integração, reconhecimento, validação, que o levou a investir-se, em 1977, na luta contra a Proposição 6, que procurou barrar a população homossexual do ensino público. David Dehner lembra-se que essa ameaça à comunidade veio trazer “uma urgência, a necessidade de nos unirmos como uma comunidade, de marcar a diferença”. A proposta foi derrotada (58 por cento contra 41,6) em eleições estatais, em grande parte devido à frontalidade instigada por Milk, que recusou “mascarar” a questão central e preferiu assumir frontalmente a discriminação anti-homossexual da iniciativa.

Uma derrota que apenas tornou mais tristemente irónica a recente vitória nas eleições estatais californianas (52 por cento contra 48) da Proposição 8, que vem inviabilizar o casamento entre homossexuais na Califórnia.

Tom Ammiano diz, com ironia: “Agrada-me a evolução de ‘OK, podes ser gay mas não podes ensinar’ a ‘OK, podes ser gay mas não te podes casar’.” Mas a questão é diferente, não ameaça a própria aceitação social da comunidade: Mark Stanger aponta que “nem todos os homossexuais acham que o casamento é algo pelo qual queiram lutar, nem todos olham para ele como um direito básico ou algo em que se queiram empenhar. Terá havido um certo ‘encostar à bananeira’ [da comunidade] na medida em que as pessoas acreditaram que não havia risco de a Proposição 8 passar. Mas creio que é um revés temporário, foi o último estertor de uma velha visão do mundo muito vocal, muito forte, muito recosa. A cultura está a mudar.”

A passagem da 8 veio reactivar a dimensão activista da comunidade como há muito não se via, com um nível de empenho que muitos desejariam ter existido durante a campanha. Para Ammiano, “a beleza da derrota está em que os protestos que se montaram foram todos orgânicos, feitos por gente jovem sem nenhuma filiação política”; Bevan Dufty diz que “se as pessoas tivessem sido expostas a este nível de protesto e raiva públicas, as coisas teriam sido diferentes”, sublinhando o “timing” “inacreditável: um filme que se tentou montar durante 25 anos ficar pronto à beira da passagem da Proposição 8, sublinhando os paralelos com a 6...”. A proposta teria sido derrotada se o filme tivesse sido estreado antes das eleições? “Não sei. Eu gostava que o filme tivesse sido estreado antes.”

Liderança

A derrota da 8 pode ser um daqueles casos em que fez falta uma liderança como a de Harvey Milk - Bevan Dufty pergunta-se “como teriam sido as coisas se o Harvey ainda fosse vereador, ou mesmo presidente da câmara, quando a epidemia da sida aterrou. Quando olho para trás, acho que tudo teria sido muito diferente se o Harvey



“O que nos distinguiu enquanto comunidade era a expressão da nossa sexualidade. E agora estamos dispostos a aceitar que, apesar de a expressão da sexualidade nos distinguir efectivamente, somos uma comunidade bastante diversa e alguns de nós querem ter uma vida muito semelhante à dos nossos pais: casamento, um lar, filhos, estabilidade”
Mark Stanger, cónego episcopal anglicano

fosse vivo”. Mark Stanger: “Não sei se, se Milk tivesse vivido ou se alguém de igual estatura tivesse surgido logo a seguir, as coisas teriam sido diferentes; tem tudo a ver com o contexto. A atmosfera poderia não ter sido tão propícia.” Mas Dufty é peremptório: “Nunca haverá outro Harvey. Haverá outras pessoas que farão coisas espantosas e quebrarão os “telhados de vidro” de outras maneiras. Não acredito que se possa recriar alguém; todos somos um produto do nosso tempo, da nossa experiência, dos desafios específicos dessa altura.”

E os desafios da São Francisco de hoje? A palavra a Mark Stanger: “Mesmo que simbolicamente, São Francisco ainda tem esse papel de farol, a comunidade gay ainda tem um papel importante. A percepção da “meca” é importante para alguns, que talvez consigam encontrar aqui a coragem de serem eles próprios que não conseguiram encontrar noutros sítios. Aqui ainda há uma hipótese de experimentar, de correr riscos, de encontrar, já não um gueto, mas uma rede de possibilidades.”

Ver crítica de filmes págs. 39 e segs.

O Ípsilon viajou com o apoio da Castello Lopes Multimedia

LUCKAS JACKSON REUTERS

Hollywood e o "major" da rua Castro

16 anos passaram entre um projecto chamado "The Mayor of Castro Street" e "Milk". É a história da relação de Hollywood com a temática "gay". Joana Amaral Cardoso

Ninguém se zangou, mas há um amargo em duas bocas nestes meses de estreia e prémios para "Milk", de Gus Van Sant. Robin Williams e Oliver Stone andaram a espreitar a rodagem, mas sem amargos de boca. Queriam ver como estava a resultar um projecto que é parente distante de uma ideia da qual chegaram a fazer parte. Os descontentes, esses são Craig Zadan e Neil Meron. Produtores ("Chicago", "Hairspray"), homossexuais, andaram 16 anos a tentar fazer um filme sobre Milk. Em apenas dois anos, Gus Van Sant, que chegou a estar ligado ao projecto anteriormente conhecido como "The Mayor of Castro Street", fez o filme que Zadan e Meron tentaram.

Zadan e Meron chegaram a falar com Daniel Day-Lewis, James Woods, Richard Gere para serem aquilo que agora é Sean Penn. Tinha lido a biografia de Milk, "The Mayor of Castro Street", escrita por Randy Shilts, e achavam que tinham de contar a história. Começaram o processo em 1991, e o primeiro a ser provocado para participar foi Oliver Stone. O estúdio seria a Warner Brothers, e a na época não tão "gay-themed" Hollywood preparava-se para fazer passar "The Mayor of Castro Street" pelo processo de "desenvolvimento".

Stone estava entusiasmado. O projecto era visto como arriscado porque Hollywood marginalizava a comunidade gay e a época era a da sida e das mortes por ela causadas. "Filadélfia" só se estrearia em

Oliver Stone e Robin Williams estiveram ligados a um projecto sobre Harvey Milk

1993 e "O Segredo de Brokeback Mountain" (2005) ainda tinha de esperar mais de uma década para encontrar a unanimidade. Entrou em cena Robin Williams, residente em São Francisco. Identificava-se com Milk, o político de Nova Iorque que encontrou em Frisco um espaço de amor e assunção. E a visão de Milk como uma figura com um registo burlesco adequava-se à "persona" de Williams.

Mas com a estreia de "JFK" Stone recebia uma chicotada da comunidade homossexual pelo retrato, no filme, de alguns conspiradores associados à cena gay. Stone abdicou do trono de realizador e trocou-o pelo da produção, chamando Gus Van Sant.

Este encontrou um obstáculo - o argumento. David Franzoni, que viria a escrever "Gladiador" para Ridley Scott e que já tinha no currículo "Jumpin' Jack Flash" (1986), tinha sido a primeira escolha de Stone, mas foram requisitados os serviços de Becky Johnston. Já corria o ano de 1993 e Van Sant não gostou dos escritos de Johnston. O realizador conta que, depois de recusar filmar aquele argumento, foi "dispensado" (15 anos depois faria o filme, já outro filme, este que agora se estreia).

Chegava a vez do realizador Rob Cohen, na época conhecido pelo trabalho em séries de televisão e por um "biopic" sobre Bruce Lee, "Dragon". A história de montanha-russa de "The Mayor of Castro Street" "espelha [a] sensibilização das consciências por que Hollywood passou nos últimos 15 ou 20 anos", rememorou Cohen ao "Washington Post". Na época, não conseguiu encontrar um protagonista. Toda a gente disse "não".

Impasse. Stone abandonou o processo. Bryan Singer foi sondado e até falou com Kevin Spacey, pensando em Brad Pitt para Dan White, o conservador que viria a matar Milk. Nesta altura o projecto já tinha passado pelas mãos de mais dois argumentistas. Spacey saiu de cena.

Entretanto, passou-se a década de 1990 e com ela os medos do papão gay. "Brokeback Mountain" fez dos seus protagonistas heróis anti-discriminação. Há três anos, o actor Steve Carell mostrou-se interessado em Milk. Parecia que era a altura para o filme acontecer, mas não. O enésimo argumentista associado ao projecto, Christopher McQuarrie, ficou ocupado com "Valquíria" e nesse impasse tudo se desmoronaria. Craig Zadan e Neil Meron tinham sido confrontados com obstáculos sucessivos, ao longo de mais de uma década, e o filme parecia estar sempre à espreita, mas em suspenso.

Mas Gus Van Sant nunca se tinha esquecido dele e Dustin Lance Black (da série Big Love) escreveu um argumento que lhe agradou. E falou com Sean Penn, que gostou da ideia. Tinha um filme. Tinha "Milk".

"Quando se tornou claro que o outro filme ia sair primeiro, sentimo-nos como se Harvey Milk tivesse morrido outra vez. Depois de termos passado 16 anos a viver com esta história, foi como estar de luto", disse Zadan ao "Washington Post".



Durante anos não se conseguia encontrar um protagonista. Toda a gente dizia "não"

PHILLOSANCHEZ/REUTERS

Craig Zadan e Neil Meron, os produtores que ficaram sem o "seu" Harvey Milk

- AMSTERDÃO** → BRIGIDA MENDES → CLÁUDIA CRISTÓVÃO
- JÚLIA VENTURA → MARIA BEATRIZ → SOFIA MOURATO
- BARCELONA** → JORGE LEAL → UIU
- BERLIM** → ADRIANA MOLDER → FILIPA CÉSAR → GABRIELA ALBERGARIA → JOÃO RICARDO OLIVEIRA
- JORGE QUEIROZ → NOÉ SENDAS → NUNO CERA → RUI CALÇADA BASTOS
- BUENOS AIRES** → ISABEL GRÖNEISEN
- COLÓNIA** → ANA LUISA RIBEIRO → SUZANNE THEMLITZ
- DIJON** → GERALD PETIT
- GRENOBLE** → AURORE DE SOUSA
- LONDRES** → BRUNO PACHECO → CARLOS NORONHA FEIO → CATARINA DIAS → EDGAR MARTINS
- JOÃO PENALVA → PAULA REGO → RUI ANTUNES
- LUXEMBURGO** → MARCO GODINHO
- MADRID** → CARLOS BUNGA
- MILÃO** → JOSÉ BARRIAS
- MONTREAL** → MIGUEL REBELO
- MÜHLHAUSEN** → ROSÁRIO REBELO DE ANDRADE
- NEWARK** → MICHAEL DE BRITO
- NEUCHÂTEL** → FRANCISCO DA MATA
- NOVA IORQUE** → ALEXANDRA DO CARMO → ANA CARDOSO → BELA SILVA
- CARLOS ROQUE → CATARINA LEITÃO → GABRIEL ABRANTES → ISABEL PAIVA → JOSÉ CARLOS TEIXEIRA → MARGARIDA CORREIA → NUNO DE CAMPOS → RICARDO VALENTIM → RITA BARRGO → RITA SCIBRAL CAMPOS → SUSANA GAUDÊNCIO
- PARIS** → ALVÊSS → AMADEO → ANA LEÓN → DACOSTA → DIOGO PIMENTÃO → JOSÉ DAVID → JULIO POMAR → MANUELA MARQUES → MARIA LOURA ESTEVÃO → RUI PATACHO → VIEIRA DA SILVA
- RIO DE JANEIRO** → RAFAEL BORDALO PINHEIRO
- SÃO FRANCISCO** → RIGO
- SÃO PAULO** → FERNANDO LEMOS
- ZURIQUE** → JORGE CAMPOS

EXPOSIÇÃO LÁ FORA

ARTISTAS PORTUGUESES

MUSEU DA ELECTRICIDADE | CENTRAL TEJO
ELECTRICITY MUSEUM | CENTRAL TEJO

Av. Brasília - 1300-598 Lisboa
www.museu.presidencia.pt | www.fundacao.edp.pt

ENTRADA LIVRE
FREE ENTRANCE

16 JANEIRO → 15 MARÇO JANUARY 16th → MARCH 15th
TERÇA A DOMINGO DAS 10H ÀS 18H TUESDAY TO SUNDAY, FROM 10 a.m. TO 6 p.m.

Co-produção Co-production:
Museu da Presidência da República | Fundação EDP





A minha geração

Uli Edel fez o retrato do grupo de guerrilha urbana que nos anos 60 e 70 aterrorizou a Alemanha ocidental. Mas "O Complexo Baader Meinhof" é também um retrato da geração a que pertence o cineasta. Desde a semana passada que é candidato ao Óscar de melhor filme estrangeiro.

Joana Gorjão Henriques, em Londres

Cinema

Uli Edel, realizador de "O Complexo Baader Meinhof", é muito claro: fez este filme para que os seus filhos, que têm à volta de 20 anos e vivem nos EUA, pudessem "compreender o que tinha acontecido". No fundo, é um pai a contar uma parte da sua história, a história de quando tinha a idade deles.

Princípio número um: este não é um filme para a geração de Uli porque "há imensos pontos de vista e não chegaria a nenhum satisfatório para toda a gente". O que se torna, aliás, óbvio depois de ver "O Complexo Baader Meinhof" - quem conhece a história das brigadas terroristas que nos anos 60 e 70 aterrorizaram a Alemanha ocidental, talvez não se surpreenda.

É, portanto, um filme com marcas afectivas mas também geracionais. O realizador (nascido em 1947) fala ainda com os pais que viveram o nazismo e contra quem estes "filhos radicais" lutaram, a quem esta Alemanha perguntou o que aconteceu mas não teve resposta. "Ficámos com vergonha dos nossos pais, aquilo não podia voltar a acontecer. E daí veio muita raiva e daí vieram as RAF [Facção do Exército Vermelho, outro nome para os Baader-Meinhof resultante dos

apelidos de Andreas e Ulrike]. Temos que perceber porque é que foi tão difícil os alemães lidarem com o passado fascista", diz ao Ipsilon, num encontro com a imprensa internacional em Londres, onde estiveram também os actores Martina Gedeck (Ulrike) e Moritz Bleibtreu (Andreas).

Geração é, aliás, uma palavra sempre presente, até porque os fundadores dos Baader-Meinhof, Uli Edel e o produtor e argumentista Bernd Eichinger pertenciam todos à mesma. Foram as suas paixões e "sonhos" que o realizador quis pôr em cinema - porque antes da escalada de violência os Baader-Meinhof mobilizaram jovens através das palavras, através da ideia de resistência ao "imperialismo norte-americano" com quem o Estado alemão pactuava, acusavam.

É também por isso que no início do filme - candidato ao Óscar de melhor filme estrangeiro - acompanhamos a formação de um grupo, que começou com o par Andreas Meinhof e Gudrun Ensslin, mas acompanhamos sobretudo o ar de um tempo, o Maio de 1968.

Ulrike Meinhof (Martina Gedeck) era ainda jornalista na revista

"Ficámos com vergonha dos nossos pais, aquilo não podia voltar a acontecer. E daí veio muita raiva e daí vieram as RAF"

"Konkret" e fazia os seus primeiros protestos (contra a visita do Xá da Pérsia a Berlim em 1967, onde um estudante foi morto pela polícia; contra o Vietname...). Uli Edel lia "religiosamente" o que ela escrevia numa altura em que ainda não tinha percebido que a violência não era apenas teoria. Só mais tarde, quando os Baader-Meinhof "foram para a rua matar sem misericórdia", é que percebeu que eles "falavam a sério".

Com argumento a partir do livro de Stefan Aust (até há pouco editor da revista "Der Spiegel"), considerada por alguns a obra mais completa sobre o grupo que foi responsável por mais de 40 mortes, "O Complexo Baader Meinhof" começa em 1967 e pára no momento em que a chamada segunda

Em baixo, Uli Edel, o realizador que quis fazer o filme para contar aos filhos o que se passou na Alemanha quando tinha a idade deles



geração das RAF toma o poder, depois de Ulrike (em 1976), Andreas e Gudrun (em 1977) se terem suicidado na prisão. Torna-se óbvio para o espectador que o realizador tem menos simpatia pela segunda geração das RAF - a mais violenta e responsável pelo "Outono Alemão" de 1977, em que assassinaram o industrial Hanns-Martin Schleyer e desviaram um avião da Lufthansa com a ajuda de um grupo palestino.

É justo dizer que fica do lado da primeira geração dos Baader-Meinhof?

Sim, é. A história de Ulrike é uma tragédia. Ela estava num conflito horrível, fez coisas horríveis e lixou tudo, mas identifiquei-me com ela.

Lembra-se como jovem estudante de ter ficado fascinado com os Baader-Meinhof?

Sim, fiquei fascinado por eles em 1968 quando [Andreas Baader, Gudrun Ensslin e outros] incendiaram os armazéns em Frankfurt. Foi um "statement" político. De Gudrun e Andreas, em 1969, não sabíamos muito. Ulrike Meinhof era famosa, inteligente, mais velha dez anos do que eu. Ulrike era também um pouco velha para aquela geração: Andreas tinha 24, ela já tinha 33, o tempo de estudante já tinha passado, estava no meio da carreira profissional.

[Numa ronda de entrevistas com jornalistas de vários países, Martina Gedeck, a atriz que interpreta Ulrike, descreve-a como alguém que se "atrevia a dizer o que mais ninguém dizia". "Tinha uma forma muito directa de criticar o Governo. Era uma personagem intrigante, as pessoas adoravam-na".]

Em 1971, 20 por cento dos jovens com menos de 30 anos expressaram a sua simpatia para com os Baader-Meinhof, segundo o Institut Allensbach. Além da sua simpatia para com Ulrike, fazia parte deste grupo?

Absolutamente. Mesmo com os assaltos, despertavam simpatia... Era o capitalismo. Foi por isso que tentei realizar o filme de modo a passar essa ideia. Havia um lado divertido.

Inclusivamente há quem lhes chame o primeiro grupo "radical chique".

Sim, eram uma espécie de estrelas rock. Gudrun tinha até entrado num filme. E sabia como vestir-se, mesmo durante o julgamento, em Frankfurt. Eles eram um "happening" político, provocativo, encenado, com comportamentos subversivos para a sociedade burguesa. Gradualmente isso mudou, por isso tentei que o público ficasse tão confuso quanto eu em 1972.

[Martina Gedeck confessa que entende "as origens deste tipo de violência". Lembra que naquele tempo a Alemanha ainda era uma democracia rígida e conservadora, que o nazismo ainda estava muito presente na cabeça das pessoas, sobretudo de quem o viveu. Foi por isso que a geração dos Baader-Meinhof "teve que explodir para os impressionar". "Os Baader-Meinhof perguntavam: por que é o Estado se permite ser violento?" E a essa violência responderam com violência."]

No filme passa a imagem de que as mulheres são a força intelectual dos Baader-Meinhof, quer na primeira geração, com Ulrike e Gudrun, quer na segunda, com Brigitte Mohnhaupt. Quis sublinhar o papel delas?

Não quis sublinhar, quis contar a verdade. Sessenta por cento dos Baader-Meinhof eram mulheres - havia, nas duas gerações, mais mulheres do que homens. Falei com ex-soldados terroristas e eles disseram-me repetidamente que o verdadeiro nome devia ser Meinhof-Ensslin-Mohnhaupt. Essas



Em cima, Andreas na prisão, ao lado, Ulrike, a jornalista, e em baixo Gudrun durante um treino na Jordânia. Elas são a força intelectual dos Baader-Meinhof

mulheres é que eram os cérebros. Andreas Baader nunca quis discutir coisas, sempre as quis fazer.

[Moritz Bleibtreu, que interpreta Andreas, fala dele como um mito, alguém que ninguém conhecia bem e conta que nem sequer existem registos de som ou de vídeo dele (à excepção das gravações áudio do julgamento). Perguntamos-lhe o que achava do facto de Andreas ser visto mais como figura violenta e menos intelectual. Responde que Baader sempre assumiu que não era político: não escreveu manifestos, não fez grandes discursos. "Era muito narcísico, adorava que olhassem para ele. Também acho que muita da sua agressividade era por se irritar muito com esta coisa teórica. Estava na moda ser muito intelectual e ele não era assim. Acho que pensava: 'Toda a gente fala de muita coisa, mas ninguém faz nada, portanto vamos fazer.'"]

Porque é que acha que havia essa predominância de mulheres?

É difícil dizer. Acho que isso terá também muito a ver com Andreas Baader. Ele tinha um certo magnetismo. Por que estavam lá tantas mulheres? Não sei. Talvez as mulheres fossem capazes de ir em frente, como Ulrike. Ela era muito inteligente. Sabia para onde ia? Sim, sabia. Suicidou-se por causa das suas ideias ou porque queria acabar com aquela vida? Há muitas razões.

Considera-os uma guerrilha urbana ou terroristas?

Eles consideravam-se uma guerrilha urbana, o seu pensamento veio das ideias sul-americanas, de Che Guevara. E também o nome terrorista não tinha o significado que tem hoje.

Veio dessa tradição mas no seu pensamento tinham algumas ideias parecidas com o que a Al Qaeda é hoje - isto em relação às acções, porque as ideias eram diferentes.

Qual era a verdadeira filosofia deste grupo, que se costuma definir em duas linhas?

A verdade é que eles não tinham uma filosofia. Havia esta ideia de que o capitalismo iria levar ao fascismo. Tivemos o Holocausto mas nessa altura o Vietname era visto como um Holocausto, achávamos que eles [os americanos] não iriam parar até que toda a população estivesse morta. Era um objectivo lutar contra uma guerra. Mas assim que começaram estes atentados os alemães ficaram contra. Depois voltou a mudar um pouco quando Holger Meins [membro das RAF] morreu depois da greve de fome - isso foi uma coisa que me tocou imenso. Quis mostrar também ao público a simpatia que ele gerou.

[Sobre a questão ideológica, Martina Gedeck considera que, como comunista, Ulrike acreditava na justiça e acreditava que o grupo iria fazer uma revolução. Mas nota que os Baader-Meinhof não tinham planos claros, até porque nunca os escreveram. "Se aquilo tivesse funcionado, não sei o que teria acontecido. O grupo era muito dividido, caótico. Eram claros quanto à teoria, não quanto à prática. Queriam fazer qualquer coisa muito forte, queriam ser melhores que os pais."]

Disse que queria fazer este filme para os seus filhos, não para a sua geração que tem opiniões muito diferentes e controversas sobre os Baader-Meinhof. O seu filme tem tese?

Isso é qualquer coisa que esperava: que o filme tocasse os meus filhos que são completamente apolíticos. Há muitas coisas que a Ulrike diz no princípio que ainda continuam a ser verdade, quando fala sobre o que é a resistência, o que é protesto, sobre a ideia de que nada tem que ser como é, de que tudo muda, de tudo o que é criado pelo homem pode ser mudado pelo homem. Os meus filhos apanharam essa ideia. Queria fazer



"Eram uma espécie de estrelas rock. Gudrun tinha até entrado num filme. E sabia como vestir-se, mesmo durante o julgamento, em Frankfurt. Eles eram um 'happening' político, provocativo, encenado, com comportamentos subversivos para a sociedade burguesa. Gradualmente isso mudou, por isso tentei que o público ficasse tão confuso quanto eu em 1972"

um filme em que se percebesse que sim, que podemos mudar as coisas. Só que neste caso é errado, torna-se uma tragédia - o filme torna-se uma tragédia na segunda parte.

Tudo no primeiro diálogo entre Gudrun e Ulrike é bom. Quando Ulrike diz: "Não aceito que nada pode ser feito. Não somos como os nossos pais que não ofereceram resistência, não foram dizer o que pensavam. Temos que fazer qualquer coisa, não o fazer é um crime." São grandes frases e acho que os meus filhos podem aprender coisas daí.

Viu outros filmes sobre os Baader-Meinhof, como "Alemanha no Outono" [um filme em episódios, em que uma série de cineastas, como Fassbinder, Alexander Kluge, Edgar Reitz ou Volker Schlöndorff, tiram o retrato à Alemanha do seu tempo - estávamos em 1978]?

É muito datado... A única parte boa é de Fassbinder, em que ele está no seu apartamento, a beber, a falar com a mãe dele, está completamente a revelar-se ao público - e vê-se o conflito entre duas gerações. Há alguns filmes sobre os Baader-Meinhof, mas nunca tentam mostrar a ligação dos acontecimentos nesses dez anos.

Têm aparecido uma série de filmes que olham para o passado alemão, como o seu, "A Queda" e "A Vida dos Outros". Ajudam a redefinir a história alemã?

Na Alemanha há uma necessidade de saber. Esta parte da História nem sequer estava no currículo das escolas na Alemanha. Como é que é possível que os estudantes não saibam nada sobre estes dez anos? Este filme abriu alguma discussão e gerou interesse. Os meus filhos estavam perplexos, como é que isto aconteceu? Sim, acho que ajuda.

Como é que os alemães lidam com este momento particular?

Há muitas coisas que são postas em cima da mesa mas há muita coisa que se põe debaixo do tapete. A Alemanha não tem muita tradição de falar, os meus pais nunca falaram da II Guerra.

O facto de simpatizar com a Ulrike...

...por momentos. **Mas admitiu que ficava com ela.** Sim, que a tentava compreender. **... não teme que possa ser visto como justificação do terrorismo?** Bruno Ganz disse-o muito claramente. Não se trata de o justificar. Para lutar contra o terrorismo tem que se perceber o que o motiva. E tem que se mudar a situação política, porque de outra forma o terrorismo continua. O terrorismo existe porque existem determinadas condições políticas. O que tento mostrar é o que os motivou, quais foram as razões deles. Não se trata mesmo de simpatizar com o terrorismo.

O Ípsilon viajou a convite da Luso-mundo

Ver crítica de cinema pág. 39 e segs.

De quando em quando Mónica Marques pára a meio de uma frase e diz: "Não sou muito boa nisto." Depois acrescenta: "Acho que sou melhor a escrever." É natural que ela não se sinta muito boa "nisto" de se explicar: acabou de lançar "Transa Atlântica" (Quetzal), o seu primeiro romance, e "isto" de dar entrevistas não costuma ser o seu dia-a-dia.

Mónica é uma mulher bonita, de 38 anos e sorriso largo. Sejam os honestos: só o sabemos pela badana do livro ou pelas fotografias de promoção, porque a conversa que mantivemos com ela foi por telefone - ela vive no Rio de Janeiro há muitos anos.

Cresceu em Portugal, era "uma rapariga de classe média típica" que, tal como Marta, a personagem do seu romance, estudou na Escola Secundária de Benfca. Ela acrescenta que o seu liceu "era mesmo como estava no livro", e o que está nessa parte são

pequenos retalhos da vida adolescente, os primeiros encontros sexuais, muitas dúvidas e sentimentos de culpa.

Durante uns anos, Mónica foi jornalista no "Sete" e escreveu sobre culinária no "Diário de Notícias" - "foram anos óptimos", diz - e depois emigrou para o Brasil onde casou e foi mãe de dois filhos. Quando lhe perguntamos qual a sua profissão actual, a resposta vem entre risos: "Não estou a trabalhar em nada." Há uma ligeira pausa, dificuldades com a ligação intercontinental, depois ouvimo-la acrescentar meio em tom de justificação: "Eu acho que sou uma burguesinha. Mas eu não vejo mal nenhum nisso."

Não há muito sotaque brasileiro na voz de Mónica Marques, ao contrário do que acontece no livro, em que o português do Brasil contamina o português de Portugal - e essa estranha língua mulata cheia de virotes e ter-

mos exóticos anda aos trambolhões com a nossa língua burocrática e é atravessada constantemente pelo recurso a expressões idiomáticas inglesas. Ela escreve, imaginamos, como se fala hoje no Brasil, ou como uma portuguesa radicada há muito no Brasil falaria.

O sonho de uma mulher burguesa

Retratar Mónica, como fizemos acima, em termos de classes sociais não é de todo despropositado. "Transa Atlântica" é um romance sobre o tédio burguês feminino, uma espécie de derivação tropical do famoso tema balzaquiano: uma mulher, casada e que vive às custas do marido, vai caindo numa lenta espiral de (interpretação nossa) tédio ou solidão, envolve-se com um homem que vive no outro lado do Atlântico (isto é, em Lisboa) e para sair desse vórtice escreve um

romance sobre o romance amoroso que viveu (uma parte do livro, note-se, são as angústias de Marta para escrever).

"É o sonho de uma mulher burguesa", diz, não sem ironia. "É [um livro] sobre o que acontece quando se chega a uma certa altura da vida. E nesse sentido é autobiográfico, porque chega um momento em que pensas: 'Que raio de merda é esta que estou a viver?'"

A questão da autobiografia tem estado levemente em cima da mesa nos blogs e jornais. Antes de mais porque a linguagem sexual - quando surge - é relativamente explícita. A título de exemplo, quando o marido de Marta toma Neuzinha, uma mulatinha com que se envolve, esta diz-lhe: "Na xota não, eu quero casar virgem." E, na página 84, a protagonista confessa: "(...) Nunca tinha batido uma siririca. Trinta anos e sabia lá o que era bater uma siririca."

Neurose tropical

"Transa Atlântica" não é apenas o retrato de uma portuguesa que vive no Brasil, casada e com demasiadas horas livres, que arranja um amante português e descarrila sob o peso da culpa. É também uma dissecação da distância entre duas culturas. *João Bonifácio*



(Só por isto o Brasil seria um país extraordinário: “siririca” é o termo específico para o acto de masturbação feminina e quantos países têm um termo específico para masturbação feminina?)

Mais que explicitamente sexual, o que temos é uma escrita sobre a intimidade com um descaramento que é raro na literatura portuguesa. O que, visto “Transa Atlântica” ser escrito na primeira pessoa, tem levado a algumas confusões: “É curioso perguntarem-me: ‘O que é que os teus pais pensaram do livro?’” Isto, diz Mónica, é demonstrativo do que é ser portuguesa, dessa pequenez. “Acho que antigamente as pessoas que escreviam não eram vistas como pessoas normais. Virem perguntar-me como é que os meus pais reagiram ao livro só acontece porque sou portuguesa e mulher. Partem do princípio que o livro é autobiográfico e que uma portuguesa normal não pode viver aquilo.”

Há, contudo, semelhanças entre Mónica e Marta: “O livro tem muito daquilo que eu sou, dos meus conflitos, dos meus desejos, dos meus medos. Mas, no que diz respeito aos factos, é, infelizmente, muito ficcionado.”

Diz isto a rir-se e depois explicita as razões do riso: “Há coisas que estão ali que eu gostava de ter vivido, como aquele “ménage”, coisas que gostaria de ter coragem de as viver.” Ela está a referir-se a um momento em particular do livro, em que Marta e o marido se envolvem num clássico “ménage a trois” com “uma actriz, bonitinha vinte e tais” [anos]. “Mas hei-de ter coragem de as viver”, acrescenta.

O corpo no Brasil e em Portugal

Que o “ménage a trois” não induza em erro, “Transa Atlântica” é até bastante escasso em descrições desse calibre e o envolvimento de Marta com o português é vivido, pela protagonista, de forma ambígua: libertação, por um lado, culpa por outro. A culpa burguesa, a culpa católica, que atiram aquela mulher para um vórtice de desamparo que a leva, entre outras coisas, a procurar videntes.

“Para muita gente aquele caso [no sentido de “affaire”] foi uma coisa pequena, mas para ela foi dor. Há uma culpa, que vem da pequenez dela, que vem do seu país de origem, que tem tudo a ver com Portugal.”

O livro é explícito nesse sentido: há formas diferentes de viver o corpo em Portugal e no Brasil.

Lentamente, tudo no livro se vai reduzindo apenas a Marta, ao ponto de praticamente não haver referências ao amante ou ao caso que mantêm do outro lado do Atlântico, restando apenas Marta e o Rio de Janeiro, aqui retratado com deslumbramento - é também um livro de amor a uma cidade.

“Eu acho que Marta é uma solitária. Ela tem vontade de partilhar o que lhe aconteceu, mas sente um ‘gap’ [sic] entre a forma de ela ver o mundo e a forma de ver o mundo dos que a rodeiam. Há um momento em que ela pensa em ligar [telefonar] a alguém e não encontra ninguém, porque pensa que a podem julgar.”

Como todo o livro sobre o tédio burguês, é um romance “sobre a culpa, culpa que não tem fim, que só sai com tratamento” (no romance, Marta tem um psicanalista). Mónica volta à questão Portugal “versus” Brasil: “É uma sociedade muito culpada [Portugal]. No Brasil não há tanto essa culpa.”

Uma boa parte da graça do romance vem exactamente dessa ambiguidade: Marta quer ser como as brasileiras, quer ter as bundas das brasileiras, sente-se menor do que as brasileiras (porque não tem aquelas bundas), mas não consegue deixar



“É o sonho de uma mulher burguesa”, diz, não sem ironia. “É [um livro] sobre o que acontece quando se chega a uma certa altura da vida. E nesse sentido é autobiográfico, porque chega um momento em que pensas: ‘Que raio de merda é esta que estou a viver?’”

de ser portuguesa. “O livro é uma neurose, sim.”

E por que é um livro sobre uma neurose, um processo de queda (muito feminino, com cremes esfoliantes, idas às compras, deitar-se na praia a mirar bunda), o que vamos sabendo de Marta não é dito explicitamente no romance: não há uma narrativa linear, antes estamos dentro da cabeça dela, pelo que a informação não nos é entregue de forma directa, vai sendo depositada às migalhas. “Isso é completamente deliberado”, diz Mónica. Ela manifesta-se contente com a pergunta: “É porque o livro não está tão mal escrito assim.”

As dúvidas de Mónica acerca do valor do livro são naturais: escrever um romance não foi ideia dela. Mónica apenas mantinha um blogue, Sushi Leblon - Um blog da diáspora blasé [http://sushileblon2.blogspot.com] que era regularmente lido por Francisco José Viegas (responsável pela colecção Língua Comum da Quetzal). Foi ele que a convidou a escrever um romance (não especificamente este, apenas um), insistindo a cada vez que ela dizia que não conseguia.

Com humildade, Mónica reconhece ter tido “dificuldade em manter a narrativa e ir fechando as pontas soltas a tempo”. Isto, diz, “não é um estilo”, mas sim “um defeito” que espera corrigir em próximo livro. “Tentei ir deixando coisas em aberto e depois ir fechando, mas acho que não está bem feito.”

O resultado final não é “diáspora blasé”. É neurose tropical.

Ver crítica ao livro em www.ipsilon.pt ou na edição de 16/01

INSJ TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO PORTO

Teatro Nacional São João **6-22 Feb 2009**

CAFÉ
DE RAINER WERNER FASSBINDER

DIRECÇÃO NUNO M CARDOSO

tradução: Cláudia J. Fischer
direcção: Nuno M Cardoso
com a colaboração de Ricardo Pais
música: VortexSoundTech

desenho de luz: Rui Simão
preparação vocal e elocução: João Henriques

interpretação: Fernando Moreira
Joana Manuel
João Castro
Jorge Mota
José Eduardo Silva
Lúcia Roque
Marta Freitas

Paulo Freixo
Pedro Almeida
Pedro Fraz
e TelesmaM
(música ao vivo)

tel: 251 81 38
dom: 16 00
Bilhetes:
Frac. TNSJ, TeCa,
www.ticketline.pt,
www.platasta.ijol.pt

M/12 anos
Info: 800-10-8075 www.tnsj.pt

INSJ TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO PORTO

Teatro Carlos Alberto **30 Jan 28 Feb 2009**

A PALMILHA DENTADA
uma criação de teatro de Carlos Alberto

de Ricardo Alves, Solteirinho Mais
encenação: Ricardo Alves
direcção de actores: Rodrigo Santos
direcção musical: Alfredo Teixeira
Rodrigo Santos
música original: Alfredo Teixeira
Carlos Adolfo
Jilide Simões
João Lúcio
Manel Cruz
Rodrigo Santos
Rui Lima e
Rodrigo Martins
diseño plástica: Sandra Neves
figurinos: Sónia Santos
Miguel Barros
movimento: Vera Santos
desenho de luz: Pedro Vieira
de Carvalho
ajuste de encenação: Paulo Calatré
preparação vocal: João Henriques

co-produção:
Teatro da Palmilha Dentada, TNSJ

interpretação:
Anabela Móbrega
Daniel Pinto
Ivo Bastos
Joana Carvalho

Nuno Preto
Patrícia Quetças
Paula Calatré
Rodrigo Santos

ESTREIA ABSOLUTA

ter-sáb 21:30 (e um...)
dom 16:00 (e um...)
M/12 anos
Info: 800-10-8075

Bilhetes:
Frac. TNSJ, TeCa,
www.ticketline.pt,
www.platasta.ijol.pt

www.tnsj.pt

Teríamos de estar demasiado deprimidos para achar que “A Cidade dos que Partem”, primeira produção em grande escala do Teatro da Palmilha Dentada ao fim de oito anos de produções de rua, vão de escada e café-teatro, é um musical sobre o Porto.

Ainda não estamos demasiado deprimidos mas mesmo assim, olhando de frente (sem mãos, sem pés, e no fim já um bocado sem dentes) para este musical (com estreia hoje, no Teatro Carlos Alberto) em que as pessoas vão fazendo as malas, saindo, e batendo com a porta por não haver nada a esperar do sítio onde vivem (e muito menos do presidente da câmara que têm), achamos que este é um musical sobre o Porto - e não é “wishful thinking”, é exactamente o contrário. Esta é a cidade em que os musicais - os de La Féria, no Rivoli, e os que vieram a seguir - são a continuação da política por outros meios.

É preciso ter-se ficado - a ver os outros saírem e a tapar os ouvidos para não estremecer com o estrondo de cada vez que alguém bate com a porta - para saber que sim, confirme-se, o Porto deu um musical, e isso é uma segunda cidade a acabar mal, pior, muito pior, do que quando a vida lhe deu tripas. Porque aí fez-se a elas e acabou a comer feijoada (não estamos a divagar: estamos a ir directos ao assunto, porque “não se pode compreender a história da cidade sem compreender a resiliência que a história das tripas implica”, como diz a dada altura um dos habitantes da cidade da Palmilha Dentada).

Podia ter dado uma conversa de café, em vez de um musical - Ricardo Alves era homem para ter condensado isto num comíciozinho de 15 minutos, mas “obviamente ninguém estaria interessado” em perder 15 minutos com os problemas do Porto, a não ser que houvesse alguma coisa (algum “entertainment” para o caminho, por exemplo) a ganhar com isso. Aqui há um comíciozinho de 15 minutos em que um primeiro-ministro de gravata vermelha e um presidente da câmara de fato cinzento, ambos vagamente familiares, apresentam “a primeira máquina de felicidade do mundo, que será instalada na cidade”, e depois aceitam responder a perguntas, desde que colocadas por escrito. E há “entertainment” para duas horas - se é que tem alguma piada, isso de nos vermos ao espelho e percebermos que já não somos muitos.

Ajuste de contas

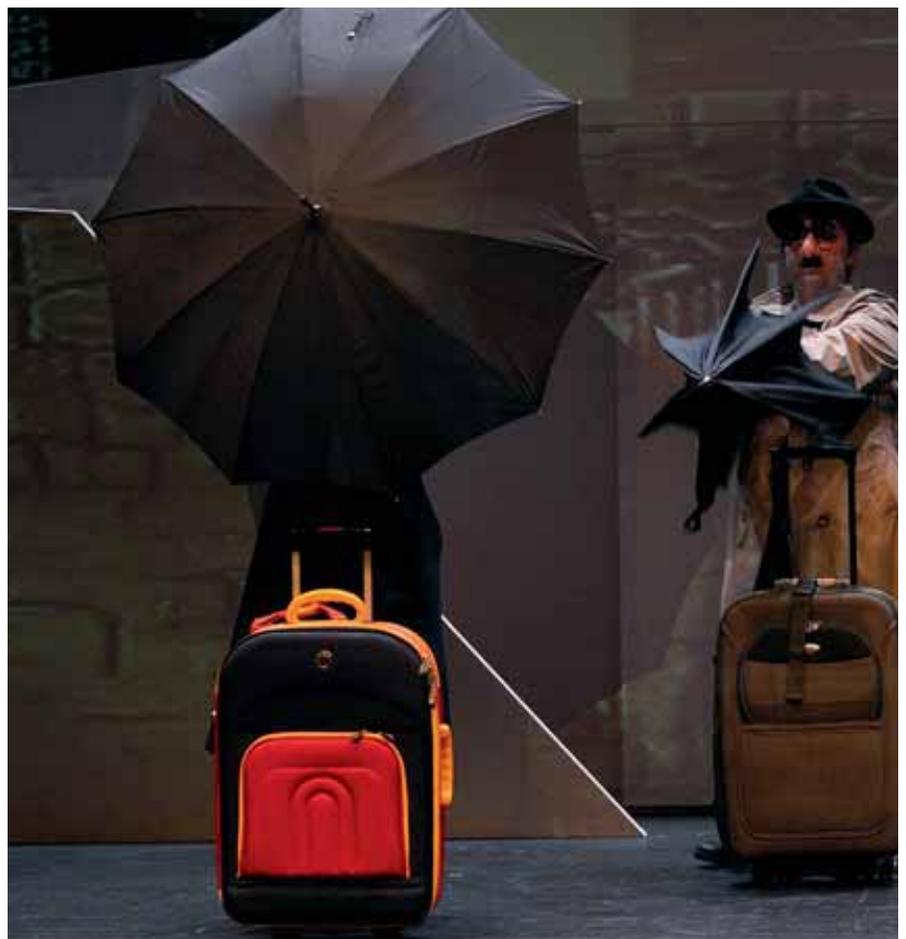
Tirando a parte (as partes: são muitas) em que é (ou em que, mesmo não sendo, parece) uma sucessão de “gags” (foi a fazer “gags” que a companhia de Ricardo Alves chegou onde está hoje), “A Cidade dos que Partem” é o auto-de-fé que a Palmilha Dentada tinha que fazer, numa cidade com tanta lenha para uma companhia de

teatro se queimar. “A mensagem política disto, essa que podíamos reduzir a uma conversa de 15 minutos, é que no fundo somos todos responsáveis, porque as dinâmicas colectivas são feitas de vontades individuais - e porque, na verdade, há coisas que crescem apesar do desinvestimento e da apatia contabilística da câmara. Nós é que nos refugiamos demasiadas vezes no desejo de mudança - ou então usamos a conjuntura como desculpa para os sonhos adiados”, explica Ricardo Alves, autor deste texto (e de todos os anteriores) da Palmilha Dentada.

Eles não foram embora - são os que ficaram, para o bem ou para o mal, ao contrário de Carlos Anunciação, o herói do nosso musical: “Ficamos apáticos e ficamos os que têm fé. As pessoas que estão no meio, entre um estado e o outro, precisam de sair. Normalmente partem os melhores - mas os melhores podiam, em vez de partir, fazer alguma coisa pelo sítio de onde vêm” (como os compositores a quem a Palmilha encomendou as canções deste musical: Alfredo Teixeira, Carlos Adolfo, Hélder Gonçalves, João Lóio, Manel Cruz, Rui Lima e Sérgio Martins).

É essa a parte em que nos vemos ao espelho, e em que é pior do que imaginávamos (dissemos auto-de-fé, e mais uma vez não estávamos a divagar: “Quis começar por evocar a tradição popular das queimas do judas e das serrações da velha, em que as pessoas aproveitam para ajustar contas - porque no fundo este espectáculo também é um ajuste de contas. Na aldeia esses ajustes de contas acontecem em datas marcadas, e têm a vantagem de ser colectivos, mas na cidade às vezes também temos necessidade de chamar as coisas pelos nomes. Perdeu-se esse lado comunitário e por isso é nas cidades que a cidadania está mais morta. Aqui é mais fácil ser-se anónimo, é mais fácil desresponsabilizarmo-nos em relação ao rumo que as coisas levam”.

Estamos, e não estamos, a falar do Porto: também estamos a falar deste país da União Europeia que se inclinou tanto para o lado para que está virado (o litoral, onde vive 75 por cento da população) que qualquer dia se parte mesmo em dois. “O estrangulamento que as pessoas sentem na aldeia é o mesmo que as pessoas sentem na cidade, a outra escala. Eu parti do Porto para escrever este musical, porque foi isso que o Ricardo Pais pediu quando nos convidou para esta co-produção com o Teatro Nacional S. João (TNSJ), mas o problema não é específico da cidade. O Porto tem o problema de ter o presidente da câmara que tem e a crise dos têxteis que tem e que faz com que o desemprego no distrito seja mais profundo do que no resto do país. A insatisfação no Porto é grave, a sangria no Porto é



grave, mas a falta de investimento no interior ainda é mais grave”, continua.

De resto, esta máquina da felicidade não é necessariamente uma metáfora dos musicais La Féria: também podemos olhar para ela e ver o brilharete dos computadores Magalhães na XVII Cimeira Ibero-Americana. Estamos todos - dentro e fora do Porto - nesse mesmo barco.

Contra o teatro pelo teatro

É estranho para nós, e também é estranho para eles, o Teatro da Palmilha Dentada ter vindo parar ao TNSJ, depois de tantos anos off-Broadway, digamos assim. “Há uns anos não seríamos a escolha mais óbvia para uma co-produção com o S. João. A maior parte das pessoas acha que há qualquer coisa de errado num grupo de teatro muito giro que faz um trabalho muito cómico. Se calhar é por termos uma tradição de teatro excessiva-

mente brejeira - e por haver uma glorificação da criação excessivamente intelectual, quando todo o trabalho de sapa está por fazer”, argumenta Ricardo Alves, “o mais ‘entertainer’ dos criadores teatrais do Porto” (tornou-se contracultural, diz ele na entrevista incluída no programa, “fazer um teatro que se preocupa em comunicar com o público”, e isso é mais absurdo do que todos os espectáculos da Palmilha Dentada juntos).

O que eles fazem - desde a primeira saída à rua, em 2001, com “Os Piratas do Fio d’Água”, ao programa de rádio que produziram para a Antena 1 e à série de espectáculos literalmente de culto que criaram para a Tertúlia Castelense, para todos os efeitos um bar de subúrbio - seria “stand-up comedy” se não tivesse uma ideia de teatro em cima (e actores, do núcleo duro formado por Rodrigo Santos e Ivo Bastos em diante).

Não lhes interessa ter discussões



Eles não sabem o que é que vai acontecer no dia em que estiverem Sabemos nós. “A Cidade dos que Partem” é uma peça séria do princípio tem saído a bater com a porta. É para lá que vamos, cantando e



“Continuamos a fazer espectáculos para pessoas que não gostam de teatro, porque eu também não gosto de teatro: mais do que um projecto artístico, isto para mim é um projecto de intervenção cívica”

epistemológicas acerca disso: “Ninguém vem ver a Palmilha para ver teatro; as pessoas vêm ver a Palmilha para ver a Palmilha.” O público deles é um público à parte - deram-se ao trabalho de perguntar, e perceberam que 70 por cento dos espectadores não têm o hábito de ir ao teatro.

Agora que eles estão no Carlos Alberto, alguma coisa muda. “Mudam os meios, obviamente, e isso é determinante porque sempre acreditámos em fazer coisas com poucos meios, e muda a visibilidade. Mas a pressão é exactamente a mesma. Continuamos a fazer espectáculos para pessoas que não gostam de teatro, porque eu também não gosto de teatro: mais do que um projecto artístico, isto para mim é um projecto de intervenção cívica. Gosto de alguns espectáculos de teatro - exactamente como não gosto de frango, gosto de alguns pratos de frango. Uma das coisas que lamento é que se tenha perdido o hábito das pateadas em Portugal, porque as pateadas são fundamentais para o crescimento dos próprios espectáculos. Sou conhecido por sair muitas vezes do teatro a meio das peças. Não tenho paciência nem tenho de ter - e é mau, para quem está no palco, que sejamos condescendentes”, sublinha Ricardo Alves.

Também é mau, para quem fica, que toda a gente se vá embora. Eles ficaram e, subitamente, deixaram de estar sozinhos: “Não somos pais da nova geração de micro-companhias do Porto coisíssima nenhuma - a não ser neste discurso de que o melhor é fazerem-se à vida, porque aqui ninguém dá nada a ninguém. Pais são as escolas de teatro - e este desaparecer de tudo que faz com que as novas companhias tenham desistido de estar à espera e passado a fazer coisas.”

Isso, que já é outra história (a história deles, e das companhias que vieram a seguir), também dava um musical - mas não era este.

Ver agenda de teatro pág. 37



Porto

aqui tão perto

deprimidos e fizeram uma peça séria do princípio ao fim. ao fim - sobre esta cidade, o Porto, de onde tanta gente rindo, com o Teatro da Palmilha Dentada. *Inês Nadais*

Informações: 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cgad.pt - www.culturgest.pt
 Bilheteira à venda Culturgest: Bliss, Frac, Livrarias Bultosa (Ceiras Parque), Lojas Abreu, Worten e www.ticketline.sapo.pt - Reservas: 707 254 234. Preço único até aos 30 anos 5 Euros



Hootenanny

Comissário: Ruben de Carvalho

Mike Seeger
Música - Ter 3 - €5

Appalachian Roots
Ira Bernstein e Riley Baugus
Música/Dança - Qui 5 - €5

Tony Trischka
Double Banjo
Bluegrass Spectacular
Música - Sáb 7 - €18

American Patchwork - Appalachian Journey
De Alan Lomax
Cinema - Seg 2 - Entrada gratuita

Dreadful Memories
The Life of Sarah Ogan Gunning
Cinema - Qua 4 - Entrada gratuita

Flatpicking e fingerpicking
A guitarra de Doc Watson: uma antologia
Cinema - Sex 6 - Entrada gratuita

MÚSICA/CINEMA/DANÇA DE SEG 2 A SÁB 7 FEVEREIRO - 21h30 - M12

METROPOLITANA
ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

CCB DANÇA

GRANDE AUDITÓRIO - 21H

6 E 7 FEV

AMJAD

LA LA LA HUMAN STEPS

Amjad parte dos elementos do ballet que residem na memória colectiva e dedica-se à sua desconstrução de uma forma arrojada e inovadora.

PARA TODOS WWW.CCB.PT
BILHETEIRA ONLINE - TRAGA O SEU BILHETE DE CASA

BILHETES À VENDA: WWW.TICKETLINE.PT | WWW.PLATIA.PT | LOJAS FRAC | LOJAS ABBEY | LOJAS BLISS | LOJAS SUSSENER | EL CURSÉ INGLÉS | ARCADE MARKET | AGÊNCIA ARRY | AGÊNCIA ACQUARATI | LOJAS RARAS | BERTHARDT | BULTOSA | ESTEREO PARQUE | ALMOCORR | BILHETERIAS CCB - 21 791 11 444

A malta do bairro não quer parar

Nove actores vindos da Cova da Moura e uma peça sobre uma mulher que decide parar - é daqui que nasce o novo projecto da associação cultural Alkantara. Não é fácil ir ensaiar depois de um dia de trabalho num hospital ou numa fábrica. Mas eles não querem parar.

Alexandra Prado Coelho



Teatro

O que mais custa a Bela é ficar parada o tempo todo. Na peça que o grupo Nu Kre Bai Na Bu Onda apresenta no espaço Alkantara, coube a esta caboverdiana de 24 anos e ar sereno o papel principal. Ela é Marta, a mulher que um dia decide parar e ficar apenas sentada numa cadeira em "A Mulher Que Parou", peça que estreia a 5 de Fevereiro, no espaço Alkantara, em Lisboa.

"Ao princípio era difícil, mexia sempre as mãos ou os pés. Sou muito activa, é raro parar", conta durante a pausa para um lanche, ao princípio da noite, antes de começarem os ensaios. Junto a uma mesa comprida encostada à parede, os outros actores vão preparando sandes, tirando café, olhando para as folhas com o texto que têm que decorar.

Todas as noites eles juntam-se nesta sala, dividida entre um bar e um cabeleireiro africano, para contar a história da mulher que um dia desorientou todos os que viviam à sua volta

Estão ali para contar a história de uma mulher que pára (a partir de um texto de Tiago Rodrigues, com encenação de Cláudia Caiolas e Pedro Carraca), mas são todos imparáveis. Só isso os levaria, ao fim de um dia de trabalho, a dirigirem-se, debaixo de chuva, para a enorme sala do espaço Alkantara, em Santos, fazer teatro. "É complicado", confirma Bela Medina. "Trabalho num hospital, o horário é rotativo e é difícil conciliar. Às vezes chego às onze e tal da noite e já nem vejo a minha filha. Mas é um sacrifício que vale a pena."

Foi há dois anos que se depararam com o anúncio para o "casting" que a associação cultural Alkantara pôs na Cova da Moura. Por trás desse anúncio estava um projecto, coordenado por Carina Lourenço e lançado ao abrigo do programa Escolhas do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, com a Associação Cultural Moinho da Juventude, a Associação de Solidariedade Social Alto Cova da Moura e a Junta de Freguesia da Buraca. "Tínhamos vontade de aproveitar a pujança cultural das comunidades imigrantes em Portugal, dar voz a uma coisa que sabemos que existe mas que muitas vezes não se conhece", conta Carina. O projecto, de três anos, tem duas vertentes: a dança, coordenada por Filipa Francisco, com o grupo Wonderful Kova M e o espectáculo "Iman"; e o teatro, com os Nu Kre Bai Na Bu Onda.

Para perder a vergonha

Paula Silva, 28 anos, veio uma primeira vez, desistiu "porque não tinha tempo para o futebol", acabou por largar o futebol e está aqui outra vez. "Fui ver a outra peça que eles fizeram ["Confissões", em 2008 no Auditório Carlos Paredes, Benfica], gostei imenso, e quando apareceu uma nova oportunidade não quis deixá-la fora. Já perdi uma parte dos meus sonhos, que não consegui realizar, mas com este vou tentar." Não é fácil: está desempregada, tem dois filhos, e as primas que vivem em Londres insistem para ela ir também. "Para já não fui, comprometi-me com o grupo de teatro."

Com ela veio Djena, que "é como uma filha" desde que chegou da Guiné com oito anos. "Agora tem 15 e, como os pais ficaram lá, ela tem estado sempre comigo." Djena tem uma expressão doce, mas os olhos pregados ao chão, e quando fala é numa voz muito baixa. É tímida, fica nervosa no palco, mas tem a certeza de que "isso passa".

Muito tímida, também, Elisa Varela tem uma simpatia calorosa - tal como a sua personagem na peça que, como ela, gosta de cantar. "O Tiago escreveu coisas que têm a ver conosco. Mas a minha personagem é extrovertida, e eu sou tímida." Timidez que, por estranho que pareça, foi uma das razões que a levaram ao teatro. "Vim porque quero perder a vergonha."

Bela garante que está a resultar: "Está muito mais solta. Eu nunca imaginei que ia ver a Elisa a cantar e a dançar."

Elisa (18 anos) convenceu Edna, a irmã mais nova (17 anos) a, entre o curso de cabeleireira e o grupo de dança, arranjar tempo para vir para o teatro. Edna está a meter-se no fato de treino vermelho de Mariana, a sua personagem, "um bocadinho mazi-nha, vaidosa, gosta de magoar os outros e de fazer tudo à maneira dela, mas no fundo é boa pessoa", conta, voz suave. "É quase a minha maneira de ser, só que ela é mais bruta."

"Eram dependentes dela"

E Paula trouxe a sobrinha, Diana Varela, 12 anos, a mais nova do grupo. E com Diana veio Lena, a mãe, que ficou para que a filha não desistisse. "Nunca tinha pensado fazer teatro, tenho um tempo complicado, estou sempre a andar de um lado para o outro, a fazer coisas novas, dança, atletismo. O difícil foi entrar, mas se o projecto tiver continuidade, quero continuar." Diana está ali sentada ao lado, ar calmo, trancinhas na testa. Encaixou o teatro no meio da dança, com o grupo Flores da Cova, do atletismo e da natação - "tem vocação para tudo", garante a mãe, mas Diana quer é ser pediatra. "As outras coisas, eu sei que é muito giro, mas não se pode ter tudo na vida."

Não se pode, mas aos 29 anos Tozé Barros acredita que vale a pena tentar. A irmã quer convencê-lo a sair de Portugal, mas ele fez grandes amizades neste grupo, e "gostaria de um dia fazer teatro profissionalmente", sonho que já trazia de Cabo Verde. Hoje, confidencia Lena com uma gargalhada, "se o grupo acabasse ele morria".

Foi Tozé quem, no final do ano passado, trouxe Miguel Vaz, quatro anos mais novo, amigo de Cabo Verde e do "grupo da igreja", também ele a sonhar com o mundo do teatro enquanto trabalha numa fábrica e estuda na Universidade Lusófona (agora com uma pequena interrupção porque "verba, não há").

Todas as noites eles juntam-se nesta sala, dividida entre um bar e um cabeleireiro africano, para contar a história da mulher que um dia desorientou todos os que viviam à sua volta. Porque é que ela decidiu parar? "Porque o pessoal do bairro era muito dependente dela. Parou para o bem deles, para ver se conseguiam seguir em frente sem ela", diz Bela. "Ela pára e tudo muda. No fim, eles sentem que ela tinha razão", explica Edna.

Cabe a cada um entender - ou não - a Marta. O próprio autor, Tiago Rodrigues, não desvenda o mistério da sua personagem. "Não sabemos se desistiu, ou se apenas agora começou a lutar."

Ver agenda de teatro pág. 37

Elisa (18 anos) convenceu a irmã Edna (17 anos) a, entre o curso de cabeleireira e o grupo de dança, arranjar tempo para vir para o teatro

Informações 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cgd.pt - www.culturgest.pt
 Bilhetes à venda Culturgest, Bliss, Fnac, Livrarias Bulhosa (Ceiras Parque), Lojas Abreu, Worten e www.ticketline.sapo.pt - Reservas: 707 234 234



Fases do Minimalismo À Volta de Steve Reich

Drumming
 Grupo de Percussão

Concerto comentado
 por Luís Tinoco

Percussão
 Miquel Bernat, Nuno Aroso

Kevin Volans *She Who Sleeps
 in a Small Blanket*

Steve Reich *Marimba Phase;
 Clapping Music*

John Kline *Hammer, Anvil, Stirrups*

Michael Gordon *XY*

Steve Reich *Nagoya Marimba*

MÚSICA DOM 15 FEVEREIRO · 11h · Palco do Grande Auditório · €2,5 · M6



FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

Informações 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cgd.pt - www.culturgest.pt
 Bilhetes à venda Culturgest, Bliss, Fnac, Livrarias Bulhosa (Ceiras Parque), Lojas Abreu, Worten e www.ticketline.sapo.pt - Reservas: 707 234 234

Preço único
 até aos 30 anos
 5 Euros



Uma Vaca Flatterzunge

Uma ópera de Vítor Rua

Com um elenco de excepção e cenografia de Rui Chafes, *Uma Vaca Flatterzunge* é, nas palavras de Jorge Lima Barreto, uma "peça fantástica, paródica e burlesca. (...) A representação torna-se maravilhante, rica, irradiando vida."

ÓPERA SÁB 31 JAN, DOM 1 FEV · 21h30 · Grande Auditório · €18 · M12



CASABRANDA OPTEC

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

MERIDIONAL
 TEATRO

VLCD!

do lugar onde estou
 já me fui embora

JAN 9
FARO
 Teatro Lethes

17
TORRES NOVAS
 Teatro Virginia

24
GUARDA
 Teatro Municipal

30 **ALMADA**
 Fórum Romeu Correia

FEV 7
PÓVOA DE VARZIM
 Auditório Municipal

MAR 2 e 3
COIMBRA
 Teatro Gil Vicente

"Este soberbo espectáculo, (...)
 teatraliza a voracidade dos tempos
 modernos e das vidas cidadinas."

RPC, IN PÚBLICO



www.teatromeridional.net

ESTRUTURA FINANÇAS



APÓCIS



casa da música

DOM 08 FEVEREIRO

18:00 SALA 2

jazz

BIG BAND DA ESMAE EUROPEAN TUBA TRIO

A abertura de um universo novo para a tuba deu-se através da excelência do European Tuba Trio, um projecto que explora sem preconceitos os limites entre géneros: do clássico ao jazz e ao funk. Neste concerto partilham o palco com os solistas da Big Band da ESMAE.



casa da música

MECENAS SALA 2

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS DA CASA DA MÚSICA



SEJA UM DOS PRIMEIROS A APRESENTAR HOJE ESTE JORNAL COMPLETO NA CASA DA MÚSICA E GANHE UM CONVITE DUPLO PARA ESTE CONCERTO. OFERTA LIMITADA AOS PRIMEIROS 10 LEITORES.

Os tempos modernos dos *The Week That Was*

“The Week That Was” é um mosaico da contemporaneidade em forma de canção. A de vozes e distrações que nos assaltam a toda a hora? Peter Brewis só conseguiu gravar em sete dias um álbum de uma actualidade tão fascinante

Maravilhoso tudo o que temos disponível actualmente. Ligados à Internet na esplanada, com pássaros a chilrear enquanto navegamos pelo Mar Negro no ecrã, só porque podemos. A ouvir fado na rádio enquanto trocamos e-mails com alguém em São Francisco. A acompanhar as últimas notícias, e todos os pormenores das últimas notícias, com o tabuleiro do almoço sobre as pernas e o portátil a debitar música recomendada por alguém que não conhecemos pelo nome, mas que se tornou o nosso melhor amigo cibernético.

Maravilhosa esta interactividade, esta possibilidade de ter tudo, aqui e agora, sem sair de casa. E, mesmo que saíamos, tudo continua lá. A música nas ruas, os ecrãs com informação à beira da estrada, os telemóveis e os iPods e os iPhones a pedir atenção constante. Viver rápido. Viver muito. Maravilhoso, não é? Peter Brewis acha que sim, que as possibilidades podem ser maravilhosas, mas...

Antes de continuar, contextualizemos: Peter Brewis é, com o irmão David, membro dos Field Music, discreta banda britânica de Sunderland, “parceira” de Futureheads ou Maximo Park, que chegou ao limiar do reconhecimento “indie” após ter editado “Tones Of Town”, o seu segundo álbum, em 2007. Disco lançado e reconhecido, digressão cumprida, que fizeram os Field Music? Pois bem, anunciaram que a banda entraria num hiato sem fim definido.

David Brewis, o irmão mais novo, lançou-se numa banda paralela, os School Of Language, e o povo-público e o povo-crítica aplaudiram. Peter Brewis não quis ficar atrás. “Tendo estado três ou quatro anos com os Field Music, não sabia se conseguiria fazer música por mim”, conta-nos desde Londres. “Quando o meu irmão avançou [com os School Of Language], decidi que era a altura de levar avante as muitas ideias que tinha na gaveta e que nunca desenvolvera.” Dito isto, pausa e lança uma blague: “No fundo, não queria parecer o irmão preguiçoso.”

Não parecerá decerto. Ouvindo “The Week That Was”, que é título de álbum e nome da banda que acabará com ele, nunca poderemos acusá-lo de preguiçoso. Em oito canções e 32 minutos, Peter Brewis criou um ciclo de canções onde a ambição artística se conjuga de forma impressionante com a imediatez da pop. Musicalmente, tem sido referida a influência do Peter Gabriel dos primeiros álbuns a solo, dos Japan de “Tin Drum” ou

Música



de Kate Bush. Brewis não se esconde e confessa abertamente que “Peter Gabriel, o dos álbuns ‘3’ e ‘4’, está certamente lá, tal como Kate Bush”. Explica: “Quis recuperar sensações musicais que regressem à minha primeira infância, aos sons dos discos dos meus pais, os primeiros discos que ouvi. Nem sei se me lembro realmente deles, mas é como se conhecesse aquela ideia de som.”

E não só. Porque além dos discos supracitados, Brewis diz-nos que faziam parte do seu universo a música clássica de Vivaldi ou Beethoven, a banda sonora da “Guerra das Estrelas” e das séries e filmes de ficção científica do período. “Retirei ideias de tudo isso, recuei a essas memórias e regurgitei”. Contextualização feita, volte-mos ao início, às maravilhosas poten-

cialidades do mundo moderno.

Peter Brewis pode ter recorrido às memórias da sua infância para criar “The Week That Was”, mas o disco que gravou não se alimenta de nostalgia - “a nostalgia que refiro era minha e reconhecível por mim, nunca pretendi que fosse partilhada com o ouvinte”.

Desligado do mundo

De facto, “The Week That Was” não se alimenta de nostalgia. Precisamente o contrário. É uma reflexão sobre a actualidade, um mosaico da contemporaneidade em forma de canção, um manifesto para o presente: o expor de uma ferida aberta de cuja existência nem nos apercebemos. A questão central é esta: como lidar com a forma como recebemos e processamos infor-

O nome do álbum e da banda foi inspirado em “That Was The Week That Was”, programa pioneiro de sátira política, apresentado por David Frost na década de 1960 pela BBC

mação? Como reservar espaço para nós e para o espaço que nos rodeia entre a cacofonia de vozes e distrações que nos assaltam a toda a hora? Peter Brewis só conseguiu perspectivá-lo distante de tudo.

Primeiro desligou a televisão, depois afastou-se da net, por fim já nem saía de casa para comprar o jornal. Durante uma semana, fechou-se em casa e manteve-se imune ao mundo lá fora. A namorada chegava do trabalho ao final da tarde, encontrava-o de roupão sobre o piano e, muito justamente,

at Was

questão central é esta: como lidar com a cacofonia fazê-lo sem rádio, televisão ou computador. quanto distorcida. *Mário Lopes*



O disco que Peter Brewis gravou não se alimenta de nostalgia: “a nostalgia que refiro era minha e reconhecível por mim, nunca pretendi que fosse partilhada com o ouvinte”

beck, por exemplo, são muitíssimo detalhados. Nesse sentido, o ‘Sem Olhos em Gaza’ do Aldous Huxley, é incrível. Não vivi nos anos 1940, mas parece-me que essa força descritiva estará relacionada com a capacidade de estar desperto e disponível a absorver os ínfimos pormenores do que nos rodeia”.

“The Week That Was”, nome inspirado em “That Was The Week That Was”, programa pioneiro de sátira política, apresentado por David Frost e exibido na década de 1960 pela BBC, é um álbum de narrativa caleidoscópica, que alguns têm comparado em tom e estrutura à escrita de Paul Auster. Peter Brewis descreve-o como “um olhar microscópico sobre uma mesma situação”: “a mesma história vista de perspectivas diferentes”.

Da esfera íntima, na viagem de olhos postos no mundo correndo pela janela de “Airport song” ou na angústia solitária de “Come home”, ao histerismo social de “Yesterday’s paper” ou à competitividade, à beira da psicose, de “Scratch the surface” - sem esquecer o teledisco de “Learn to learn”, colagem vanguardista de imagens de arquivo, em preto e branco paranóico, que, de forma enviesada, nos recorda a sátira/denúncia da sociedade industrial representada por Charlie Chaplin em “Tempos Modernos”. Dir-se-á então, citado o “ancestral” Chaplin, que talvez todas estas questões sejam coisa antiga. Na base, sê-lo-ão. O problema, segundo Brewis, é a escala.

Depois de nos descrever o programa “That Was The Week That Was”, que não conhecemos, arriscamos que, tendo em conta que se tratava de uma desmontagem satírica do discurso político e mediático do seu tempo, o equivalente actual será o “Daily Show” de Jon Stewart. Brewis, que não o conhece, ouve-nos descrevê-lo e

comenta: “Se, nos anos 1960, esse trabalho era feito num programa semanal, se agora esse mesmo trabalho requer um diário, isso já é significativo da quantidade de informação a que estamos sujeitos actualmente”.

Aprender a aprender

Mais que a quantidade de informação, o que exaspera Brewis é todo um processo que conduz ao “absurdo”. Utiliza a expressão quando lhe perguntamos se recorda qual era o tema do dia no momento em que decidiu “afastar-se” do mundo e refugiar-se ao piano. Polidamente, diz-nos que prefere não referir explicitamente o assunto, explica que sabia apenas que, caso não desligasse televisão e rádio, caso não se afastasse da Internet, “o bombardeamento a que estava sujeito acabaria por transbordar para a música” - não nos diz, mas sabemos que nesse Dezembro de 2007 em que gravou o álbum, editado em Agosto de 2008 em Inglaterra, quatro meses depois em Portugal, o casal McCann e a desaparecida Maddie enchiam páginas e espaço em telegornais.

Para Brewis, é insignificante. Preocupa-o o processo. Dá um exemplo: “Lembra-se que há uns anos o mundo esteve para acabar com a gripe das aves. De repente, nada. Acabou. Não é que o problema tenha desaparecido. Desapareceu a história, em favor de outra qualquer.”

Como canta em “Yesterday’s papers”: “yesterday’s news said the worst is to come” - e no dia seguinte, o mundo há-de descobrir que o pior há-de vir sim, mas de outro lado (e assim sucessivamente).

Na capa de “The Week That Was” vemos Brewis e os músicos que colaboraram no álbum numa sala escura e despida de decoração. A única luminosidade surge do único mobiliário presente. A luz branca da televisão ilumina-lhes os rostos, fixos no ecrã e alheados uns dos outros. Os seus cérebros, imaginamos, enchem-se de informação. Acontece, aponta Peter Brewis, que “conhecimento e informação são coisas completamente diferentes”. A primeira canção do álbum aponta precisamente isso. Intitula-se “Learn to learn” e é o mote do álbum. “Temos que aprender a aprender”, dirá primeiro Brewis. “Mas tendo que o fazer, por onde começar?”

Não há resposta em “The Week that Was”. O seu objectivo é a simples colocação da pergunta.

Ver crítica de discos pág. 28 e segs.

TEATRO MUNICIPAL MIRITA CASIMIRO
CRUZEIRO-MONTE ESTORIL

sétimo céu

de Caryl Churchill

22 de Janeiro
a 22 de Fevereiro

encenação
Fernanda Lapa

interpretação Amadeu Neves - Fernanda Lapa
Júlia Grassão - Luís Gregor - Maria Lapa
Sérgio Praia - Sofia Nogueira

locais
Teatro Municipal de Montebomim
Escola de Mulheres

quarta a sábado 21h30 - domingo 18h
e 14 horas

telefone 967 234 234
reservas 912 234 948 - 214 879 234



Informações: 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cpd.pt - www.culturgest.pt
Bilhetes à venda Culturgest, Bliss, Fnac, Livrarias Bulhosa (Oeiras Parque), Lojas Abreu,
Worten e www.ticketline.sapo.pt - Reservas: 707 234 234

Preço único
até aos 30 anos
5 Euros



Vice-Royale. Vain- Royale. Vile-Royale

De Sónia Baptista

Uma performance que convoca as linguagens conceptuais e emocionais da dança, do cinema, da música e da poesia.

DANÇA SEX 13, SÁB 14 FEVEREIRO - 21h30 - Grande Auditório - €15 - M12

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

Música

Primeiro foi tudo rápido demais. Os doismilleito existiam há pouco tempo. Diz a lenda urbana, propagada em press-release, que se formaram num dia de tempestade. Refugiados numa cave da Maia desdobrada em sala de ensaios, pegou cada um no seu instrumento e começaram a nascer canções. Estávamos em 2005 e a banda ainda nem era banda. No ano seguinte, vários ensaios e três concertos depois, já conhecíamos os doismilleito porque havia um burburinho à sua volta e porque apareciam em cartaz inesperado para grupo com o seu pequeno currículo. O quarto concerto dos doismilleito foi no Sudoeste, como banda de abertura do palco principal e, nessa altura, já havia quem apontasse que estavam ali os sucessores dos Ornatos Violeta. Foi tudo rápido demais.

Em Janeiro de 2009, quando os encontramos nos escritórios da EMI Music, quando são vistos como uma das grandes promessas do ano discográfico nacional, essa actuação no Sudoeste só existe como história com piada para contar no futuro. Os doismilleito de então não eram os de hoje. Estes têm o disco de estreia preparado desde Maio de 2008 e mal contém a ansiedade por vê-lo finalmente cá fora (chega às lojas dia 2 de Fevereiro). Estes são André Aires, que se divide pelo ritmo da bateria e pelos acordes do piano, Pedro Pode, o vocalista/guitarrista com um passado como hip hopper que a electricidade actual não denuncia, e Nicolau Fernandes, o baixista de barba bem definida que gosta de Beatles e Tom Waits e põe vídeos do "Ouçam" de Eduardo Nascimento no blogue da banda (www.doismilleito.blogs.sapo.pt).

São estes doismilleito que nos contam que tinham tudo planeado em 2006. André: "achávamos que gravávamos o disco em três meses e que seis meses depois o tínhamos cá fora". Têm-no três anos depois. Foi tudo devagar demais. Será? Talvez que não, que eles são gente do rock dada ao perfeccionismo. Melhor assim, arriscamos. Agora terão pelo menos a certeza que está tudo exactamente como querem. Mas não, não é bem isso.

Os três meses para gravar, outros três para editar que idealizaram são contingência geográfica e geracional. Expliquemo-nos. Contingência geográfica porque os doismilleito são da Maia, cidade que dizem repleta de músicos. Até têm uma teoria para o

explicar: "como faz muito frio e não se passa nada, as pessoas fecham-se em casa a tocar e a compor" - o que condiz a versão romantizada do seu nascimento, quando fugiram ao mau tempo para inventar uma banda em "cave-estúdio". Contingência geracional porque eles, que têm entre 22 e 28 anos, pertencem a uma geração que, no que à música diz respeito, se habituou a definir por si mesma o seu percurso.

Os doismilleito, que ensaiam em casa, andaram cinquenta metros para gravar o álbum no estúdio de um amigo e convocaram outro paraaju-

dar na capa: "Até agora, tudo foi feito por nós e por pessoas em quem confiamos totalmente", confirma André. "É sempre melhor desenvolver assim aquilo que fazes". Pedro completa a ideia: "Só dessa forma podes justificar a tua música e o que a envolve, só dessa forma a podes assumir totalmente".

É por isso, de resto, que eles estão "assustados". Pertencem a um grande editora e o pequeno núcleo que os rodeava já cresceu: "Agora é uma equipa, uma série de gente", exclama Nicolau, questionando-se: "Será que vamos conseguir controlar

tudo como fazemos com as nossas canções?"

No dia em que os entrevistámos, preparavam-se para gravar o vídeo de "Bem melhor 1220074" e, não sendo eles a controlar todo o processo, sentíamos-lhe uma ansiedade disfarçada com o sempre terapêutico humor. Um curto post de André no blogue da banda, publicado dias depois, no final das gravações, terminava com um esclarecedor "foi um passo importante, correu bem". Adeus receios e ansiedade. A sombra no horizonte, conjecturamos, será agora outra. Explica-se rapidamente.

Eles definem assim a sua música: "rock com preocupações perfeccionistas que não são muito rock'n'roll". Seja. E arriscamos dizer que chegou no tempo certo

No tempo certo

"Doismilleito" é resultado de uma banda que se fechou durante meses numa cave, a experimentar música e a inventar canções. Quando de lá saiu, começou a ouvir os comentários do mundo exterior. E parte do mundo exterior não demorou no diagnóstico: eis os novos Ornatos Violeta, disseram-lhes. E eles, que fazem questão de acentuar o quanto prezam os autores de "O Monstro Precisa de Amigos", que não se importam que lhes digam que prosseguem num "caminho que os Ornatos deixaram em aberto", irritam-se porque a comparação lhes parece pouco fundamentada - um reflexo da inexistência de referências para este rock cantado neste português. "Eles acabam por ser uma fatia muito fininha da nossa música", afirma André, "mas quando se canta em português as pessoas restringem logo o leque de referências". Pedro Pode remata a questão: "O Nicolau tem o Tom Waits, o André tem o Beethoven, eu levo o Michael Jackson e as canções avançam". Antes que perguntem, não, não há grandes traços de Waits, de Ludwig van ou de Michael na música dos doismilleito. Mas há essa despreocupação na hora de resgatar sons e referências sem olhar à proveniência.

Fecham-se numa cave da Maia, olham para os instrumentos em volta e congeminam canções. Depois, pessoal perfeccionista, ficam a burilá-las até ao mais ínfimo pormenor. Por essa preocupação com os detalhes - "e pelos falsetes", acrescenta Pedro - um amigo descreveu-os como "rock velho com música panelreira". Eles riram-se. Mas preferem algo menos agressivo: "rock com preocupações perfeccionistas que não são muito rock'n'roll". Seja. É certo que não é velho. E arriscamos dizer que chegou no tempo certo.

Se o ano passado, com Tiago Guillul, Pontos Negros, Peixe:Avião ou Feromona, se confirmou que voltámos a gostar de ouvir rock cantado em português, então 2009 tem tudo para ser o ano dos doismilleito.

Ver crítica de discos págs. 26 e segs.

E se 2009 for o ano dos doismilleito?

Fecharam-se numa cave da Maia a congeminar canções e, perfeccionistas, burilaram-nas até ao pormenor. Se o ano passado voltámos a gostar de ouvir rock cantado em português, 2009 tem tudo para ser o ano dos doismilleito. *Mário Lopes*

Informações 21 790 51 55 · culturgest.bilheteira@cgd.pt · www.culturgest.pt
Bilhetes à venda Culturgest, Bliss, Fnac, Livrarias Bulhosa (Oeiras Parque), Lojas Abreu, Worten e www.ticketline.sapo.pt · Reservas: 707 234 234

Preço único
até aos 30 anos
5 Euros



© Gregory Heister

Tony Trischka

Double Banjo Bluegrass Spectacular

Ciclo Hootenanny

Tony Trischka, um dos mais notáveis virtuosos da história do banjo, gravou, em 2007, um álbum que foi considerado histórico, *Double Banjo Bluegrass Spectacular*, no qual participam muitos dos grandes nomes do bluegrass e da folk e que deu origem a uma digressão que se prolonga neste concerto.

MÚSICA SÁB 7 FEVEREIRO · 21h30 · Grande Auditório · €18 · M12

METROPOLITANA
ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

Informações 21 790 51 55 · culturgest.bilheteira@cgd.pt · www.culturgest.pt
Bilhetes à venda Culturgest, Bliss, Fnac, Livrarias Bulhosa (Oeiras Parque), Lojas Abreu, Worten e www.ticketline.sapo.pt · Reservas: 707 234 234

Preço único
até aos 30 anos
5 Euros



© Renato Nunes

Imaginário

André Fernandes

Guitarra André Fernandes Piano Mário Laginha
Contrabaixo Nelson Cascais Bateria Alexandre Frazão
Músicos convidados: Fender rhodes Bernardo Sasseti Turntable, sampler, efeitos DJ Ride

Eleito pelo jornal *Público* uma das figuras do jazz em 2007, André Fernandes vem apresentar o seu mais recente trabalho, *Imaginário*, acompanhado por 3 músicos de excepção e 2 convidados muito especiais.

JAZZ TER 17 FEVEREIRO · 21h30 · Grande Auditório · €15 · M12

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

casa da música

BRASIL
PAÍS TEMA 09

DOM 08 FEV
12:00 SALA SUGGIA
AO MEIO DIA

Peter Rundel *direcção musical*
Rómulo Assis *violino*
Francisco Moceira *narrador*

onp / :domingo

Darius Milhaud *Saudades do Brasil* (excertos)
Bernd Alois Zimmermann *Alagoana*

Contos do Brasil



Na origem deste programa estão diversos locais do Brasil, danças e cantares tradicionais de diferentes paragens e, nalguns casos, histórias encantadoras. Para as descobriremos em detalhe, contaremos com a presença de um narrador e as habituais ilustrações musicais da Orquestra Nacional do Porto.

MECENAS ORQUESTRA
NACIONAL DO PORTO

APOIO INSTITUCIONAL
M/C
Ministério da Cultura

MECENAS DA CASA DA MÚSICA
BPI

orquestra nacional
do porto

SEJA UM DOS PRIMEIROS A APRESENTAR HOJE ESTE JORNAL COMPLETO NA CASA DA MÚSICA E GANHE UM CONVITE DUPLO PARA ESTE CONCERTO. OFERTA LIMITADA AOS PRIMEIROS 10 LEITORES.

www.casadamusica.com | T 220 120 220

casa da música

piano edp

PIOTR ANDERSZEWSKI

DOM 01 FEV
18:00 SALA SUGGIA

Obras de
BACH
Partita n.º 2
SCHUMANN
Humoresque
JANÁČEK
Sonata
BEETHOVEN
Sonata op. 110

Depois de um brilhante recital em 2005, o regresso de Anderszewski com um programa que inclui Bach, um dos compositores que tem trazido os maiores sucessos à sua carreira internacional.



casa da música

www.casadamusica.com
call center: 220 120 220

MECENAS DO CICLO DE PIANO
fundação
edp

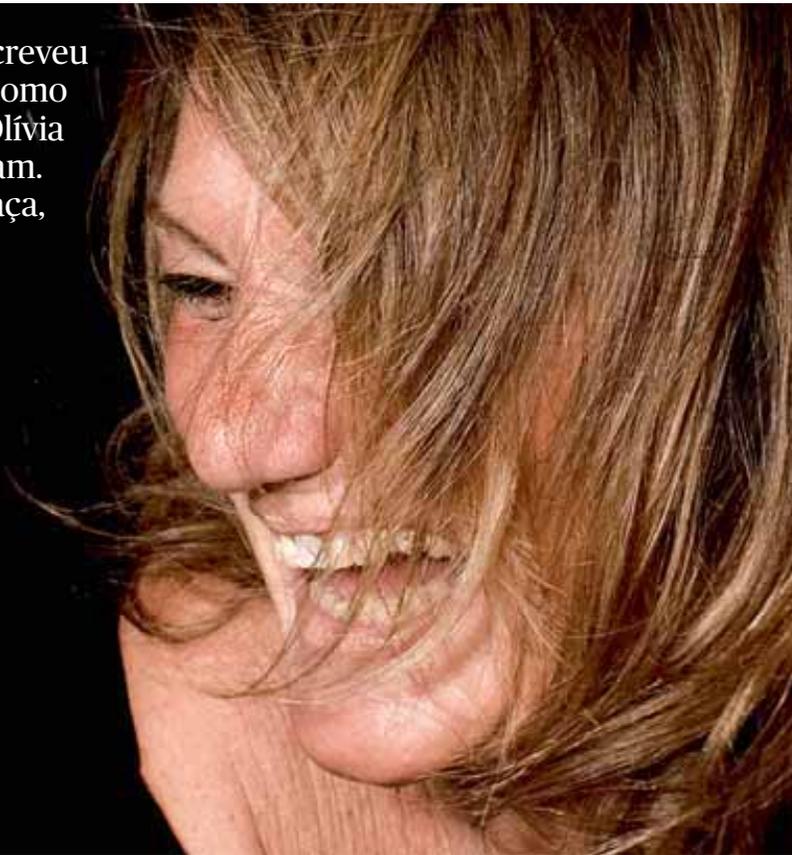
APOIO INSTITUCIONAL
M/C
Ministério da Cultura

MECENAS DA CASA DA MÚSICA
BPI

SEJA UM DOS PRIMEIROS A APRESENTAR HOJE ESTE JORNAL NA CASA DA MÚSICA E GANHE UM CONVITE DUPLO PARA O CONCERTO DE PIOTR ANDERSZEWSKI NA CASA DA MÚSICA. OFERTA LIMITADA AOS PRIMEIROS 10 LEITORES.

Fados de cá e lá

Tiago Torres da Silva teve a ideia e escreveu as letras. A pedido dele, brasileiros como Chico César, Ivan Lins, Pedro Luís, Olívia Byington ou Zeca Baleiro musicaram. E Maria João Quadros, fadista de raça, canta. Tiago e Maria explicam “Fado Mulato”. *Nuno Pacheco*



Música

É inegável: tanto Tiago Torres da Silva como Maria João Quadros estão de tal forma satisfeitos com “Fado Mulato” que falam do disco como de um bebé recém-nascido. E, no entanto, ele demorou três anos a gravar. Quando já estava pronto, Tiago teve outra ideia: fundar uma editora de discos. Chamou-lhe Grão. “Foi uma feliz coincidência”, diz ele, porque achou que podia tratar melhor o disco do que se o entregasse a outros.

Dos contactos com algumas editoras guarda más experiências. “Pensei: não quero isto mais para mim e agora quero mais independência. Entretanto estava a fazer outros projectos no Brasil com a Elba Ramalho, a Alcione, e achei que era o momento.” E avançou. “O disco surge na editora como um manifesto. A editora é isto: um pé no fado, outro na MPB e sem nenhuma condescendência em relação ao que é preciso fazer.” E isso quer dizer não reduzir as músicas a três minutos e meio só para passar na rádio. “Levei vinte anos a cortá-las e depois não passavam na mesma. O tema-chave deste disco, o ‘Fado mulato’, tem 5m15s. Quem quiser passar, passa, quem não quiser...”

Quem colocar o disco a rodar tem logo, no arranque, a primeira surpresa. Uma voz claramente fadista acompanhada por um alaúde, o de Pedro Jóia. É “Fado mudo”, com música de Iara Rennó. “Pusemos esse tema a abrir porque põe logo as pessoas em sentido. Aquele alaúde do Pedro Jóia, a maneira como a João entra a cantar...” Há uma razão forte

para Tiago ter escolhido Maria João Quadros e não uma jovem fadista, por exemplo. “Eu precisava de uma pessoa que me trouxesse mesmo o fado aqui para dentro, até porque os compositores brasileiros não conhecem bem o fado, conhecem um fado que se chama Amália Rodrigues. Não têm outra matriz.” E há outra razão, ainda: “Uma das coisas que achei mais curiosa é que a João, sendo muito castiça no fado, transita com muita facilidade para outros lugares, nomeadamente a música brasileira.”

Exemplo incrível disso é a faixa “Desamparinho”, com música de Swami Jr., que fecha o disco, agora com a guitarra de José Peixoto. Quem a ouve, tentará em vão descobrir que cantora brasileira é aquela, de voz grave e bem modulada. Mas é ainda Maria João Quadros, com sotaque e a duas vozes. Esta transfiguração vocal é explicada pela própria cantora: “Eu encarei este desafio como um grande desafio, mas hilariante. O Brasil encanta-me mas não me deslumbra, porque sou de África [nasceu em Moçambique]. Deslumbra-me, isso sim, a música brasileira. Em pequena passava a vida a cantar e a dançar o samba e no carnaval disfarçavam-me de baiana e de Carmen Miranda.”

Um passo gigantesco

Sendo o projecto antigo, as gravações começaram em 2005. Dos doze temas, dez têm letra de Tiago Torres da Silva e dois são versões de canções brasileiras. “Fui eu que as pedi ao Tiago”, diz Maria João. “A ‘Gota d’Água’ do Chico

Em Maio, “Fado Mulato” subirá ao palco do Coliseu de Lisboa: fado, fado a doer, e sambão

Buarque é qualquer coisa de colossal, mas não podia cantá-la com sotaque brasileiro nem abrisseira. Por isso afadistei-a, com guitarra e viola, e ainda bem.” A outra versão é “Amor Alheio”, de Paulo César Pinheiro. Maria João ouvira-a cantada por Joanna, no Coliseu, e achou que estava ali um fado. Tiago justifica-as de outra forma: “Esses dois são os artistas que eu mais admiro no Brasil e para mim foi também uma maneira de homenageá-los.”

No disco há dois duetos, com outros cantores. Tiago: “O dueto com o Tito Paris, em ‘Vais dizer adeus’, funciona pela semelhança, existe aquela rouquidão que ambos têm na voz. Já o dueto com a Olívia Byington, em ‘Fado escravo’, funciona pelo contraste.”

Os músicos tiveram um papel preponderante, acrescenta ele. “O Diogo Clemente, por exemplo, transformou o tema do Pedro Luís, ‘Noites perdidas’, numa marcha linda que parece saída de Alfama.”, “Quando chegou era um chorinho”, diz Maria João.

“Mesmo assim”, acrescenta Tiago, “já chegou mais fadista do que outros, porque a mãe do Pedro Luís cantava muitos fados e ele tinha isso presente.” Já o tema “Gente vulgar”, com música de Alzira Espindola e acompanhamento do Quinteto Lusotango é, segundo a fadista, “uma sátira ao fado de faca na liga. Como diria o Tiago que a Amália disse, o fado de faca na liga e o tango de punhal nas costas é tudo a mesma miséria.”

“Houve pessoas que só gravaram uma faixa e não tinham a mínima ideia de como seria o resto do disco”, diz Tiago. “O José Peixoto, o Pedro Jóia e o Quinteto Lusotango adoraram. Para o Brasil o disco já seguiu, mas os correios andam atrasados. À Olívia Byington já chegou, ficou delirante. Disse-me: ‘Não vou ficar com ele, envia-me outro. Hoje vou jantar com a Bethânia e vou dar-lho. Acho que ela tem que ouvir isto.’”

Dia 28 de Maio, “Fado Mulato” subirá ao palco do Coliseu de Lisboa. “Vai ter este disco mas também fado, fado a doer, e sambão. Será espectáculo mesmo”, diz Maria João Quadros. “É um passo gigantesco para uma editora deste tamanho, mas sempre fui afoito e continuarei”, garante Tiago, que na editora Grão já acolheu um outro disco: “El Fad Vivo”, um projecto instrumental que retine José Peixoto, Carlos Zingaro, Miguel Leiria Pereira e Vicky. “Estou completamente aberto ao trabalho de outras pessoas, não quero que isto seja uma coisa fechada em mim”. Grão a grão, quer outras músicas.

O disco, em que Maria João Quadros canta letras de Tiago Torres da Silva e versões de canções brasileiras, surge como um manifesto: um pé no fado outro na MPB

“Num drama como ‘Hamlet’ do Shakespeare, aquela frase do ‘ser ou não ser’ é uma frase crítica. Milhares de actores disseram aquela frase. De que maneira vão ser originais? A minha ópera tem um ‘ser ou não ser’”. Quem vos fala é Vítor Rua, a propósito da sua ópera cómica “Uma Vaca Flatterzunge”, que estreia amanhã na Culturgest, em Lisboa. Ópera cómica?

O compositor de 47 anos, co-fundador dos Telectu (com Jorge Lima Barreto), políartista e experimentalista incansável, desafia e desmonta agora a ópera contemporânea de vanguarda e os tiques da ópera tradicional num espectáculo de teatro musical multimédia que é “uma demonstração do impossível”. Ser ou não ser ópera? Ou, na versão bem humorada desta “Vaca”, “porque estamos assim a cantar desta forma ridícula?”, como diz no início o cantor de vanguarda Pedro Lunático (em causa está o Pierrot Lunaire, de Schönberg), à soprano Vaquíria Barbérie (certamente próxima de uma das Valquírias de Wagner). Pedro Lunático canta em linguagem dodecafónica. Há ainda o Dr. Fuíinha, um crítico reaccionário que canta sempre em cantochão, detesta o compositor e é apaixonado pela cantora.

O compositor incompreendido é O-Homem-Que-Ri, mas o próprio Vítor Rua, seu alter-ego, está em palco a conduzir os destinos pouco lineares desta ópera impossível.

Impossível? Porquê? Vítor Rua explica-nos: “Perguntaram-me: porque é que você não escreve uma ópera? E eu disse: ‘Eu nunca hei-de escrever uma ópera.’ ‘Porquê?’ E eu, de repente, em vez de responder, pus a mão no piano, dei um acorde absurdo e cantei: ‘Porque estamos assim a cantar desta forma ridícula?’ Tudo se começou a rir. Era um ‘workshop’ com compositores e músicos. E de repente disse assim: ‘Eu tenho de fazer esta ópera, que vai demonstrar essa impossibilidade.’” Então tornou-se possível o impossível? Vítor Rua explica-nos melhor o lugar onde situar “Uma Vaca Flatterzunge”: “Existem grandes óperas contemporâneas. A ópera do Lachenmann é uma coisa fantástica, fabulosa. Ou a ópera do Sciarrino. O Sciarrino é o nosso Bellini. Eu disse-lhe isso e ele não se sentiu ofendido... Ou seja, existem pessoas a conceber ópera hoje, contemporânea, que elevam a ópera. Mas esta minha peça não é a tal ópera contemporânea de

vanguarda, porque tem um outro intuito.”

Que intuito é esse? “Desmontagem, é disso mesmo que se trata”, diz o compositor. “Ao explicar e pôr em ridículo certos clichés da ópera contemporânea questiona as pessoas se adianta continuar por aqui. Não é só pôr em ridículo. Dar-me-á um gozo enorme se servir para pôr as pessoas a pensar”, diz. Nesse sentido, é uma ópera “quase pedagógica”.

Finalmente possível

Estamos a falar com Vítor Rua, e não com O-Homem-Que-Ri, o compositor na ópera. Mas o verdadeiro compositor também tem sentido de humor, e talvez sorria de contentamento por ver o impossível a fazer-se. É que “Uma Vaca Flatterzunge” foi criada entre 1999 e 2000, para a capital da cultura, Porto 2001, mas nunca chegou a ver a luz do dia até hoje, porque Ricardo Pais e Pedro Burmester, que estavam ligados ao projecto, deixaram as funções que tinham num período de “derrocada cultural”, que Vítor Rua associa à saída de Manuel Maria Carrilho do Ministério da Cultura. A “anti-ópera” esteve depois para ser feita nos Açores e na Madeira mas, segundo o compositor, não foi feita “por causa de eleições”. “Agora, sim, finalmente, graças a Culturgest e ao Miguel Lobo Antunes”, diz Vítor Rua.

Mas até que ponto é esta “Vaca” uma anti-ópera? “Cada cena é uma crítica ou uma sátira ou uma amplificação da mediocridade ou da qualidade de estilos musicais e técnicas operáticas”, diz o compositor e autor do libreto. Há, por exemplo, a crítica ao bel canto na cena um: “Hoje para mim não faz sentido o bel canto. Existe o microfone para uma pessoa poder sussurrar e ser ouvido num estádio - já não digo numa sala de concerto - e sobrepor-se a uma orquestra. Existe esse poder tecnológico. É também por isso que é “impossível” pôr outra vez os cantores a cantarem da mesma forma.

Flatter...quê?

“Flatterzunge” (técnica vocal em que a língua treme rapidamente) é uma daquelas técnicas “de vanguarda” alvo de gozo nesta ópera. Mas não é só o modo de cantar que é parodiado. Há sátiras à ópera tradicional, ao minimalismo ou à composição espectral. Na verdade, o compositor chega mesmo a transformar-se em compositor-espectro e muda de nome para Spectrum. Gozam-se ainda com as

“Desmontagem, é disso mesmo que se trata”, diz o compositor.
“Ao explicar e pôr em ridículo certos clichés da ópera contemporânea questiona as pessoas se adianta continuar por aqui”

“línguas da ópera”, “porque numa ópera tem de se ouvir alemão...”, ironiza Vítor Rua.

Mas há muito mais do que música em “Uma Vaca Flatterzunge”: “Há um cenário do Rui Chafes que é uma espécie de teia gigante. Quase tudo se formou a partir dessa peça central do Rui Chafes, os figurinos [Ilsa D’Orzac], a coreografia [Ana Borralho e João Galante], a luz, etc. Os figurinos são cenografia viva, os corpos deles é que vão formar mesas, objectos, etc. E o vídeo [Paulo Abreu] é uma entidade separada, que tem vida própria...”

O compositor promete ainda proporcionar às pessoas “uma experiência auditiva interessante - vai ser usada uma técnica de oito altifalantes (octofonia), de forma a criar uma espécie de vertigem”. Além disso, escreveu a ópera a pensar em intérpretes específicos, seus amigos e colaboradores, como o saxofonista Daniel Kientzy ou John Tilbury (piano).

Vítor Rua diz-nos que “nesta ópera há uma série de coisas que quase nunca” faz no seu “dia-a-dia de compositor.” O uso de citações directas (será Mozart ou Thelonious Monk?), a electrónica ou a amplificação, por exemplo, são coisas raras na sua música. Mas aqui estão, nesta “Vaca” de riso dissonante, para rir e pensar o (im)possível teatro musical.

Ver agenda de concertos pág. 31 e segs.



Quase tudo (figurinos, cenografia, luz...) se formou a partir de uma peça central de Rui Chafes

A ópera impossível de Vítor Rua

Anti-ópera? Sátira-melodrama?
“Uma Vaca Flatterzunge” é a desmontagem da ópera e dos seus clichés, imaginada, escrita e conduzida por Vítor Rua. Sábado e domingo, em Lisboa, na Culturgest. *Pedro Boléo*

Discos

Espaço Público

Uma opinião sobre uma música que simplesmente adoro: não deixem de ouvir "Stay home" de **Thomas Dybdahl**. Aliás, não deixem de conhecer este jovem músico norueguês. "Stay home" é uma canção de amor,



uma das melhores dos últimos anos. Vem no álbum "Stray dogs" de 2005 e só no ano passado tive o prazer de a ouvir. É uma autêntica pérola maravilhosamente escrita pelo próprio e cantada cheia de alma e coração numa voz tão grave e forte como Tom Waits ou

Stephen Merritt. "Stay home with me never look back i won't let you down i won't make a sound if you stay home with me never let go i won't do you harm will never go far just stay home with me." Takk!
João Semog, 39 anos, artista plástico

The Week That Was cantam a nossa relação com o mundo mediático

Pop

Esqueçam os 80, chegaram os anos 90!

Pode um disco que parece uma mera revisitação ao passado, provocar sensações de futuro? Sem dúvida, responde Zomby.

Zomby
Where Were U In' 92?
Werkdiscs, distri. Flur

★★★★★



O título não engana ninguém. "Where Were U In' 92?", interroga Zomby, pseudónimo de um jovem músico e produtor londrino de identidade misteriosa. Em 1992, a Europa, e o Reino Unido em particular, vivia a euforia das festas (raves) em locais invulgares e as músicas de dança impunham-se em quase todo o mundo. O acid-house era a banda sonora da maior parte desses eventos, mas muitas outras ramificações estéticas despontavam (com destaque para os traços rítmicos que iriam modelar o jungle ou drum & bass) num confuso mosaico que iria contornar a década de 90.

Este é um disco que evoca, ou homenageia, esse período de transição, quando uma série de projectos pioneiros (Shut Up & Dance, 4 Hero ou A Guy Called Gerald), quase todas as semanas, parecia ensaiar novas linguagens em tempo real. Dito assim, parece um mero trajeto ao baú da memória e, de alguma forma, é-o. Mas não só essa revisitação é feita com personalidade, como Zomby

consegue devolver-nos pontos de contacto dessa época com algumas das movimentações mais aventureiras da música actual (a corrente dubstep de Burial, Kode9 ou Benga). Nesse sentido, este é um disco que funciona como genealogia da electrónica de dança e das inúmeras transformações desde 1992.

A sequência das 14 faixas não tem interrupções, mas, em vez de temas misturados, temos cortes abruptos, o que vai de encontro ao espírito sujo e elástico do álbum, sucessão imparável de incoerências rítmicas, vozes ocasionais, sirenes e robustas linhas de baixo que nunca patram sobre um plano fixo, mistura de tempos históricos e géneros estilísticos em construção, fixados pela memória de Zomby, num óptimo exercício de rememoração.

Pode ser um fenómeno isolado, mas não parece. Tudo indica que nos próximos tempos iremos ouvir falar, mais vezes, de um dos períodos mais complexos da história recente da cultura pop e, ao mesmo tempo, um dos mais desconhecidos. Talvez por isso "Where Were U In' 92?" provoque sensações ambivalentes, entre ser apenas revisitação nostálgica ou abrir portas para o futuro.

Insanos e brilhantes

A reedição de um clássico da excentricidade britânica.

Mário Lopes
Giles, Giles & Fripp
The Cheerful Insanity Of Giles, Giles & Fripp
Esoteric Recordings, distri. Mbari

★★★★★



"The Cheerful Insanity Of Giles, Giles & Fripp" não se limitou a ser um "flop". Apesar da forte aposta

promocional da editora, a Deram



(subsidiária "avant-garde" da Decca), vendeu pouco mais de meio milhão de cópias à data da sua edição, em 1968.

O facto não é propriamente uma surpresa. Confira-se o nome da banda, que alguém lucidamente apontou ser mais apropriada a uma empresa que a um grupo rock. Atente-se depois na capa do disco, e em todo o cuidado nela posto em fazer dos dois homens de preto "geeks" supremos e do de branco barman de um sketch do Monthly Python Flying Circus (que ainda não tinha estreado quando o disco foi editado). Convenhamos que, no todo ele psicadélico ano de 1968, aquele não era bom cartão-de-visita.

Sucedeu então que o álbum foi editado, que junto com ele saíram um par de singles e ninguém ouviu um ou os outros. De resto, se falamos hoje de Giles, Giles & Fripp é pelo que se lhes seguiu: Fripp é Robert Fripp, guitarrista de dimensão heroica enquanto timoneiro dos King Crimson - que nasceriam em 1969, quando os destroços da banda de três elementos e dois apelidos (Mike Giles era baterista e vocalista, Peter Giles, baixista e vocalista), decidiram por fim abandonar a pouco apelativa designação anterior.

Agradeçamos então aos King Crimson por nos terem permitido conhecer um álbum que, triste e injustamente desvalorizado pela maioria dos fãs daquela banda ícone do progressivo, é um clássico absoluto da pop e da excentricidade britânicas.

Tudo começou na forma como a banda se formou: os irmãos Giles colocaram um anúncio num jornal de Bournemouth, em busca de um teclista/vocalista, e Fripp, que era guitarrista e não cantava, não só respondeu ao anúncio como passou a audição. E tudo acabaria depois neste disco de título auto-explicativo.

Na primeira parte, temos conto moral disfarçado de darwinismo marxista (classifiquemos assim a história de Rodney Toady, o miúdo gordo e feio que vivia triste por ser gordo e feio). Dele nascem oito canções que são jazz de um cabaret delirante (irmão perverso dos Zombies), nasce rumba nostálgica e "storytelling" à Ray Davies (ainda mais) sarcástico: o trio a tocar psicadelismo antipsicadélico com trombones e órgão de tubos, a colocar a sua melhor voz de velho emproado, lado a lado com o expressivo trabalho de guitarra de Fripp.

Na segunda parte do álbum, a banda aproveita o mote de um jogo gramatical ("George is a name, and a man I know" é o ponto prévio) para verter uma sonata erudita em banda sonora de salão de chá, para esticar os limites do bom gosto numa balada soporífera com coros celestiais (nós sabemos e eles sabem que é jogo

satírico). Oferece-nos ainda um clássico absoluto, "Elephant song", que é blues trespassado pelo espírito de um Syd Barrett com chapéu de coco a adornar-lhe a cabeça. A despedida com guitarras ácidas e um turbilhão improvisado, familiar dos contemporâneos Soft Machine, intitula-se "Erudite eyes" e é o único ponto de contacto explícito com aquilo que era norma em 1968.

"The Cheerful Insanity" é uma obra-prima que se disfarça de bem-disposto anacronismo quando, na realidade, é um quadro surrealista da classe média britânica, construído com humor pungente e uma inventividade irresistível.

Quarenta e um anos após a sua edição, "The Cheerful Insanity of Giles, Giles & Fripp" não perdeu nenhuma das suas qualidades. Continua um disco tão fascinante quanto inclassificável e, bem vistas as coisas, mais intemporal que muita da discografia desses King Crimson a quem deve a sobrevivência ao esquecimento.

Um clássico contemporâneo

The Week That Was
The Week That Was
Memphis Industries, distri. Nuevos Media

★★★★★



The Week That Was é, convenhamos, péssimo nome para uma banda. Dir-se-á, como desculpa, que não é realmente

uma banda, antes um projecto - o que só piora as coisas. Não é então banda, nem projecto. É, fiquemos por aqui, um álbum. Álbum cuja concisão de 32 minutos e oito canções não parece condizer com a ambição demonstrada por Peter Brewis, o membro dos ingleses Field Music que o criou.

Cada uma das canções conflui de locais e personagens diversas para um mesmo centro: a relação com o mundo mediático que nos rodeia e como ele altera e distorce a forma como comunicamos e nos relacionamos uns com os outros. Um mundo que corre rápido de mais ("The story waits for no one", como diz o título da terceira canção), um mundo pensado em tons apocalípticos ("yesterday's news said the worst is to come", canta Brewis em "Yesterday's paper"), um mundo que temos de reaprender ("Where do I begin?" é a questão central da canção mote do álbum, "Learn to learn").

Álbum negro, como convém à

Zomby não revela a sua identidade



AGENDA CULTURAL FNAC

entrada livre

APRESENTAÇÃO

AO VIVO

LANÇAMENTO

EXPOSIÇÃO

APRESENTAÇÃO

CUBA – UMA ODISSEIA AFRICANA

de Jihan El Tahri

Ciclo 50 Anos da Revolução Cubana

03.02. 18H00 FNAC GAIASHOPPING



APRESENTAÇÃO

A ARTE CONTEMPORÂNEA

BRASILEIRA

por Estevão Fontoura

06.02. 19H00 FNAC CHIADO



AO VIVO

UXU KALHUS

Transumâncias Groove

05.02. 21H00 FNAC CASCAISHOPPING

26.02. 18H30 FNAC CHIADO

26.02. 22H00 FNAC ALMADA

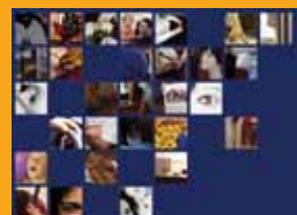


LANÇAMENTO

10 ANOS DO MICROCRÉDITO EM PORTUGAL

com a presença de Mohamed Ahmed, Adelino Gomes e Valter Vinagre

04.02. 18H30 FNAC COLOMBO



EXPOSIÇÃO

SESSÃO TRUFFAUT

Uma viagem pela filmografia, personagens e vida do cineasta francês

25.01. - 25.03.2009 FNAC CASCAISHOPPING



Apoio:

ípsilon



www.fnac.pt



espaço público

Com "The Crying Light" (2009), Antony quis abandonar as meditações existenciais sobre o género sexual para se dedicar a questões mais sérias, como o ambiente ou a pura contemplação da natureza. O resultado, infelizmente, está a anos-

luz do fantástico "I Am a Bird Now", disco que há quatro anos o catapultou, com os seus Johnsons, para o estrelato. É certo que a voz continua a mesma, que o cantar sofrido se mantém, mas quanto aos arranjos, à energia, e à magia que

envolviam o disco anterior simplesmente não estão lá. Um disco mediano e um pouco preguiçoso a que, ainda assim, ofereço 6.1 lâmpadas numa caixa de 10. Pedro Miguel Silva 35 anos Técnico de Comunicação



Maria João Quadros: "Fado Mulato" parte do fado e não se afasta dele

← narrativa, conjuga a capacidade dramática de Peter Gabriel e a audácia pop de uns XTC. Ou seja, é um álbum de tentações "arty" (perdoem-nos o palavão), mas não se deixa enredar na sua própria ambição.

Peter Brevis construiu música tão ambiciosa e fugidia de convenções quanto declaradamente pop: de facto, tudo parece guiado pelo desejo primeiro de criar canções - canções clássicas mas que nunca ouvimos assim, porque Gabriel e XTC, a que

podemos acrescentar, por exemplo, os mais antigos Pretty Things quando assoma a ideia de um "vaudeville rock", são apenas lampejos a iluminar a música, a traçar-lhe coordenadas pouco explícitas.

A força propulsora é a percussão mecânica que faz uso de timbales, chocalhos e do exotismo de marimbas em cadência minimalista. Com a percussão define-se um ambiente tenso, constrói-se um cenário de negreume futurista que, eis o golpe de

asa, nunca se torna dominador. Porque as omnipresentes orquestrações emprestam-lhe um onirismo reconfortante ("The airport line" e exemplar na forma como funde luz e escuridão), porque se em "It's all gone quiet" Peter Brevis conjuga a alienação angustiada de um Ian Curtis com a exuberância cavalheiresca de Peter Gabriel, em "Yesterday's paper" temos curtas explosões rock (guitarras disparando micro-solos) ou em "Come home" um

belíssimo lamento nostálgico feito balada ao piano, elaborada com requinte perfeccionista.

"The Week That Was", álbum de circulação discreta que acabou destacado em várias listas de melhores do ano em 2008, é um OVNI na produção musical recente. Absolutamente fiel à grande tradição da música pop e com uma coesão estética inatacável, é absolutamente contemporâneo e indiscutivelmente intemporal. Um clássico imperdível. M.L.

Mr Oizo

Lambs Anger
Ed Banger, distri. Massala

★★★★☆



Apesar de ter composto, em 1999, um dos temas mais emblemáticos da chamada música de dança ("Flat beat")

os dois álbuns - "Analog Worms Attack" de 1999 e "Moustache (Half a Scissor)" de 2005 - do francês Mr. Oizo dificilmente conseguiram induzir alguém à agitação corporal. O último, então, era um disco de muito difícil digestão, feito por alguém fascinando pelas técnicas de bricolage, trajectos construídos ao sabor das circunstâncias, uma electrónica desviada de colagens, espasmos e montagens de sons digitalizados que se atropelavam em correria desenfreada.



Mas não é só enquanto músico que Quentin Dupieux, seu verdadeiro nome, cultivava um certo gosto pelo insólito, como se constata vendo as suas longas-metragens enquanto realizador de cinema ("Nonfilm" de 2001 e "Steak" de 2008). Por tudo isso, o seu terceiro álbum constitui, parcialmente, uma surpresa.

É de longe o seu registo mais focado, aquele onde se sente que existe maior intencionalidade. O facto de ter sido gravado no contexto da editora Ed Banger (Justice, Sebastian, Uffie) é capaz de ter ajudado. É que Oizo é uma das figuras de referência dos seus actuais companheiros de editora. Também por isso, "Lambs Anger" parece recuperar as facetas mais directas e os ritmos mais instantâneos dos temas do princípio, sem perder por completo a áurea extrema do segundo álbum, movendo-se entre temas electrónicos abstractos e canções. O sentido de irrisão não se perdeu - a começar pelo título de temas como "Bruce Willis is dead" ou "Gay dentists" -, mas há mais harmonia, uma cadência estruturada e uma precisão que não se lhe reconheciam. V.B.

Maria João Quadros

Fado Mulato
Grão

★★★★☆

Num tempo em que tantas misturas musicais soam a falso, por demasiado artificiais ou inúteis, "Fado Mulato" pode cumprir o papel de bálsamo regenerador. Parte do fado e não se afasta dele, até pela escolha da

tmn apresenta

BLUE MAN GROUP | MEGASTAR WORLD TOUR

M/12

1ª VEZ EM PORTUGAL!

ESTREIA 19 MARÇO

AUDITÓRIO DOS OCEANOS | CASINO LISBOA

RESERVAS 707 234 234 WWW.TICKETLINE.SAPO.PT

APÓIOS: RFM | sapo.pt | SÁBADO | Global

www.uau.pt

dois mil e oitenta: para eles a música é um "melting pot"



intérprete (Maria João Quadros, fadista de voz granulada e vívida), mas procura assentá-lo em alicerces que se lhe submetem, dando-lhe tons suaves de outras geografias sonoras.

As letras de Tiago Torres da Silva, mentor do projecto, ganham corpo em fados escritos por brasileiros que do fado tinham apenas rudimentos (Ivan Lins, Zeca Baleiro, Chico César, Pedro Luís, Olívia Byington, Lara Rennó, Alzira Espíndola) e dele se aproximam por intuição. A voz, os arranjos e os músicos fizeram o resto, com resultados surpreendentes. Temas como "Fado mudo", "Quando a noite adormece", "Noites perdidas", "Fado mulato", "Vais dizer adeus", "Gente vulgar" ou "Fado escravo" revelam, a cada nova audição, pequenos motivos de encanto. Além deles há, no disco, versos afastadas de canções brasileiras ("Gota d'água" e "Amor alheio", ambas de bom gosto) e um tema final, "Desamparinho", onde a fadista, nascida em Moçambique, se transfigura em cantora brasileira. O alaúde de Pedro Jóia e a guitarra de José Peixoto, como as vozes de Francis Hime, Tito Paris ou Olívia Byington, ajudam a dar consistência a este objecto deveras singular. **Nuno Pacheco**

Chico Buarque
Essencial
4CD+1DVD Sony Music

★★★★★



Chico Buarque será, de todos os cantores brasileiros vivos, o mais antologado, ora em simples colectâneas de êxitos ora em leituras transversais da sua obra (à semelhança da série editada em 2002

pela Polygram, agora Universal, com títulos como "O malandro", "O trovador", "O cronista", "O político", "O amante", "O sambista", etc.). "Essencial", com 4 CD e 1 DVD, inclui-se nesta última categoria. Não trazendo novidades do ponto de vista documental, nem sequer uma leitura crítica (inovadora ou não) que sustente a escolha das canções para cada disco, permite contudo uma audição lógica de canções

tematicamente próximas, sem nenhuma ordem temporal. O primeiro CD, "Samba e amor", corresponde ao título: sambas, amores e desamores, pessoais, políticos (como "Apesar de você) ou épicos ("Vai passar"). "Todo o Sentimento" (CD2) prolonga os amores mas na vertente mais íntima. Tem "Joana francesa", "As vitrines", "Ludo real" e fecha com a imortal "Tatuagem". "Cotidiano" (CD3) é Chico olhando a vida, a cidade, o país e, dentro deles, os seus inúmeros figurantes, como "Pedro pedreiro", "O velho Francisco" e, na paisagem, o morro carioca conhecido por Dois Irmãos. "Entre amigos" (CD4), embora preenchido só por duetos, não tem uma única faixa em comum com o disco "Duetos", editado em 2002 pela BMG. Mas tem gravações raras, como os duetos com Nelson Gonçalves em "Valsinha", Fafá de Belém em "Fado tropical" ou Marianna Leporace em "Tororó". Por fim, o DVD "Chico ou o País da Delicadeza Perdida" (1990, 73min), já editado separadamente pela BMG em 2003, é um excelente documentário encomendado em 1989 pela televisão francesa, estreando-se na FR3 em Maio de 1990.

Com realização de Walter Salles e Nelson Motta, incluiu o show comemorativo dos 25 anos de carreira de Chico Buarque, gravado na Fundação Progresso, na Lapa do Rio de Janeiro, em Março de 1990. E se na verdade ainda há mais música "essencial" em Chico Buarque do que a escolhida, certo é que o conjunto, 56 canções e filme, forma um lote de respeito. Que acaba por ter vida própria, a par dos muitos discos onde se alimentou. **N.P.**

dois mil e oitenta
(dois mil e oitenta)
EMI Music Portugal

★★★★★



Despachemos já a questão. Os dois mil e oitenta, pessoal da Maia com títulos de canções tão porreiros quanto "Acordes c/arroz" ou "Caratéquide", gostam de guitarras enfurecidas, de baixos a caminho do funk e de gritar refrões lá no alto - descarga de energia a que, espera-se, se junte a malta que os ouve cá em baixo. Cantam com

sotaque nortenho e, para eles, a música é um "melting pot" de referências - sempre eléctricas, sempre a encaminhar-se para a vivência comunal da canção rock.

Ou seja, os dois mil e oitenta vão ser vistos por muitos (já estão a ser vistos?) como a segunda encarnação dos Ornatos Violeta. E muito bem, que não se deve negligenciar a influência de Manuel Cruz e companhia numa geração que cresceu quando os anos 1990 se encaminham para o século XXI - e há de facto algo de Ornatos em canções como "Bem melhor 12200074" ou "Música d'homens". E muito mal, que não se deve lançar esse peso castrador sobre os dois mil e oitenta quando, na verdade, eles contornam tão declaradamente a questão. Neste homónimo álbum de estreia, o trio dispara em várias direções - o que é, ao mesmo tempo, a sua força e a sua fraqueza.

"Acordes c/arroz", a canção que já lhes conhecemos há muito, flui entre serenidade de guitarras dedilhadas e sons de caixa de música, e controlada explosão rock'n'roll no refrão. Para apimentar a coisa, atiram ali a meio um ritmo quebrado, arraçado de reggae, e que tudo isto seja tricotado sem revelar marcas de costura é prova de talento em acção - está no extremo oposto de uma planagem sónica, infelizmente subdesenvolvida, intitulada "A.T.L."

Atentos aos pormenores, os dois mil e oitenta apreciam tanto dedicar-se a cuidadas pinceladas sonoras (mui "índie" a "digitalia") etérea de "Cabanas (Peterpanismo)" quanto a total falta de descrição de ritmos tonitruantes e guitarras em ebulição (conferir a rockalhada pós-grunge de "Caratequide").

Através deste álbum que, ainda que vivido em clima de euforia juvenil (temperada pelo meticuloso trabalho de produção), arranja espaço para baladas acústicas em tom confessional (a muito interessante "so05/so06 e a mais banal "Tempo a mais"), os dois mil e oitenta apresentam-se com estrondo à sua geração. É uma óptima apresentação. O grande álbum, a surgir, chegará depois. **M.L.**

Joana Costa

Recado
Ed. Autor, Distri. Compact Records

★★★★★

Nascida no Ribatejo e com actuações



regulares no Porto, no Café Guarani, Joana Costa já anda há vários anos pelos domínios do fado,

por entre elogios e algumas avaliações mais reticentes. O seu disco de estreia, "Recado", que anda agora a ser apresentado pelo país (ontem no lisboeta Maxime e hoje na Fnac do NorteShopping, no Porto, às 18h30) é uma amostra do que ela é capaz neste momento: muita vontade, alguma garra (mais patente em "Tua guitarra", "Meu corpo", exemplos de que o canto lhe pode vir da alma) e vários equívocos. "Recado", a abrir o disco, a despeito do poema de António Lobo Antunes que lhe está na origem, arranca mal (o canto deixa-se tropeçar nas palavras) e hesita no registo, o que também sucede, mais adiante, com "São saudades"; as versões de "Duas lágrimas de orvalho" e "Fria claridade" ficam aquém do emocionalmente exigido pelos originais e a de "Lisboa garrida" é infeliz. Se algum recado este disco deixa é que Joana Costa tem muito por ali a meio um ritmo quebrado, arraçado de reggae, e que tudo isto seja tricotado sem revelar marcas de costura é prova de talento em acção - está no extremo oposto de uma planagem sónica, infelizmente subdesenvolvida, intitulada "A.T.L."

Clássica

Um banquete musical

Deliciosa versão da antologia de canções para voz e alaúde compilada por Robert Dowland em 1610. **Cristina Fernandes**

Musical Banquet
Monika Mauch (soprano)
Nigel North (alaúde)
ECM New Series 1938 476 6397

★★★★★

Em 1610, Robert Dowland (1591-1641), filho do célebre alaúdistas e compositor John Dowland (1562-1626), publicava em Londres uma colecção



Joana Costa tem muito por onde crescer



de peças para voz e alaúde fora do comum no contexto da época. A novidade consistia no facto desta não incluir apenas música inglesa, mas também canções espanholas, francesas e italianas. O título ("A Musical Banquet, furnished with varieties of delicious Ayres, collected out of the best Authors in English, French, Spanish, and Italian") salienta a escolha dos melhores autores e a introdução faz uma analogia com a mais refinada confeitaria no intuito de agradar a todos os gostos.

A antologia é composta por dez canções em inglês, quatro em italiano, três em francês e três em castelhano (entre as quais "Passava Amor sur arco desarmado", do romance pastoril "Diana", do português Jorge de Montemor) e uma peça para alaúde solo de John Dowland. Nenhuma das composições é atribuída a Robert Dowland que terá sido apenas o editor. Além de John Dowland, entre os compositores representados encontram-se Giulio Caccini, Domenico Megli, Pierre Guédron, Anthony Holborne, Daniel Bachelar, Richard Martin e anónimos. São miniaturas de um grande refinamento musical, frequentemente de temática amorosa e com pendor melancólico, mas existem também referências a personagens e episódios históricos.

A soprano Monika Mauch e o alaúdistas Nigel North propõem interpretações serenas e delicadas destes peças, que apostam na subtilidade em detrimento de uma expressão mais enfática das emoções. A cantora alemã Monika Mauch, colaboradora de vários agrupamentos vocais especializados na música antiga, possui uma voz muito cristalina e uma emissão clara. A sua pronúncia das várias línguas é atenta e a ornamentação cuidada. O timbre é algo uniforme no plano da cor e Mauch poderia arriscar mais nos contrastes, mas o resultado é, mesmo assim, portador de uma generosa musicalidade que se centra na componente intimista do repertório. Nigel North é um alaúdistas de primeira água (membro do

Hora Ípsilon

Os principais temas do suplemento na voz de quem os escreve e quem os vive. Música, livros, cinema, dança, teatro, exposições e design, ouça as escolhas e recomendações que o Ípsilon lhe sugere

Leia no Ípsilon, ouça na Oxigénio

102.6 FM

Todas as Sextas
na Oxigénio às 9.00h

OXIGÉNIO 102.6



Es Pú

Nos idos anos noventa, quando os Oasis e os Blur se divertiam a brincar aos índios e cowboys para ver quem tinha a pilinha mais comprida, Jarvis Cocker e os seus Pulp incendiavam as terras de Sua Majestade com uma pop literária

carregada de ironia, espírito nostálgico e muito, muito sexo. Depois do fim dos Pulp, Jarvis regressou ao seu adorado estado de invisibilidade, permanecendo algures entre a escrita de canções para uns e a realização de videoclips para outros, estado intercalado com uma aventura a solo em nome homónimo. Agora, com 45 anos, Jarvis vai tentar inventar de novo a roda, lançando-se numa

digressão mundial que vai misturar espectáculo, música, dança e muita literatura, pondo um termo à invisibilidade conquistada. Curiosos? Tempo para ler a entrevista de Jarvis Cocker ao prestigiado "Guardian" em <http://www.guardian.co.uk/music/2008/nov/24/jarvis-cocker-pulp-pop-music>. Pedro Miguel Silva 35 anos Técnico de Comunicação

← ensemble La Romanesca e detentor de uma brilhante carreira a solo), que proporciona uma excelente sintonia com a cantora e inspiradas prestações nas peças solísticas, algumas delas extraídas de outra colecção editada por Robert Dowland: "A Varietie of Lute Lessons".

Morales

Magnificat: Motetos e Lamentações The Brabant Ensemble Stephen Rice, direcção Hyperon CDA67694

★★★★☆



Um equilíbrio perfeito mas quase hesitante na sua linha de continuidade vai revelando as mais belas e surpreendentes harmonias, partindo da maior simplicidade para a magnitude, da sombra para a luz, da inquietação para o deslumbramento. Uma espécie de império dos sentidos: assim poderíamos descrever a obra de Cristóbal de Morales (1500-1553), o mais conceituado músico espanhol da primeira metade de Quinhentos.

Tenor durante vários anos na Capela Sistina, após o seu regresso a Espanha desempenhou importantes cargos nas catedrais de Toledo e Málaga. Depois da sua morte, as obras permaneceram no repertório sacro, em lugares como a Basílica de S. Pedro, onde o pequeno Giovanni Palestrina terá sido marcado pela beleza e harmonia destas linhas perpétuas. O presente disco foca-se em obras menos conhecidas de Morales, sendo a sua qualidade inquestionável. Algumas peças, como o Magnificat que encerra o disco, foram escritas em Itália para serem cantadas na Capela Sistina. Outras, como o Regina Caeli, foram compostas em Espanha. No seu conjunto ilustram diferentes estilos de abordar o repertório sacro, nomeadamente no que diz respeito à estrutura das obras. Do ponto de vista harmónico, revelam grande domínio polifónico e reservam momentos inquietantes de dissonância, como acontece no "Spem in alium" a cinco vozes ou no "Beati omnes" a seis vozes.

Cantadas pelo The Brabant Ensemble sob a direcção do experiente maestro Stephen Rice, que dirige o agrupamento vocal inglês há

precisamente dez anos, estes Motetos e Lamentações são desvendados em todo o seu esplendor num disco de óptima qualidade técnica, e acompanhado por elucidativas notas ao programa da autoria do próprio maestro. Rui Pereira

Um Satie ascético

Erik Satie

Claire Chevallier (piano Érad 1905) Zig-Zag Territoires ZZT 080901

★★★★☆



À semelhança do seu mestre (o cravista, pianista e maestro Jos van Immerseel), Claire Chevallier tem-se dedicado a explorar repertório relativamente tardio em instrumentos históricos. A sua colecção compreende actualmente cinco pianos franceses com datas de construção entre 1842 e 1920, alguns deles usados nas suas gravações na Zig-Zag Territoires. Para o seu CD mais recente, a pianista procurou construir um percurso coerente em torno da música de Erik Satie (1866-1925), centrando-se no período místico do compositor, que aderiu em 1891 a uma ordem cabalística ligada ao movimento Rosa Cruz. Foi neste contexto que compôs "Les Sonneries de la Rose-Croix" (1891) e "Le fils des étoiles" (1892). Mais tarde o próprio Satie fundou a "Igreja Metropolitana da Arte de Jesus Conductor", da qual era o único Mestre de Capela e o único membro (!), o que se reflecte no esotérico "Prélude de la porte héroïque du ciel", formado por estáticos blocos de acordes com originais sonoridades. A esta peça corresponde uma das mais interessantes interpretações de Claire Chevallier, que gravou também as quatro "Ogives" (1886), inspiradas pelo seu fascínio pelo estilo gótico e pelos estudos de canto gregoriano e de arte medieval, e também as célebres "Gymnopédies" (1888) e as "Gnosiennes" (1889-91).

Recorrendo a um piano Érard de 1905 de bela sonoridade, a pianista leva à letra esta ideia de um misticismo algo exótico e de uma arte despojada. Com uma "toucher" muito límpida, abdica de grandes nuances expressivas, preferindo esculpir o som como se se tratasse de um frio bloco



Claire Chevallier procurou construir um percurso coerente à volta da música de Erik Satie

de mármore. O resultado é um Satie ascético, isento de ironia e da sua irreverência característica. É certo que o sentido de humor é mais visível nas obras mais tardias, mas também não está totalmente ausente do chamado "período místico" - a abordagem do acto criativo por Satie é sempre desconcertante e algo excêntrica. Se na maioria das obras gravadas essa visão de distanciamento acentua a dimensão enigmática, ela resulta mais forçada e limitativa nas "Gymnopédies" e nas "Gnosiennes", objecto de vários outros registos bem mais entusiasmantes. C.F.

Jazz

Será pedir de mais?

Um novo capítulo, notável, na arte do trio. Jazz de câmara, elegante, sofisticado e invulgarmente directo. Rodrigo Amado

John Ruocco Am I Asking Too Much Pirouet, dist. Mbari

★★★★☆



Recuperado directamente do conjunto de registos mais interessantes lançados o ano passado, este "Am I Asking Too Much", do clarinetista John Ruocco,

evoca o universo poético de outro músico, Jimmy Giuffrè, pelo som, pela forma como é trabalhado o silêncio e pela excepcional clareza do fraseado.

Contando com a colaboração de dois grandes músicos, John Taylor no piano e Riccardo Del Fra no contrabaixo, Ruocco desenvolve uma música sofisticada, tocada sem rodeios e pretensiosismos, tranformando-a na coisa mais simples do mundo. Afinal, exactamente aquilo que fez Giuffrè em álbuns como "Free Fall" ou "Flight, Bremen 1961".

Natural dos Estados Unidos, Ruocco mudou-se cedo para a Europa desenvolvendo uma sólida carreira entre a Holanda e a Bélgica,

associado a formações como a Dutch Jazz Orchestra ou a Den Haag Conservatory Big Band. Agora com 56 anos, começa finalmente a conquistar alguma visibilidade, reforçada pela participação no último disco da compositora Myriam Alter (Enja), registo onde participam ainda Jacques Morelenbaum, Greg Cohen ou Joey Baron. O som do trio, lírico e intimista, surpreende-nos ao revelar uma força oculta e velada, o tipo de força que se esconde por detrás dos grandes poetas jazz como Bill Evans, Chet Baker ou Lee Konitz.

A escolha do pianista John Taylor, um especialista em tempos lentos e na incorporação do silêncio no discurso musical, confere a "Am I Asking Too Much" um toque clássico e intemporal, acentuado pela espontaneidade das secções improvisadas que surgem como natural extensão das composições do clarinetista. Em "Benebe", quarto tema do álbum, sentimos que poderíamos ficar a ouvir apenas o clarinete, sem qualquer acompanhamento, de tal forma são a beleza e força projectadas pelo sopro de Ruocco. No entanto, é decididamente a comunicação intensa entre os três músicos e o seu permanente sentido de risco que faz deste um registo especial.



John Ruocco evoca o universo poético de outro músico Jimmy Giuffrè



TANYA TAGAQ
[CANADÁ]
SEXTA
13 DE FEVEREIRO
21H30



BUIKA
[ESPANHA]
SÁBADO
14 DE FEVEREIRO
21H30

TEATRO MUNICIPAL DA GUARDA
BILHETEIRA ON-LINE: WWW.TMG.COM.PT

Concertos

Vai ver se eu estou online!

Internet

Estamos online. Clique em ipilson.publico.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site connosco.

●Mau ★Mediocre ★★Razoável ★★★Bom ★★★★Muito Bom ★★★★★Excelente

Pop

Festas e histórias folk na Culturgest

A Culturgest propõe, a partir de segunda-feira, um festival "Hootennanny". Ou seja, música popular americana, interpretada em palco e vista em tela. **Mário Lopes**

Festival Hootennanny

Lisboa. Culturgest. Rua Arco do Cego - Edifício da OGD. De 2ª, 2, a sáb., 7. 21h30, No Pequeno Auditório. M/12.

Joan Baez disse em tempos que "hootennanny" é para a folk o mesmo que as jam sessions são para o jazz. Já Pete Seeger recorda-se de ter ouvido o termo pela primeira vez no final dos anos 1930, aplicado às acções de recolhas de fundos de associações ligadas ao New Deal de Franklin Roosevelt. As origens do termo são incertas, o que, de resto, faz sentido: no início do século XX, era utilizado na linguagem corrente para designar aquilo para o qual não havia nome definido.

Certo é que, adoptado por Pete Seeger e Woody Guthrie, tornar-se-ia sinónimo de celebração musical popular despida da formalidade de um concerto "oficial". Depois, difundido entre a geração do revivalismo folk da década de 1960, passaria a ser usado em referência a qualquer espectáculo de música popular. A Culturgest, em Lisboa, propõe, a partir de segunda-feira, um festival "Hootennanny". Ou seja, música popular americana, interpretada em palco e vista em tela. O ciclo, comissariado por Ruben de Carvalho, traz a Portugal Mike Seeger (irmão de Pete Seeger, fundador na década de 1950 dos históricos New Lost City Ramblers, conhecedor profundo e intérprete virtuoso e multifacetado da folk americana). A actuação, terça-feira, 3 de Fevereiro, marca o segundo dia do ciclo, que arranca com a projecção de "American Patchwork - Appalachian Journey", um dos episódios da série "American Patchwork", gravada pelo etnomusicólogo Alan Lomax entre 1978 e 1985 e difundida em 1991. Em 60 minutos, Lomax mergulha na rica tradição musical e popular dos Appalaches, registando como do encontro de colonos britânicos, africanos traficados como escravos e cultura indígena nasceu uma expressão cultural única.

Intercalando a experiência única dos concertos com o olhar contextualizante do cinema documental, o ciclo Hootennanny

prolongar-se-á até sábado, dia 7.

Estão programados "Dreadful Memories: The Life Of Sarah Ogan Gunning" (quarta, dia 4), documentário, realizado por Mimi Pickering, sobre a cantora filha de mineiros que foi guardiã do repertório que a antecedeu e deu voz às lutas sociais do seu tempo (nascida em 1910, acompanharia Guthrie e Seeger nos anos 40, gravando o seu primeiro álbum na década de 1960).

No dia seguinte, Ira Bernstein e Riley Baugus, da Carolina do Norte, oferecem uma visita guiada às músicas e danças do Appalaches, num espectáculo em que os violinos, cânticos ou sapateados próprios da região se abrem a manifestações populares similares (e dos Appalaches a viagem chegará a Inglaterra ou à África do Sul).

Para os dois últimos dias, estão reservados uma antologia vídeo de actuações ao vivo de Doc Watson, veterano histórico, guitarrista e tocador de banjo ("Fingerpicking e Flatpicking", sexta, dia 6), e, no encerramento, um concerto de Tony Trishka, músico cuja carreira e banjo, do qual é considerado um dos mais relevantes intérpretes da actualidade, se cruza com nomes como Earl Scruggs, Pete Seeger, Bill Evans ou Ornette Coleman.

Todas as sessões têm início às 21h30. A entrada para as sessões de

cinema têm entrada gratuita, mediante levantamento de senha 30 minutos antes do seu início. Os bilhetes para os concertos de Mike Seeger e Ira Bernstein & Riley Baugus têm o preço de 5 euros, o de Tony Trishka, 18 euros. Até aos 30 anos, o preço único é de 5 euros.

Mogwai + Errors

Lisboa. Aula Magna. Alameda da Universidade. 5ª, 5, às 21h00 (portas abrem às 20h). Tel.: 217967624. 22€ a 30€.

Quase doze anos depois da edição de "Young Team" os Mogwai já não são o prato do dia, a próxima grande promessa do indie rock, se assim se pode definir música que está longe de assentar no formato canção e que era, maioritariamente, instrumental. Por um momento ali, entre "Come On, Die Young" (99) e "Rock Action" (2001), foram os reis das guitarras angulares e abrasivas - e depois seguiram o caminho destinado a quem cinzelou um som que ao início parecia novidade: primeiro aprofundaram a matriz inicial (e foram causados de repetição), depois experimentaram desvios, e em "Happy Songs For Happy People", de 2003, chegaram mesmo a incluir pianos e electrónicas.

Possivelmente, nunca mais voltaram a atingir o esplendor daqueles primeiros discos. Mas há doze anos havia guitarras angulares, uma tensão enorme nas linhas melódicas, teias harmónicas criando sufoco e electricidade, electricidade bruta. Era a herança dos Slint combinada com a melhor qualidade do pós-rock: desenharam escarpasónicas em que um tipo tem vontade de se despenhar. E faz sentido recordar esses tempos, porque em "The Hawk Is Howling", disco do ano transacto e última edição da banda, eles regressaram às guitarras sujas, capazes de provocar tétano em que se digna a ouvi-las. O assunto é peso e força - e desde que o rock'n'roll foi inventado, é isso que se espera de quem pega numa guitarra: que nos ponha doer os ouvidos. O que faz com que o concerto de Domingo, na Aula Magna, possa vir a ser mais interessante do que os últimos anos da banda fariam, à partida, prever. **João Bonifácio**

Clássica

As complicações de Maria João Pires

A pianista prossegue a sua residência artística no CCB em companhia do violoncelista Pavel

Gomziakov e um dos seus compositores de eleição. **Cristina Fernandes**

Maria João Pires e Pavel Gomziakov

Com Maria João Pires (piano), Pavel Gomziakov (violoncelo).

Lisboa. Centro Cultural de Belém. Praça do Império. 6ª, 30 às 21h00. Tel.: 213612400. 10€ a 30€ (sujeito a descontos). No Grande Auditório. M/12.

Com o estatuto de artista associada do CCB nesta temporada, Maria João Pires regressa aos palcos de Lisboa →



Ira Bernstein e Riley Baugus, da Carolina do Norte, oferecem uma visita guiada às músicas e danças do Appalaches

UGURU apresenta

ESPERANZA SPALDING

A NOVA VISIONÁRIA DO JAZZ

CCB (Grande Auditório)
1 FEVEREIRO > 21:00h

BILHETES À VENDA: Bilhetes do CCB - www.ccb.pt, Loja Prac. Warren, Biss. Carrisa Bulhões (Oeiras Park), Agrup. Adm. Playroads - www.playroads.pt
Bilhetes e informações: 707 434 134, 34970 - www.uguru.pt

BILHETES JÁ À VENDA



Esperanza Spalding no CCB



João Coração continua a divulgar "Nº1 Sessão de Cezimbra"

Viagens com bolso Al Zahra City, 6º andar



Alexandra Lucas Coelho

Não há correio em Gaza (obrigada a quem quis enviar pilhas e livros). Muitas moradas nem têm endereço. Para chegar a casa de Ayman, por exemplo, é assim: Al Zahra City, prédio da farmácia, 6º andar.

Al Zahra City não é uma cidade. É um conjunto de prédios que foi construído num terreno vazio a sul da Cidade de Gaza. Vazio porque o colonato israelita de Netzarim ficava ali perto, com os seus telhadinhos vermelhos, os seus barbecues e o seu arame farpado.

Quando os colonos saíram, à força e aos gritos, a construção avançou no baldio ao lado e dois anos depois Ayman mudou-se com a mulher, Heba, e as três filhas, Lulu, Mini e Nunu, para um dos apartamentos no 6º andar por cima da farmácia.

Não é como se tudo já estivesse pronto a habitar, mas em Gaza é difícil as coisas parecem prontas a habitar.

No prédio da farmácia, as escadas não têm vidros, o que no Inverno faz mesmo diferença, e é preciso subir pelas escadas porque o prédio não tem elevador. Velhos, crianças com mochilas, mães com bebês, toda a gente sobe a pé. E às escuras, sempre que não há electricidade e é de noite.

Durante a guerra foi como se fosse sempre de noite. Durante 22 dias, Ayman e as meninas dormiram no chão da cozinha, o ponto mais interior. Logo no primeiro dia da guerra, o exército israelita fez explodir um edifício governamental entre os prédios de Al Zahra City e passou a haver um monte fumegante de ruínas a 200 metros da farmácia. Os vidros rebentaram nas janelas e foram

encontrados bocados de corpos atrás do prédio de Ayman.

A partir daqui, Al Zahra City fechou-se em casa. Em alguns dias, Ayman e as meninas mal se levantavam do chão. Nunu, que só tem seis anos, escondida a cabeça na barriga do pai. Nenhuma delas gritou.

Um dia houve um "boom" no quarto de Ayman e Heba. Ela foi a correr e viu um buraco do tamanho de um punho ao lado da cabeceira. Ayman encontrou o projectil no chão e mostrou-mo no dia em que eu cheguei.

Achou que tinham tido sorte. Era só calibre 250 mm, quando podia ser calibre 800 mm, daqueles que atravessam várias paredes. Tem o tamanho da minha mão.

O outro "souvenir" de Ayman é mais pequeno, e curvo, como um bico de pássaro. Foi no primeiro dia em que ele teve mesmo de descer à rua, porque já não havia água. Quando desceu os seis andares e atravessou a porta sentiu o sol no corpo, ao fim de tantos dias. Aquilo foi tão forte que ele se sentou por um momento num tijolo à porta, virado para o sol. E foi então que ouviu um zumbido e um tijolo a partir-se. Quando abriu os olhos os vizinhos estavam a dizer que tinha sido um milagre. Apanhou a bala, meteu-a no bolso e levou água para cima.

Na segunda vez em que saiu, foi em busca de comida para sul, com mais três vizinhos para não ser tão assustador. Os palestinianos nunca dizem que têm medo. Ayman diz que tem medo mas posso lembrar-me de duas vezes em que, de baixo de fogo, ele simplesmente baixou a cabeça, mantendo as mãos no volante, e guiou firmemente dali para fora.

No dia em que cheguei à farmácia ainda não estava aberta e continuou fechada, mas já havia electricidade seis horas em cada 24, e na segunda noite voltou a Internet. As meninas prepararam as fardas às risquinhas e as golas de renda para irem à escola. Heba fez compota de laranja e de morango. Há um pequeno pomar em Al Zahra City, e os morangos de Gaza são mesmo bons.

viagenscombolso@gmail.com

← pondo mais uma vez em evidência o prazer de fazer música em conjunto. Tem sido esta a nota dominante do mais recente percurso artístico da pianista, que trocou os recitais individuais por enriquecedoras cumplicidades com amigos músicos, presentes mesmo nas ocasiões em que toca peças a solo. Desta vez não vez acompanhada pelo excelente tenor Rufus Muller (responsável por alguns dos mais sublimes momentos do último concerto), mas retoma o duo com o jovem violoncelista russo Pavel Gomziakov, num programa quase inteiramente dedicado a Chopin. Nos últimos dois anos, os dois músicos tocaram em várias salas europeias, americanas e asiáticas e gravaram, para a Deutsche Grammophon, a Sonata para violoncelo, de Chopin, no âmbito de um projecto dedicado às derradeiras páginas do compositor polaco. Esta obra e algumas das restantes peças do disco serão ouvidas em conjunto com uma versão para violoncelo e piano do Estudo em Dó sustenido menor, op. 25, nº 7 (transcrição de A. Glazunov) e "La lugubre

Maria João Pires



gondola", também para violoncelo e piano, de Liszt. A solo Maria João Pires interpreta a Sonata nº3, op. 58, e as Mazurcas op. 67 nºs 2 e 4, e op. 68 nº4, de Chopin.

A propósito da primeira vez que tocou com Maria João Pires (em Junho de 2007, em Madrid), Pavel Gomziakov disse ao ípsilon por ocasião do início da residência artística no CCB, em Setembro de 2008: "Foi uma revelação, o entendimento musical foi muito simples, era a primeira vez mas sentiamo-nos como se tocássemos juntos há muito tempo, como se já tivéssemos feito música de câmara noutra encarnação." O violoncelista classificando-a como alguém que "dá primazia à própria música, sem nunca colocar o seu ego ou personalidade acima dela" e admira "o seu 'toucher' mágico, o som magnífico" e o seu "sentido do gosto absolutamente perfeito."



Sir Richard Bishop em Lisboa e Braga

Agenda

Sexta 30

The Stranglers

Lisboa. Aula Magna. Alam. Universidade, às 21h30 (portas abrem às 20h30). Tel.: 217967624. 20€ a 30€.

The Greatest Hits Tour.

OrchestUtopica

Lisboa. Centro Cultural de Belém. Praça do Império, às 21h00. Tel.: 213612400. 12,5€ (sujeito a desconto). No Pequeno Auditório. "Isto não é um concerto". M/12.

Sofia Ribeiro + Marc Demuth

Cascais. Centro Cultural de Cascais. Av. Rei Humberto II de Itália, às 21h30. Tel.: 214848900. Entrada livre.

Dois Dedos de Jazz. Informações: 214815330.

Evangelista + Ches Smith

Lisboa. Galeria Zé dos Bois. Rua da Barroca, 59 - Bairro Alto, às 23h00. Tel.: 213430205. 8€.

Ensemble Darcos

Com António Pinho Vargas (comentários), Hebe Mens (violino), Reyes Gallardo (viola), Filipe Quaresma (violoncelo), Hélder Marques (piano). Torres Vedras. Teatro-Cine. Av. Tenente Valadim, 19, às 21h30. Tel.: 261338131. 2,5€. Tradição - obras de Pinho Vargas, Corte-Real e Brahms.

Rita Redshoes

Caldas da Rainha. Centro Cultural e Congressos das Caldas da Rainha. Rua Doutor Leonel Soto Mayor, às 21h30. Tel.: 262889650. 10€. Estudante e sénior: 7,5€. No Grande Auditório. Apresentação de "Golden Era".

Sir Richard Bishop + Tó Trips + Gabriel Abrantes

Lisboa. Maxime. Pç. Alegria, 58, às 22h30. Tel.: 213467090. 7€.

Rodrigo Leão & Cinema

Ensemble Coimbra. Teatro Académico de Gil Vicente. Pç. República, às 21h30. Tel.: 239855636. 22€ a 25€. Estudante: 20€ a 23€. Apresentação de "Os Portugueses". M/6.

Bunnyranch

Alcobaça. Clínica. R. Eng. Bernardo Villa Nova, às 00h00. Tel.: 262598549.

João Coração

Coimbra. Fnac (Fórum Coimbra). Quinta de São Gemil, às 22h00. Tel.: 707313435. Entrada livre. Apresentação de "Nº1 Sessão de Cezimbra".

Sábado 31

Kaiser Chiefs

+ Dananananaykroyd

Porto. Coliseu do Porto. R. Passos Manuel, 137, às 21h00 (portas abrem às 20h). Tel.: 223394947. 28€ a 35€.

Apresentação de "Off With Their Heads". M/6.

Sir Richard Bishop

Braga. Teatro Circo. Av. Liberdade, 697, às 21h30. Tel.: 253203800. 10€. Na Sala Principal.

The Stranglers

Porto. Cinema Batalha. Praça da Batalha, 47, às 22h00 (portas abrem às 21h). Tel.: 222011913. 20€.

The Greatest Hits Tour.

Uma Vaca Flatterzunge

Cenografia: Rui Chafes. Direcção Musical: Vitor Rua. Com Paulo Abreu (vídeo), Ana Borralho (direcção de movimento), João Galante (direcção de movimento), Eddie Prévost (percussão), Vitor Rua (computador e electrónica), Daniel Kientzky (saxofone), Giancarlo Schiaffini (tuba e trombone), John Tilbury (piano), Quarteto Arabesco, Ana Ferreira (voz), Hélder Bento (voz), Marco Alves dos Santos (voz), Margarida Marecos (voz). Compositor: Vitor Rua.

Encenação: Rui Chafes.

Lisboa. Culturgest. Rua Arco do Cego - Edifício da CGD. Sáb. e Dom. às 21h30. Tel.: 217905155. 18€ - 30 anos: 5€. No Grande Auditório. Duração: 1h30. M/12.

Wragynn

Lisboa. Aula Magna. Alam. Universidade, às 21h30. Tel.: 217967624. 15€ a 17,5€.

Concerto Nokia On.Live (convites em www.nokia.pt/online).

Solistas da Orquestra Barroca Casa da Música

Com Huw Daniel (violino), Reyes Gallardo (violino), Filipe Quaresma (violoncelo).

Porto. Casa da Música. Pç. Mouzinho de Albuquerque. Sáb. às 12h00. Tel.: 220120220. 5€.

Na Sala 2. Obras de Corelli, Händel, Leclair e Bach.

Paulo de Carvalho

Beja. Teatro Pux-Júlia. Largo São João, às 21h30. Tel.: 284315090. 8€.

No Auditório. Apresentação de "Do Amor". M/6.

Deolinda

Torres Novas. Teatro Virgínia. Largo São José Lopes dos Santos, às 21h30. Tel.: 249839309. 10€.

Apresentação de "Canção ao Lado".



Kaiser Chiefs em Portugal



Wraygunn na Aula Magna



Rodrigo Leão & Cinema Ensemble em Coimbra



Bunnyranch

Orquestra atenta ao futuro

A Orquestra de Filadélfia e o violinista grego Leonidas Kavacos num concerto imperdível.

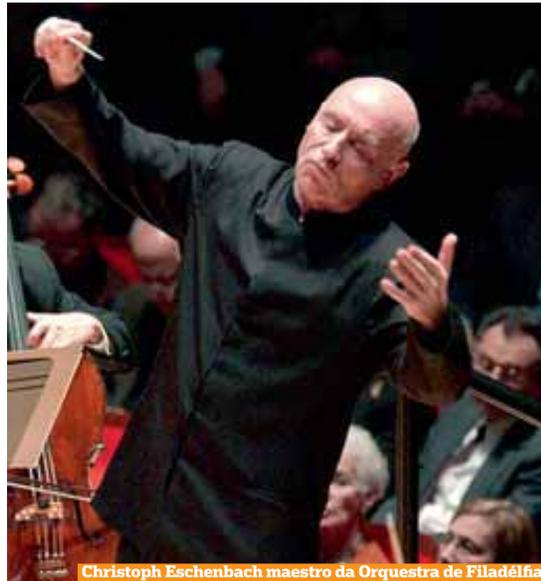
Cristina Fernandes

Orquestra de Filadélfia
Com Leonidas Kavacos (violino).
Maestro: Christoph Eschenbach.

Lisboa. Coliseu dos Recreios. R. Portas St. Antão, 96, 4.ª, 4, às 21h00. Tel.: 213240580. 20€ a 60€.
Camarotes: 150€ a 300€.

Ciclo Grandes Orquestras Mundiais.
Obras de Beethoven, Sibelius e Prokofiev.

Contemplando algumas das mais importantes formações instrumentais do planeta, o ciclo Grandes Orquestras Mundiais constitui um dos eventos mais marcantes das



Christoph Eschenbach maestro da Orquestra de Filadélfia

temporadas musicais de Lisboa. Depois da empolgante actuação da Sinfónica do Teatro Mariinsky de São Petersburgo, dirigida por Valery Gergiev, no passado dia 17, a próxima visita (dia 4) traz-nos uma das mais reputadas orquestras americanas. Trata-se da Orquestra de Filadélfia, que conta com mais de um século de existência - foi fundada em 1900 - e com um currículo invejável, quer pela qualidade artística, quer pelo carácter inovador da sua acção, sempre atenta aos novos desenvolvimentos tecnológicos. Foi a primeira orquestra sinfónica a fazer gravações através de meios eléctricos (1925), a primeira a realizar a sua própria emissão de rádio comercial (em 1929, na NBC), a primeira a participar na banda sonora de uma longa-metragem ("The Big Broadcast", de 1937, dos estúdios Paramount), a primeira a apresentar-se numa emissão de TV a nível nacional (em 1948, na CBS) e a primeira grande orquestra a dar um concerto através da Net (1997). Desde 2006, proporciona também a oportunidade de descarregar via Net interpretações recentes e de arquivo através da sua própria loja on-line:

www.thephiladelphiaorchestra.com. Será dirigida pelo pianista e maestro alemão Christoph Eschenbach, também ele detentor de uma carreira internacional notável e o o titular da formação entre 2003 e 2008 (será substituído por Charles Dutoit a partir da presente temporada).

O outro grande atractivo do concerto em Lisboa é a presença do violinista Leonidas Kavacos na interpretação do Concerto para Violino op. 47, de Sibelius. O restante programa inclui a Abertura "Egmont", op. 84, de Beethoven, e a Sinfonia nº 5, op. 100, de Prokofiev. O nome de Kavacos encontra-se particularmente ligado ao do compositor finlandês, uma vez que o violinista grego foi o vencedor do prestigiado Concurso Sibelius em 1985 (e do Concurso Paganini em 1988) e gravou as duas versões do Concerto para Violino de Sibelius num registo da etiqueta BIS muito elogiado pela crítica e vencedor do prémio Gramophone de 1991. Activo como solista e como músico de câmara, Kavacos é também o responsável por um festival anual em Atenas e maestro titular da Camerata Salzburg.

António Pinho Vargas

Baixa da Banheira. Fórum Cultural José Manuel Figueiredo. Rua José Vicente, às 22h00. Tel.: 210888900. 8€.

Ena Pá 2000

Lisboa. Maxime. Pç. Alegria, 58. Sáb. às 23h00. Tel.: 213467090. 10€.

Ena Pá 2000: paródia, paródia e mais paródia. E música sem papas na língua.

Big Up Drum'n'Bass: Friction + Dirtyphonics + Moving Fusion

Porto. Teatro Sá da Bandeira. R. Sá da Bandeira, 108. Sáb. às 00h00. Tel.: 222003595. 15€. Pré-venda: 12,5€.

Com Pat Mac, Zé Guilhas, Dogz United, Trap, T-Rex e MC Smoke 1. Informações: 234484025.

Joana Costa

Senhora da Hora. Fnac (NorteShopping). Rua Sara Afonso, 205, às 18h30. Tel.: 707313435. Entrada livre.

Heavenwood

+ Demon Dagger + Decay

Porto. Porto-Rio. Rua do Ouro - Barco Gandufe, às 22h00. Tel.: 917871912. 8€.

Domingo 1

Esperanza Spalding

Com Esperanza Spalding (contrabaixo e voz), Ricardo Vogt (viola), Leo Genovese (piano), Otis Brown (bateria).

Lisboa. Centro Cultural de Belém. Praça do Império. Dom. às 21h00. Tel.: 213612400. 15€ a 35€.

No Grande Auditório. Apresentação de "Esperanza". M/12.

Piotr Anderszewski

Porto. Casa da Música. Pç. Mouzinho de Albuquerque, às 18h00. Tel.: 220120220. 25€.

Na Sala Suggia. Obras de Bach, Schumann, Janacek e Beethoven.

Segunda 2

Solistas da Orquestra Gulbenkian

Com António Anjos (violino), Bin Chao (violino), Massimo Mazzeo (viola), Varoujan Bartikian (violoncelo), Miguel Carvalhinho (guitarra).

Lisboa. Fundação e Museu Calouste Gulbenkian. Avenida de Berna, 45A. 2ª às 19h00. Tel.: 217823700. 10€.

No Auditório Dois. Obras de Haydn, Boccherini e Schubert.

Quarta 4

Macacos do Chinês

Aveiro. Teatro Aveirense. Pç. República. 4ª às 22h00. Tel.: 234400922. 4€.

Na Sala Estúdio. Música Fora Horas.

Nouvelle Vague

Guimarães. São Mamede - Centro de Artes e Espectáculos. R. Dr. José Sampaio, 1725, às 22h00.

Tel.: 253547028. 15€ a 20€.
Na Sala Principal.

Quinta 5

Maria Anadon + Victor Zamora

Com Maria Anadon (voz), Victor Zamora (piano).

Lisboa. Centro Cultural de Belém. Praça do Império. 5ª às 22h00. Tel.: 213612400. Entrada livre.

Benjamin Tehovall

Guarda. Teatro Municipal da Guarda. Rua Batalha Reis, 12. 5ª às 22h00. Tel.: 271205241. 4€.

Café-concerto. InBlues - Festival de Blues da Guarda 2009. M/4.

Beat It'09 - Sessões de Música Electrónica

Porto. Plano B. R. Cândido dos Reis, 30. 5ª às 00h00. 6ª às 22h00. Tel.: 222012500. 10€ (dia/consumíveis).

Com The Juan Maclean DJ Set, CNTN (dia 5); Thieves Like Us, Mr. Mitsuhiro, Phillips & Justamine, Nite Xift (dia 6).

casa da música

Concertos Brandeburgueses

SÁB 07 FEV

18:00 SALA SUGGIA

ORQUESTRA BARROCA CASA DA MÚSICA

LAURENCE CUMMINGS cravo e direcção musical
HUW DANIEL violino
MARTA GONÇALVES flauta

Carlos Seixas Concerto em Lá maior para cravo e orquestra
J.S. Bach Concertos Brandeburgueses n.ºs 3 e 5; Abertura da Suite n.º 2, BWV 1067

Em concerto, de Carlos Seixas, a mais emblemática obra concertante do Barroco português, assim como os mais célebres exemplos do concerto grosso de Bach. Maestro e cravista britânico, Lawrence Cummings é também solista nesta obra marcada pelo apelativo estilo do período Galante e um marco incontornável da nossa história da música.



orquestra barroca
casa da música

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS DA CASA DA MÚSICA



SEJA UM DOS PRIMEIROS A APRESENTAR HOJE ESTE JORNAL COMPLETO NA CASA DA MÚSICA E GANHE UM CONVITE DUPLA PARA ESTE CONCERTO. OFERTA LIMITADA AOS PRIMEIROS 10 LEITORES.

livros

Correntes d'Escritas I



Na 10ª edição das Correntes d'Escritas, de 11 a 15 de Fevereiro, Póvoa de Varzim, será lançado "O Mundo", a autobiografia romanceada de **Juan José Millás** (Prémio Planeta 2007 e Prémio Nacional de Narrativa 2008)

com a presença do autor. É um dos livros da nova editora Planeta que chegam às livrarias portuguesas na segunda semana de Fevereiro E também o "Guia da Barcelona de Carlos Ruiz Zafón", do jornalista e crítico literário Sergi Dória Albuquerque, outra das

apostas desta editora (do grupo editorial espanhol). O autor irá estar também nas Correntes d'Escritas. A Planeta em Portugal terá um catálogo generalista, com ficção e não-ficção, para adultos e juvenil, de autores nacionais e estrangeiros.

A bela e excêntrica Goliarda Sapienza, um estranho caso literário



Ficção

Viver habitualmente

A adaptação cinematográfica de "Revolutionary Road" motivou enfim a edição portuguesa de um mestre da decepção burguesa. **Pedro Mexia**

Revolutionary Road
Richard Yates
(Trad. de Isabel Baptista)
Civilização, €17

★★★★★



Quando morreu, em 1992, Richard Yates era um autor respeitado pela crítica, mas os seus livros nunca venderam muito bem, e com os anos desapareceram das

livrarias americanas. Os persistentes elogios dos seus colegas (Tennessee Williams, Kurt Vonnegut, William Styron) e a evidente influência em escritores mais novos (Raymond Carver, Tobias Wolff, Richard Ford, Andre Dubus) mantiveram o nome Yates vivo. E agora, com a adaptação ao cinema de "Revolutionary Road", talvez ele volte ao cânone, como merece. É que dentro da tradição americana da literatura realista e burguesa, Yates é dos autores mais importantes, embora sem a sofisticação, por exemplo, de um John Cheever. Os seus sete romances e duas colectâneas de contos têm um enredo definido, uma sequência cronológica, linguagem acessível, ecos autobiográficos, e uma obsessão com a decepção e o

fracasso, nomeadamente conjugal. É o Sonho Americano em chave doméstica.

"Revolutionary Road" (1961) foi o primeiro romance de Yates, e continua o seu título mais conhecido, embora alguns Yatesianos prefiram "The Easter Parade" (1976) ou os contos. A estreia do filme de Sam Mendes justificou a edição do romance em português, infelizmente numa tradução que várias vezes demonstra um ouvido duro em diálogos e coloquialismos.

A acção decorre em 1955. Frank e April Wheeler são um casal à beira dos trinta que vive no Connecticut. Ela é uma actriz frustrada e ele trabalha num emprego burocrático que detesta. Têm alguma estabilidade financeira, uma boa casa, dois filhos, um grupo de amigos, mas sentem o tédio e a insatisfação dos burgueses inteligentes. Yates constrói na perfeição cenas de conjunto que revelam o fiasco daquelas vidas: April num teatrinho amador desastroso (fazendo "uma imitação de Bovary"); Frank no seu escritório rodeado de relatórios (e a pensar que está "quase na altura de descer para tomar café; quase na altura de almoçar; quase na altura de ir"). Moram num bairro pacato, daqueles com aspersores nos relvados e cascas com garagem, e organizam serões com os amigos para conversas triviais ou pretensiosas (os "temas indefinidos mas infinitamente absorventes do Conformismo, ou dos Subúrbios, ou da Madison Avenue, ou da Sociedade Americana Actual").

Yates é um notável cronista dos subúrbios (e "subúrbios", no contexto americano, significa as vivendas da classe média mais ou menos abastada). Além dos rituais da comunidade, e o romancista espelha também uma ideia central: "a ideia dos subúrbios era manter a realidade afastada". Sendo o subúrbio uma materialização do conceito de família tradicional, Yates analisa como a vida de adulto passa pela "mentira sentimental" que é a estabilidade. Quando Frank e April discutem se "moral convencional" é uma redundância, tocam na ferida. Como viver uma vida ética e

satisfatória, quando toda a existência anda à volta de rotinas, negócios, eufemismos? Os Wheeler sonham em ir para a Europa para que se possam "encontrar", e o romance conta o nascimento de um

obstáculo a essa mudança: a inesperada gravidez de April. Mas o tão americano "exílio europeu" é mais uma fantasia espúria, porque em todo o lado aqueles dois continuarão frágeis, neuróticos e

estranhos um para o outro.

"Revolutionary Road" propõe uma brutal honestidade acerca do sofrimento. Ninguém com dois dedos de testa é feliz apenas com o "viver habitualmente", e a felicidade burguesa dos Wheeler não os preenche. Eles são um jovem casal que se sente de meia-idade. O seu casamento, como diz a epígrafe de Keats, é uma "paixão modesta e arrebatada", ele fascinado com a beleza patricia dela, ela com a masculinidade charmosa dele. Têm grandes ideais e algum excesso (aparente) de auto-estima, mas a todo o momento a paz tácita descamba em trocas de acusações e recriminações. Os Wheeler são articulados, um pouco snobes, citam escritores e são cruéis com os defeitos físicos e de linguagem dos seus conhecidos. Mas eles vivem vidas independentes, e não conseguem fingir que são um só corpo e uma só alma. Frank distrai-se com adultérios com secretárias e com o seu entediante emprego:

"Saber aquilo que você tem, 'virgula', dizia a voz humana activa na gravação do Dictaphone, 'saber aquilo de que precisa, virgula, saber o que é que pode dispensar, travessão. Isso é o controlo de inventários. Parágrafo...'" (pág. 211). April pensa em livrar-se do bebé que lhe estraga a vida e também se entrega a outro homem, meios bêbedos num automóvel, "no meio dos cheiros misturados de gasolina, das galochas das crianças e dos estofos do Pontiac".

A única independência que os Wheeler alguma vez terão é a independência total um do outro. E isso, neste caso como quase sempre em Yates, só é conseguido através da tragédia. Durante quase 300 páginas, aqueles dois vivem entre sonhos imprecisos e mentiras piedosas: "Porque, depois de se começar, era terrivelmente difícil parar. Em breve a pessoa estava a dizer 'desculpa, claro que tens razão' e 'como achares melhor' e 'és a coisa mais maravilhosa e valiosa do mundo', e quando se dá conta, toda a honestidade, toda a verdade estava tão distante e trémula, tão desesperadamente inalcançável como o mundo das pessoas douradas" (pág. 259). A única pessoa que diz a verdade é uma personagem secundária, um doente mental que cumpre uma função específica nesta comunidade altamente psicanalítica: não tem super-ego, diz todas as coisas cruas, cínicas e inconvenientes. Diz a verdade.

Yates tem um óptimo domínio rítmico da narração, nunca exagera nos episódios metafóricos, e algumas sequências têm um tom emocional perfeito e uma coreografia cinematográfica. Chegamos às últimas páginas e sabemos o que já intuíamos desde o início, que o vendedor Frank Wheeler não conseguiu vender o seu produto: o sonho americano. Ou talvez seja mais justo dizer: o sonho burguês.

A leoparda

Goliarda Sapienza colocou as suas personagens no epicentro de furacões que abalaram o século XX. **Helena Vasconcelos**

A Arte da Alegria
Goliarda Sapienza
(Trad. de Simonetta Neto)
Ed. Dom Quixote

★★★★★



A primeira visão que temos dela é a de uma criança a arrastar um tronco de madeira por um terreno lamacento, uma menina que já carrega a sua cruz.

Com quatro ou cinco

anos parece destinada a viver numa pobreza abjecta, onde imperam a ignorância, a fome e a violência, num meio rural primitivo, numa Sicília sufocada pela própria geografia e fatalmente agrihoada pela Igreja católica. Para Modesta, a deficiência da irmã, a indiferença da mãe, a brutalidade de (um suposto) pai e as primeiras cintilações do desejo são todo o seu universo. Demasiado impetuosa, é fechada num convento, onde se rebela contra as freiras mas é tutelada pela Madre Superiora, mulher nobre que vislumbra, na jovem, uma inteligência e beleza excepcionais.

Com a morte da sua protectora, Modesta é levada para a casa da família, onde é recebida pela mãe da religiosa, a orgulhosa e velha princesa Brandiforti. Com astúcia e prudência, Modesta acaba por se tornar ela própria princesa e guardiã da herança familiar, num mundo onde imperam complexas relações amorosas com homens e mulheres, alianças e vinganças, alegrias e tragédias. "A Arte da Alegria" é o relato desta vida, ao longo de mais de 60 anos - Modesta nasce em 1900 -, o que implica uma estreita relação com os acontecimentos do século, tais como a Iª e IIª Grandes Guerras, os ideais socialistas, os excessos do anarquismo, a ascensão do fascismo, o complicado processo do afã nacionalista italiano e, ainda, o agitado período do pós-guerra com o "boom" do cinema italiano e os movimentos de libertação sexual.

A bela e excêntrica autora desta narrativa ambiciosa é Goliarda Sapienza, um estranho caso, tanto em termos pessoais como literários. Alguns compararam-na a Tomasi de Lampedusa, embora a sua trajectória e o seu estilo literário pouco tenham a ver com os do autor de "O Leopardo".

Yates é um notável cronista dos subúrbios - e "subúrbios", no contexto americano, significa as vivendas da classe média mais ou menos abastada



Vai ver se eu estou online!

Internet

Estamos online. Clique em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.

Correntes d'Escritas II

O cubano **António Orlando Rodríguez**, autor de "Chiquita", Prémio Alfaguara de Romance em 2008, estará também na Póvoa do Varzim, no Correntes d'Escritas. Este romance, editado em Portugal pela QuidNovi, é uma

biografia imaginária de uma personagem real, Espiridiona Cenda, jovem cubana de apenas vinte e seis polegadas de altura que chega à Nova Lorque dos finais do século XIX com o desejo de triunfar como bailarina e cantora.

É verdade que foram contemporâneos, que ambos nasceram na Sicília, foram críticos de uma sociedade decadente e escolheram para personagens das suas obras - ambas publicadas postumamente - representantes da nobreza, colocando-os no epicentro dos furacões ideológicos, pessoais e sociais que abalaram a primeira metade do século XX.

No entanto, as comparações ficam por aqui. Lampedusa era filho de um príncipe, enquanto que Sapienza nasceu em Catânia, em 1924, numa família socialista/anarquista. O pai era um advogado sindicalista e a mãe, uma figura histórica da esquerda, que inspirou muitos dos episódios de "A Arte da Alegria", era diretora do Jornal "Grido del Popolo" onde Gramsci foi chefe da redação. O próprio nome de "Goliarda" - os "goliardos" eram, na Idade Média, clérigos e estudantes que levavam uma vida desregrada de trovadores ambulantes, gostando de fazer chacota da Igreja - mostra como os seus progenitores desejaram marcar o carácter da filha que cresceu imbuída de espírito revolucionário, tendo recebido uma educação atea e socialista, uma vez que os pais nunca quiseram que ela frequentasse as escolas, contaminadas pelo espírito fascista da era Mussolini.

Em 1940, com 16 anos, partiu para Roma e ingressou na Academia de Artes Dramáticas, tendo-se tornado atriz de sucesso na década seguinte. Viveu com o realizador Francesco Maselli e trabalhou, ainda, com Visconti ("Senso") e com Alessandro Blasetti. No início dos anos 60 passou a dedicar-se à escrita e iniciou um ciclo de seis romances autobiográficos que foi escrevendo até perto da morte, em 1996, meses antes da publicação de "A Arte da Alegria", obra a que consagrou dez anos da sua vida.

A personagem de Modesta serve para a autora veicular ideias e as suas opções de vida, na qual a liberdade e a responsabilidade individual ocupam lugar primordial. Mas as suas opiniões não são consensuais: para a esquerda, Sapienza é demasiado individualista e decadente, com o seu fascínio pelas grandes famílias, da riqueza e da nobreza; para a direita, representa o caos, na forma de uma mulher sem sentido de família, sem instinto maternal e teimosamente anticlerical.

Goliarda e Modesta confundem-se neste romance que mistura cultura pagã com a tradição literária italiana, com ecos de Boccaccio e Dante, chegando até Ignazio Silone e Alberto Moravia. Personagens como Carmine, um fauno dos bosques, uma espécie de deus Pã, Pietro, o gigante dócil e implacável, Mimmo, o jardineiro, Beatrice, a vestal, Joyce, a prostituta sagrada, Argentovito, a criada alcoviteira, Gaia, a mãe-terra, e muitos outros vivem - e morrem - dentro do espaço de influência de Modesta, a grande sacerdotisa, na vibrante paisagem siciliana. Já quase no final

- o livro acaba com uma grande festa e com um anti-climax apaziguador - mãe e filho conversam e Modesta diz que não está disposta a submeter-se a chantagens, neste caso psicológicas. (Não cedeu aos mais velhos quando era nova e está decidida a não ceder aos mais novos quando ela própria envelheceu, mesmo correndo o risco de perder o filho.) Não tencionava abdicar da prática continuada da liberdade (que lhe propicia a "alegria" feita arte) como exaltação da coragem, fruto da apetência para a solidão e para o prazer da prática amorosa sem constrangimentos. Ao longo da vida, Modesta desembaraçar-se-á de todos os entraves a esta cruzada e rejeitará a pobreza, a religião, a família, o casamento, os tabus do sexo, os mitos da maternidade e do amor filial, as imposições dos ideais políticos e o peso da tradição. A narrativa é feita de registos irregulares - fruto do longo tempo de maturação -, salta de género para género, fazendo uso de confissões, memórias, dramaturgia, poesia e prosa panfletária, alterna entre narradores, passa da primeira para a terceira pessoa do singular e sofre o impacto de desacertos que os críticos mais implacáveis não deixaram passar.

Não é um livro perfeito e não possui a universalidade das grandes sagas de, por exemplo, Tolstói ou de Di Lampedusa, perdendo por vezes o ritmo e a tensão narrativa para se alongar em tiradas onde é visível um certo moralismo didáctico. Mas a singularidade do conteúdo, a escrita directa, com frases de uma beleza cintilante e poderosamente física, a aparente simplicidade de relações bem profundas entre as personagens e a estranheza da forma deste cântico à vida, merece bem leitura atenta.

O puritanismo sentiu-se ameaçado por "Os Anjos Maus" e alegou obscenidade e atentado ao pudor

Pierre & Gérard

Subversivo, disse a justiça em 1955, enquanto a inteligentzia assobiava para o lado.

Eduardo Pitta

Os Anjos Maus

Éric Jourdan
(Trad. Ana Moura)
Bico de Pena

★★★★☆



Em 1955, a França de René Coty interditiu "Les Mauvais Anges", de Éric Jourdan (n. 1938), sob a alegação de obscenidade e atentado ao pudor. As leis da Quarta República eram implacáveis em matéria de costumes, e o autor escapou à prisão por ter apenas 17 anos e um advogado como Paul Boncour, muito influente nos meios políticos. O patrocinio de Robert Margerit e de Max-Pol Fouchet, que escreveram textos justificando a obra, de nada serviu. A censura durou até 1984, ano em que a interdição foi levantada, mas o livro manteve-se "clandestino". A segunda edição saiu só em 2001. Agora temos "Os Anjos Maus" em português.

Num breve prefácio, Jourdan - filho adoptivo do escritor americano Julien Green - relata o modo como esse texto escrito aos 15 anos chegou à edição. À época, ainda não conhecia Green (que lhe tratou abertas portas), e tudo aconteceu a partir de uma conversa fortuita com a proprietária da Librairie Sainte-Beuve do boulevard Saint-Germain. A esta distância, o tumulto gerado pela sua estreia precoce lembra aos desacertos que o conceito de liberdade, igualdade e fraternidade é sempre relativo...

Ainda sob o efeito do escândalo, Jourdan publicou em 1958 o segundo romance, "Les Penchants obscurs",

mas seria preciso esperar mais 27 anos pelo terceiro, "Charité" (1985). A partir dos anos 1990, publicou cerca de vinte títulos, entre contos, romances, peças de teatro e narrativas para a infância. "Os Anjos Maus" chega à edição portuguesa quase em simultâneo com "Barba Azul, Papão E C.ia" (Cavalo de Ferro), colectânea de contos infantis de 1986, prefaciada por Julien Green e ilustrada por Paula Rego, que concebeu o projecto com Jourdan. Contrariamente às histórias de fadas deste Perrault pós-moderno, "Os Anjos Maus" é sobretudo uma "história de amor sobre aquilo que nos dá uma protecção eterna contra a velhice: o sangue e a pele da juventude." Pierre e Gérard são primos, estão dispostos a tudo, e vão pagar caro a paixão que os une. Como diz o narrador, "o homem harmonizava-se com a sua necessidade."

Jourdan faz parte de uma pléiade de escritores franceses contemporâneos declaradamente homossexuais que a crítica ortodoxa (incluindo a dos estudos de género) tem seguido com mal disfarçado enfado: Renaud Camus, Yves Navarre, Tony Duvert, de certo modo também Hervé Guibert. (Sem a dramatização da Sida, Guibert, que filmou a fase terminal da doença, não teria vencido a barreira da língua francesa.) Como eles, Jourdan não atingiu o patamar de consagração reservado a Monther-lant, Genet, Barthes, Tournier ou mesmo Domini-que Fernandez.

Se nos abstrairmos da pouca idade de Jourdan em 1955, a polémica à volta do livro não faz sentido. Afinal de contas, estamos na pátria de Sade e Huysmans; a mesma onde, em 1944, Roger Peyrefitte publicou "As Amizades Particulares", obtendo como primeiro livro o Prémio Renaudot. Mas Peyrefitte era diplomata e tinha então 37 anos. Não é vulgar que um rapaz de 15 anos escreva com desembaraço o lado negro da paixão: "O sangue sempre me fascinou. [...] Tinha a cabeça cheia de ruído, desse vão ruído do sangue refluindo nas fontes como se subisse uma escada gigantesca. Por eu ser sensual, o meu primo era para mim, em primeiro lugar, um ser de carne [...] boca, coxas, um cheiro de jovem macho." À medida que a narrativa avança, o tom elegíaco dá lugar à secura dos factos: "Matei por amor. Recordo toda a noite. Pierre estava preso a uma trave baixa; eu tinha atado os seus punhos com uma corda. [...] O chicote era o meu braço [...] Eu deixara de ser um rapaz, era a violência com rosto de rapaz." Gérard viola e mata Pierre por ciúmes. É uma cena brutal: "Vi que havia feito amor no sangue." O suicídio é o corolário.

A história é contada a dois compassos: primeiro a narrativa de Pierre, nimbada de lirismo e melancolia; depois a de Gérard, sem poupar no grafismo, em particular nos episódios envolvendo terceiros. Com Philippe, por exemplo: "O seu perfil abriu-me as

nádegas. [...] Agarrei-lhe a nuca por baixo e esmaguei-lhe mais a cara. A sua língua violou-me [...] eu sentia-me mais viril, pois a minha força inspirava essa homenagem e o homem que em mim havia gostava de se dar ao luxo de um prazer passivo." Não admira que o puritanismo do pós-guerra se tenha sentido ameaçado. O silêncio dos intelectuais continua a ser um mistério.

Ensaio

O segredo

É uma espécie de livro de "auto-ajuda", guia para "fazer amigos e conquistar pessoas" influentes, manifesto moral e político. Foi escrito no século XVI.

Mário Santos

O Livro do Cortesão

Baldesar Castiglione
(Trad. de Carlos Aboim de Brito)
Campo das Letras, € 18,90

★★★★☆



A presente edição de "O Livro do Cortesão", de Baldesar (dantes aporuguesava-se e escrevia-se Baltasar) Castiglione (Mântua, 1478-Toledo, 1529), é publicada no âmbito

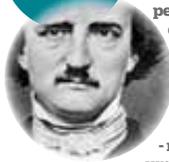
de uma série de traduções patrocinada pela Comissão da União Europeia para a Educação, Audiovisual e Cultura e que visa "contribuir para o melhor conhecimento por parte dos leitores portugueses de alguns dos mais importantes clássicos da literatura europeia". "A Língua Posta a Salvo", de Elias Canetti, "Wallenstein", de Schiller, e "Guzmán de Alfarache", de Mateo Alemán, são os outros livros desta série já publicados pela Campo das Letras.

"O Livro do Cortesão", do cortesão, diplomata e letrado humanista Castiglione, é apenas um dos mais afortunados e influentes livros da Renascença italiana e teve primeira publicação no ano de 1528, em Veneza. Esta primeira edição, a crer na dedicatória inicial a "dom Miguel da Silva, bispo de Viseu", terá sido apressada por curiosa mas não incomum circunstância. Tendo oferecido uma cópia a Vittoria Colonna, marquesa de Pescara e assinalável poeta, Castiglione estava em Espanha como enviado do Papa Clemente VII (morreria vitimado pela "peste", em Toledo) quando soube que a marquesa, "contra a promessa sua", mandara transcrever parte do livro, que já circulava "nas mãos de que numerosas pessoas". O receio de que imprimissem a obra sem o seu aval apressou Castiglione, que afirma ter preferido que ele fosse "insuficientemente corrigido" →



Baldesar Castiglione, cortesão, diplomata e letrado humanista

Espaço Público



Terminei há dias “A Carta Roumada”, de Edgar Allan Poe, o oitavo livro da mítica coleção “A Biblioteca de Babel”, editada entre nós pela Presença. Além do conto “A Carta Roumada” - o elogio do raciocínio simples -, o livro oferece outras preciosidades: “A Verdade Sobre o Caso de M. Valdemar” - retrato sobrenatural de uma morte aprisionada -, “Manuscrito Encontrado

Numa Garrafa” - poderosa alucinação em alto mar -, “O Homem na Multidão” - a solidão no estado submerso - e “O Poço e o Pêndulo” - terror narrativo de uma tortura em crescendo. No prefácio, razão só por si suficiente para comprar não só este livro mas toda a coleção, Jorge Luis Borges escreve: “Há cerca de setenta anos, sentado no último degrau de uma escada que já não existe, li

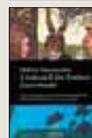
The pit and the pendulum; já me esqueci das vezes que, depois, o li, reli ou pedi que mo lessem; sei que ainda não cheguei à última vez e que voltarei ainda à prisão quadrangular que se vai comprimindo e ao abismo sem fundo”. Por aqui, prometo também um regresso a esta prisão onde reina o assombro. 9 calafrios em 10. Pedro Miguel Silva, 35 anos, técnico de Comunicação

António Mega Ferreira



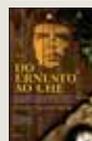
Saídas

Ensaio



A Infância É Um Território Desconhecido
Helena Vasconcelos Quetzal
A literatura está povoada de heróis de palmo e meio. Neste livro são dissecadas personagens de Dickens, Lewis Carroll ou J.K. Rowling, procurando a forma como eles idealizaram a mente da criança.

Biografia



Do Ernesto ao Che
Carlos Calica Ferrer (Trad. Antónia Costa Santos)
Guerra e Paz
“Do Ernesto ao Che” relata a última viagem de Ernesto com “Calica”, alcinha do autor, pela América Latina antes de se tornar no mítico Che.

Poesia



A Vida de Maria Rainer Maria Rilke
(Trad. Maria Teresa Dias Furtado)
Portugália Editora
Nesta edição bilingue (alemão/português) estão reunidos os vários poemas sobre a vida da Virgem Maria em conjunto com várias pinturas sobre Maria que estão expostas em museus portugueses.

Ficção



Lisboa Song
Narrativa: António Mega Ferreira; Fotografia: Amy Yoes
Sextante Editora
Mega Ferreira escreveu este texto inspirado pelas fotografias da artista americana Amy Yoes. Em “Lisboa Song” as 16 fotos tiradas entre 1988 e 1990 acompanham a história de amor entre um lisboeta e uma estrangeira.

← pela sua mão “do que totalmente deliberado pela mão de outrem”. A obra foi um sucesso em toda a Europa, um verdadeiro “bestseller” à escala de Quinhentos, teve dezenas de edições e foi traduzido para meia dúzia de línguas ao longo do século XVI. Um século depois é ainda possível rastrear a sua influência em autores como o espanhol Baltasar Gracián (“O Discreto” e “Oráculo Manual e Arte da Prudência”) ou o português Rodrigues Lobo (“Corte na Aldeia”).

Que é e de que trata a obra de Castiglione? Se nos tentassem as analogias forçadas e espectaculares, poderíamos dizer (correndo o risco de ver a obra de Castiglione ir parar à secção de “Livro prático” das nossas modernas e expeditas livrarias) que “O Livro do Cortesão” é uma espécie de livro de “auto-ajuda”, um manual de “boas maneiras”, um guia para “fazer amigos e conquistar pessoas” influentes, um manifesto moral e político. Mas tudo isto em maior do que é costume, claro, e bem escrito. Será, porém, mais justo e apropriado dizer que “O Livro do Cortesão” é excelente prosa doutrinal cívica, estética e moral, um tratado didático-filosófico sobre as qualidades e os deveres do “perfeito” cortesão, o por assim dizer “cidadão” da corte, o próximo do soberano ou do príncipe (é sobre as práticas e a responsabilidade das elites ou das “forças vivas”, dir-se-ia hoje).

Como não podia deixar de ser (considerada a época em que o autor vive e escreve), os modelos de Castiglione são os clássicos greco-latinos: se Platão escreveu sobre a república ideal, Xenofonte sobre o rei ideal e Cícero sobre o orador ideal, ele escreverá sobre o cortesão ideal. Castiglione também define o seu livro como “um retrato” da corte de Urbino no início do século XVI, mas tornar-se-á evidente que, mais do que uma descrição eventualmente “realista”, o seu livro é um programa, uma “moción” sobre “de que maneira deve ser aquele que merece o nome de perfeito cortesão”, é a poética do ideal do homem de corte renascentista, o humanista comprometido com a acção (“Numa mão sempre a espada e noutra a pena”, diria Camões).

Formalmente, o livro é composto por quatro extensos diálogos que decorrem em outras tantas noites sucessivas na corte do duque de Urbino, sendo todos os interlocutores historicamente determinados: Ottaviano Fregoso, Pietro Bembo, Bernardo Bibbiena, Aretino, Ludovico da Canossa, etc. As despesas da conversa recaem em cada diálogo sobre um conviva em particular, funcionando as intervenções dos interlocutores e do narrador como espetadores ou pausas retóricas. Abordar-se-ão, sucessivamente, as qualidades físicas, intelectuais e morais que deve ter o perfeito cortesão - pois dos mais comezinhos e mundanos (a roupa e o cabelo, por exemplo), aos mais elevados e filosóficos, nenhum aspecto é esquecido -, a perfeita cortesã e o próprio príncipe servido (por vezes de

maneira tacticamente cínica, dir-se-á) por esses cortesãos ideais.

Tendo este livro evidente interesse histórico e documental para leitores “especializados”, poder-se-á perguntar se tem ainda interesse para o “leitor comum” de hoje. A resposta é claramente afirmativa e esse leitor comum não deixará de se poder “identificar” com certo optimismo combativo e renovador (a crítica da ideia de que o passado foi sempre melhor do que o presente, por exemplo, ou a própria afirmação, tão nossa contemporânea, da bondade do saber, da educação e do virtuoso exemplo), não deixará de simpatizar com a leveza com que se trata de temas por vezes graves, com a ironia e o humor de Castiglione (no segundo diálogo há mesmo uma compilação de episódios e exemplos anedóticos e factos).

Zizek, o iconoclasta

Julgando como julga, Zizek revela-se menos um crítico da pós-modernidade do que sua consciência moral. André Barata

A Monstruosidade de Cristo
Slavoj Zizek
(Trad. Miguel Serras Pereira)
Relógio d'Água, €14



Slavoj Zizek é, há cerca de uma década, o mais exuberante “enfant terrible” do ensaísmo internacional. Esloveno, de 59 anos, nascido e criado no antigo regime jugoslavo, este professor da Universidade de Liubliana (e que ensina um pouco por todas as grandes cidades do mundo), é autor de um pensamento anómalo num tempo em que o politicamente correcto faz a regra. Com a irreverência da excepção, confronta a formatação vigilante dos discursos e propõe-se desmascarar, nas suas justificações, o que defende ser a atitude ideologicamente cínica da pós-modernidade.

É assim, sem rodeios, que há já uns anos Zizek afirmava, por exemplo, que “a necessidade pós-moderna do recurso constante a processos de distanciamento irónico (uso de aspas, etc.) traduz o receio subjacente de que, sem o recurso a esses processos, a crença seria directa e imediata”. E é também assim que Zizek denuncia a necessidade de tolerância, de entendimento e diálogo como formas de chantagem liberal.

Do ponto de vista de Zizek (defendido por exemplo em “O Elogio da Intolerância”), não

temos de querer entender os outros, não temos de querer dialogar. Precisamos, isso sim, de um código que nos ajude a garantir a convivência apesar da inultrapassável condição de desentendimento. Este é o ponto base de Zizek, claramente polémico. Do mesmo modo, recusa o multiculturalismo, que mascararia um racismo invertido, e o relativismo, que disfarçaria a interdição de convicções genuínas. No seu conjunto, as ideias multiculturalistas, relativistas, da diferença e da tolerância ou, numa palavra, o pós-modernismo, seriam, removida a máscara, nada mais, nada menos do que capitalismo disfarçado pela retórica do “rostro humano”. Pelo que a crítica ao capitalismo passe, segundo Zizek, pela crítica ao pós-moderno. Este não seria, no seu entender, mais do que o dispositivo ideológico que visa mascarar a desumanidade do capitalismo. Também por isso, Zizek reclama-se de um marxismo à antiga, pré-pós-moderno por assim dizer, de reinvenção leninista.

No livro que agora se publica, “A Monstruosidade de Cristo”, é retomada a leitura materialista do cristianismo que já fora tema de “A Marioneta e o Anão”. Se nessa obra Zizek descrevia a missão do apóstolo São Paulo como o trabalho de um leninista, ambos, ele e Lenine, inteiramente focados na organização dos respectivos partidos, neste novo livro (traduzido por Miguel Serras Pereira), Zizek confronta-nos com o fantasma da encarnação de Cristo. É essa encarnação a monstruosidade que Zizek tem em mente - não Cristo, mas Ele se ter feito homem, ter vindo ao corpo, à dor e à sensibilidade humanas para padecer dos mesmos sofrimentos, fazendo-nos perder a sua transcendência paternal, constringendo-nos a assumir por inteiro as escolhas e a responsabilidade por elas. Vale a pena citar: “(...) Quando as pessoas imaginam toda a espécie de sentidos profundos porque as ‘assustam as palavras que dizem: Ele fez-se Homem’, aquilo que na realidade receiam é perderem o Deus transcendente que garante o sentido do universo, Deus como o senhor oculto que move os cordelinhos - em seu lugar encontramos um deus que abandona a sua posição transcendente e se precipita na sua própria criação, comprometendo-se com ela até à morte, o que faz

com que nós, seres humanos, fiquemos sem qualquer Poder superior que olhe por nós, sem outra coisa que não seja o terrível fardo da liberdade e da responsabilidade pelo destino da criação divina e, portanto, do próprio deus. Não continuaremos hoje a reacar demasiado todas as consequências dessas palavras?”

A partir desta excelente pergunta, Zizek aplica a sua prodigiosa capacidade de análise, aproveitando a obra de Chesterton, atravessando as paisagens cinematográficas de Hitchcock e Bergman, além, claro está, da evocação de muita filosofia de Hegel, muita psicanálise de Lacan e muita teologia difícil de avaliar. E ainda estimulantes reflexões como, por exemplo, as proporcionadas pelas recentes declarações do Papa Bento XVI em redor da racionalidade que, no seu entender, condicionaria o Deus da concepção dos cristãos, mas não o da concepção do Islão de uma absoluta transcendência divina. Ou, a finalizar, a subversão de uma ideia feita: e se estivesse o monoteísmo cristão fundado num ateísmo em vez do contrário? Escreve Zizek a propósito: “O ateísmo contemporâneo é uma espécie herética de cristianismo que retrospectivamente redefine o seu próprio género, estabelecendo-o como seu próprio pressuposto.” Estas são algumas das linhas por que se escreve uma maneira materialista e atea de perceber o cristianismo.

Zizek subverte também o jogo da aparição pública do intelectual, ora candidatando-se à presidência da Eslovénia, ora documentando-se a si próprio em vídeos consultáveis no Youtube, e nos quais é possível, por exemplo, encontrá-lo sentado no chão, entre sanitas, a perorar sobre as dimensões alvitrantes do politicamente correcto, ou noutro lado qualquer a dissertar sobre as maneiras diferentes como as sanitas despejam as águas consoante estejamos em França, na Alemanha ou nos Estados Unidos. Os fatos Armani caindo em fino recorte sobre a elegância jovial dos pensadores-estrela, exactamente como os novos políticos europeus, dão lugar, em Zizek, à auto-iconografia irónica de um pensador iconoclasta. Mas tudo isto é linguagem e continua a ser, apesar de tudo, um exímio uso



Slavoj Zizek, o mais exuberante “enfant terrible” do ensaísmo internacional

Teatro/Dança



SERGIO LEAL/CS

Vai ser um lindo dia

Bruno Bravo encena "Lindos Dias" de Beckett, n'º Negócio, a partir de 4 de Fevereiro. Henrique Mourão

Lindos Dias
De Samuel Beckett. Encenação de Bruno Bravo. Com Raquel Dias e Gonçalo Amorim.

Lisboa. O Negócio. Rua de O Século nº 9 porta 5. Tel. 21 343 02 05. De 4 a 21/02. De 4ª a sáb., 21h30. 7,5 €

Samuel Beckett procurou durante a sua vida tirar ao teatro tudo o que tinha de supérfluo. Na pequena sala sem palco do espaço O Negócio, em Lisboa, o essencial de "Lindos Dias" são as palavras da personagem principal, Winnie.

"Happy Days", aqui traduzida por "Lindos Dias", estreia 4 de Fevereiro, e é a primeira peça de um projecto que procura ser "uma reflexão sobre o teatro", diz Bruno Bravo, o encenador.

Winnie está a ser lentamente engolida pela terra sem conseguir libertar-se. Com o seu casaco cinzento e cabelo grisalho contrasta com o monte de relva artificial que a prende pela cintura e a mantém constantemente exposta a um Sol abrasador. As suas acções são controladas por uma campanha que define quando pode dormir e quando tem de acordar. Apesar da sua situação, Winnie recusa-se a deixar de falar e mantém uma conversa que é quase um monólogo com o seu quase sempre mudo marido, Willie. A memória começa a falhar, mas Winnie gosta de recordar o passado e tem um optimismo quase infantil que a mantém calma durante a maioria da peça. Os seus únicos confortos são a mala, onde tem as suas coisas, e a ideia de que o marido ainda ouve o que diz.

Willie, o marido, vive do outro lado do monte. Ao contrário de Winnie, pode sentar-se a apanhar Sol e a ler jornais antigos ou esconder-se num buraco junto ao monte para dormir. Willie não costuma falar: lê em voz alta alguns artigos de jornal e

raramente responde a Winnie. "Willie está muito pior do que Winnie", diz Bruno Bravo. Ela "ainda fala e ainda é capaz de se recordar", mas ele está limitado "pela inércia e pela decadência". Apesar das suas limitações, Willie é fundamental à peça, a sua presença ausente "sublinha a solidão de Winnie", acrescenta.

A solidão de uma mulher no final da sua vida ou do absurdo da vida são possíveis leituras para a peça de Beckett, mas é importante não ignorar a forma como o dramaturgo comenta o teatro, analisa o encenador. Em "Lindos Dias" existe uma personagem presa a uma rotina, num discurso interminável que começa e termina com o tocar de uma campainha. Winnie é como uma "personagem perdida, sem palco e sem público," descreve Bruno Bravo. Existe aqui uma tragédia onde as palavras "não são suficientes". Ao contrário dos clássicos gregos ou de Shakespeare, onde as palavras são "a luz" ou a salvação, aqui o discurso das personagens é insuficiente para as salvar, considera.

A tradução de João Paulo Esteves da Silva baseia-se principalmente na versão original em inglês, mas a versão feita por Beckett para francês também foi consultada. A peça segue o texto original sem cortes e sem alterações. "É perigoso" estar a desconstruir e alterar Beckett, diz o encenador que descreve a peça como "uma hora e meia de poesia".

A companhia Primeiros Sintomas já representou Samuel Beckett em 2004, com "Endgame", e está consciente da responsabilidade de interpretar o dramaturgo irlandês. O grupo tentou concentrar-se no texto e ignorar os medos. "É um risco, mas é sempre um risco fazer seja o que for em teatro", acrescenta.

"Lindos Dias" será seguida pelas encenações de "Menina Júlia" de August Strindberg e "Hedda Gabler" de Henrik Ibsen, numa trilogia organizada pela companhia Primeiros Sintomas com a galeria Zé dos Bois. O objectivo é ver "o que sobrevive destes textos num cenário reduzido". O grupo, que queria encenar "Lindos Dias" desde "Endgame", escolheu as outras peças por terem personagens femininas em destaque e por serem obras de Ibsen e Strindberg, dois autores de tradição naturalista e realista que tinham curiosidade em experimentar.

● Mau ★ Medíocre ★★ Razoável ★★★ Bom ★★★★ Muito Bom ★★★★★ Excelente



Me Gusta

Agenda

Estreiam

A Cidade dos Que Partem
De Ricardo Alves, Salgueirinho Maia. Encenação: Ricardo Alves, Rodrigo Santos. Com Anabela Nóbrega, Daniel Pinto, Ivo Bastos, Joana Carvalho, Nuno Preto, Patricia Queirós, Paulo Calatré, Rodrigo Santos.
Porto. Teatro Carlos Alberto. R. Oliveiras, 43. De 30/01 a 28/02. 3ª, 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 16h. Tel.: 223401905. 15€ e 10€.

Ver texto pág. 16 e 17

Os Maias no Trindade
De Eça de Queiroz, António Torrado. Encenação: Rui Mendes. Com Afonso Malão, Augusto Portela, Igor Sampaio, João Didelet, José Airosa, José Fidalgo, Luis Alberto, Luis Mascarenhas, Mário Jacques, Pedro Górgia, Rogério Vieira, Sofia Duarte Silva.
Lisboa. Teatro da Trindade. Lg. da Trindade, 7. A. De 05/02 a 26/04. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 16h. Tel.: 213420000. 10€ a 15€

Peça Para Dois
De Tennessee Williams. Com Rita Lello, Pedro Giestas.
Lisboa. A Barrica. Teatro Cinearte. Lg. Santos, 2. De 31/01 a 29/03. 5ª, 6ª e Sáb. às 20h. Dom. às 15h. Tel.: 213965360.

Continuam

Eurovision
De Pedro Penim, Martim Pedroso, André e Teodósio. Com Pedro Penim, André e Teodósio.
Porto. Fábrika. R. da Alegria, 341. Até 07/02. 5ª, 6ª e Sáb. às 22h00. 5€ e 3€ (altos ESMAE). Reservas: 918547050, 91854945 ou producao@teatropraga.com.

Me Gusta
Companhia: Companhia Laika. Encenação: Peter De Bie. Com Lieve de Pourcq, Simone Milsdochter, Michiel Soete, entre outros.
Viseu. Teatro Viriato. Lg. Mouzinho Albuquerque. Até 30/01. 4ª, 5ª e 6ª às 20h45. Tel.: 232480110. 15€ ou 55€ (4 bilhetes).

Sétimo Céu
De Caryl Churchill. Encenação: Fernanda Lapa. Com Amadeu Neves, Fernanda Lapa, João Grosso, Sérgio Praia, Sofia Nicholson, entre outros.
Monte Estoril. Teatro Municipal Mirita Casimiro. Av. Fausto Figueiredo. Até 22/02. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 16h00. Tel.: 214670320.

Tu e Eu
De Friedrich Karl Waechter. Encenação: Sofia de Portugal. Com Adriano Carvalho, André Patrício, Pedro Carraca.
Lisboa. Teatro Aberto. Pç. Espanha. Até 31/12. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 16h00. Tel.: 213880089. 15€, 12€ e 7,5€

Mona Lisa Show
De Pedro Gil. Encenação: Pedro Gil. Com Ainhoa Vidal, António Fonseca, David Almeida, Mónica Garnel, Raquel Castro, Ricardo Gageiro, Romeu Costa.
Lisboa. Teatro Meridional. R. do Açúcar, 64 - Poço do Bispo. Até 01/02. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 17h00. Tel.: 218689245.

Os Saltimbancos
De Chico Buarque. Companhia: Seiva Trupe.
Porto. Teatro do Campo Alegre. R. das Estrelas s/n. Até 18/03. 3ª, 4ª e 5ª às 10h30 e 14h30. 6ª às 14h30 e 15h45. Sáb. às 16h00 e 21h45. Dom. às 16h00. Tel.: 226063000.

Caveman
De Rob Becker. Encenação: António

Pires. Com Jorge Mourato.
Lisboa. Casa do Artista - Teatro Armando Cortez. Est. Pontinha, 7. Até 28/02. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 19h00. Tel.: 217154057.

A Tempestade
De William Shakespeare. Encenação: John Mowat. Com Jorge Cruz, Marta Cerqueira, Tiago Viegas.
Lisboa. Chapitô. R. Costa do Castelo, 1/7. Até 01/03. 5ª, 6ª, Sáb. e Dom. às 22h00. Tel.: 218855550. 10€ e 7,5€.

Acamarrados
De Enda Walsh. Companhia: Artistas Unidos. Com Carla Galvão, António Simão.
Almada. Teatro Municipal. Av. Professor Egas Moniz. Até 01/02. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 16h00. Tel.: 212739360. 11€ e 8€.

Imaculados
De Dea Loher. Encenação: João Lourenço. Com Amílcar Azenha, Ana Brandão, Ana Nave, Ana Rita Trindade, Carlos Pisco, Carmen Santos, Cátia Ribeiro, Francisco Pestana, Inês Rosado, Irene Cruz, Luis Barros, Pedro Ramos, Quimbé, Rini Luiks.
Lisboa. Teatro Aberto. Pç. Espanha. Até 01/02. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 16h00. Tel.: 213880089. 7,5€ a 15€.

Dança

Estreiam

Giselle
Companhia: Ballet Nacional da Moldávia. Compositor: Adolphe Charles Adam.
Coimbra. Teatro Académico de Gil Vicente. Pç. República. Dia 05/02. 5ª às 21h30. Tel.: 2138855636. 25€ a 30€
Braga. Theatro Circo. Av. Liberdade, 697. Dia 04/02. 4ª às 21h30. Tel.: 253203800. 25€ a 30€

Again from the Beginning / Outra vez do início
De Sofia Dias (música original). Com Sofia Dias (conceito e interpretação), Vítor Roriz (conceito e interpretação).
Lisboa. Bomba Salgada. R. Luz Soriano, 67 Pç. De 05/02 a 06/02. 5ª e 6ª às 21h30. Tel.: 213427605. Montemor-o-Novo. O Espaço do Tempo. Convento da Saudação. De 30/01 a 31/01. 6ª e Sáb. às 21h30. Tel.: 266899856.

Cantata + Lento para Quarteto de Cordas + Isolda
Companhia: Companhia Nacional de Bailado. Coreografia: Mauro Bigonzetti, Vasco Wellenkamp, Olga Roriz. Com Gruppo Musicale Assurd. Compositor: Anton Webern, Richard Wagner.
Lamego. Teatro Ribeiro Conceição. Lg. do Rossio. Dia 04/02. 4ª às 21h30. Tel.: 254928556.
Santa Maria da Féria. Europarque - Centro de Congressos. Espargos de Baixo. Dia 31/01. Sáb. às 21h30. Tel.: 256370222. 20€ e 13€.

Giselle
Companhia: Ballet Nacional da Moldávia. Compositor: Adolphe Charles Adam.
Porto. Coliseu do Porto. R. Passos Manuel, 137. Dia 03/02. 3ª às 21h30. Tel.: 223394947. 10€ a 30€.

Feminine
Companhia: Companhia Paulo Ribeiro. De Nuno Rebelo (música). Coreografia: Paulo Ribeiro. Bailarino: Leonor Keil, Elisabeth Lambeck, Erika Guastamacchia, Margarida Gonçalves.
Aveiro. Teatro Aveirense. Pç. República. Dia 31/01.

Segundo Plano
Coreografia: Né Barros. Bailarino: Bruno Teixeira, Joana Castro, Pedro Rosa, Sónia Cunha. Com Alexandre Soares (música ao vivo).
Espinho. Auditório. R. 34, 884. Dia 31/01. Sáb. às 21h30. Tel.: 227340469. 7€ (c/ descontos) Sáb. às 21h30. Tel.: 234400822. 8€ a 15€ (sujeito a descontos).



Sétimo Céu

DVD

TV e cinema

"Modelo e Detetecive" em cinema? 20 anos depois da criação dos personagens, por Glenn Gordon Caron, o autor desejaria transpor para o grande



ecrã as aventuras de Maddie Hayes e David Addison Jr. - que foram interpretadas por Cybill Shepherd e Bruce Willis. Ao que indica a revista "Les Inrockuptibles", Bruce Willis terá ficado entusiasmado

Televisão

O triunfo das tartes

É enternecedora. O charme do elenco é irresistível. Mesmo a edição em DVD é apetitosa.

Joana Amaral Cardoso

série de Bryan Fuller ("Heróis", "Star Trek: Deep Space 9") joga com coisas simples e, no entanto, com os valores e sentimentos mais elevados, aqueles que, diz a sabedoria popular, todos levamos deste mundo. Lamechices à parte, "Malmequer, Bem-me-quer" tem uma estrutura narrativa clássica, com a voz "off" do narrador a guiar o espectador pelo percurso de Ned (Lee Pace), o fazedor de tartes que tem um dom. E aqui entra o "gimmick", o truque e chamariz de "Pushing Daisies". Ned tem o poder de ressuscitar qualquer ser vivo morto em que



toque, da paixão da sua vida à fruta que usa para fabricar as suas tartes. Mas não lhes pode tocar, nunca mais, sob pena de os matar de vez. E quando ressuscita alguém, há outra pessoa, normalmente nas imediações, que tem de morrer. É, no fundo, uma fábula, com a moral básica de que tudo tem um preço, mesmo quando se age por amor. Amor, tartes, uma paixão não carnal (não pode sê-lo, sob pena de matar para sempre a sua amada, a rapariga chamada Chuck,

interpretada por Anna Friel) e uma refinada história de detetives por episódio.

Se "Irmãos e Irmãs" é a série tradicional sem "gimmick" e uma das mais bem sucedidas exportações da nova ficção televisiva americana, "Malmequer, Bem-me-quer" (ambas da ABC) é o título tradicional com "gimmick", que não conseguiu passar da segunda temporada, mas que é enternecedora, suavemente temperada com progesterona, mas longe de ser "uma coisa de gajas". A direcção artística é incomparável, o charme do elenco é irresistível e mesmo a edição em DVD, em forma de menu do Pie Hole, a loja de tartes da série, é apetitosa. Escassos nove episódios, que sabem a pouco, mas a culpa é da greve dos argumentistas. Depois, escassas nove entrevistas com o criador da série e respectivo elenco servem de sobremesa em versão conteúdos extra. "Malmequer, Bem-me-quer" tem outra coisa - humor, "quirky" no inglês à falta de termo em português, mas docemente universal.

Malmequer, Bem-me-quer
Pushing Daisies
Edição: Warner; 3 discos



★★★★★

Extras

★★★☆☆

É como um conto de fadas para a televisão e é impossível não corroborar quem se lembrou de "O Fabuloso Destino de Amélie Poulain" ao ver no Fox Life (ou em qualquer outro suporte, sejamos realistas)

"Malmequer, Bem-me-quer". Pela estrutura narrativa, pela fotografia e pelo tratamento da imagem, e sobretudo pelo tom de aspiração (não no sentido da sucção do vácuo, mas no sentido do desejo veemente por algo melhor, mais belo, simples). A

Humor docemente universal: "Malmequer, bem-me-quer"

Chega a DVD a série televisiva que Bruno de Almeida realizou para a RTP



Cinema

"Blow up" sobre os anos 70



Uma década em revolução
A Decade under the Influence
de Richard LaGravenese e Ted Demme
Midas

★★★★★

Para ver enquanto se lê, se ainda não se leu, "Easy Riders and Raging Bulls", de Peter Biskind. E reparar nas diferenças...

Antes de mais: o que está aqui em causa é a década de 70 e a geração do sexo, drogas e rock'n'roll que salvou Hollywood (a visão mais "pulp", mais tablóide - embora um tablóide esclarecido - de Biskind), a década de todas as revoluções, porque é que o cinema teria de escapar? (o ponto de vista do documentário de LaGravenese e Ted Demme.)

Biskind interessa-se sobretudo pelos indivíduos, pelas manias, fobias, por exemplo, pela infantilidade sexual de Spielberg (fazia sexo com as meias calçadas...), Altman, Coppola (a poliemielite na infância), Scorsese (a asma...), Ashby (a droga), Peter Bogdanovich (que, com a namoradinha Cybill Shepherd, casalinho visto como muito antipático, deu-nos nostálgicas obras-primas). Há no livro de Biskind (e em menor grau no documentário que Kenneth Bowser adaptou dele) essa ideia de que

tudo acontece por causa do desequilíbrio, da turbulência individual, enfim, do génio.

"O Cinema Americano dos anos 70 - Uma década em revolução" é mais democrático. Richard LaGravenese e Ted Demme convocaram Altman, Bogdanovich, Milos Forman, Lumet e os outros autores, mas também Julie Christie, John Voight, Pam Grier e os outros actores dessa década. Desce às bases, o indivíduo é emanação do movimento da contracultura, que inclui revolução sexual mas também musical. Não esperem encontrar referência às meias de Spielberg, elas não se sobrepõem à influência que tiveram nos americanos de 70 Godard, Kurosawa, Fellini, Bergman ou Truffaut.

Esta edição, pela Midas, com capa muito "Blow Up", é algo tardia (o filme é de 2003), e certamente já não aproveitará o ponto alto do "hype" dos anos 70 que há uns anos foi eufórico. Faz-nos querer regressar aos filmes ou descobri-los, de qualquer forma. Mas é formato demasiado correcto, que não está à altura das revoluções. Nesse campo, Biskind bate-o: é desregrado, excessivo e gritante como gostamos de pensar que foram os anos 70. **Vasco Câmara**

Música

Serviços mínimos

Um objecto de valor documental, mas uma embalagem de serviços mínimos. **Nuno Pacheco**

Amália, Uma Estranha Forma de Vida
De Bruno de Almeida
Edição Valentim de Carvalho

★★★★★

Extras

★★★★★

Chega finalmente a DVD a série televisiva que Bruno de Almeida realizou para a RTP e que se estreou



A época que mudou Hollywood (e o mundo): os anos 70

Cinema

Projecto



Depois de "The Deal" e "A Rainha", novo argumento de Peter Morgan sobre o ex-primeiro-ministro britânico. E pela terceira vez Michael Sheen será Tony Blair. Depois das relações entre Blair e

Gordon Brown e Blair e a rainha Isabel II, Morgan escreveu um argumento (vai ser ele a levá-lo ao ecrã) sobre as relações entre Blair e Bill Clinton entre 1997 e 2000. Título provisório: "The Special Relationship".



em 1995, quatro anos antes da morte de Amália. Finalmente, é forma de dizer: em 2004, Bruno de Almeida fez a partir dela um outro

documentário destinado a ser exibido nas salas de cinema dos EUA, "The Art of Amália". Simplesmente, enquanto esse tinha apenas 90 minutos (o que o fazia parecer, à vista da série, quase um videoclip extenso), "Uma Estranha Forma de Vida" é composta por cinco episódios de quase uma hora cada, num total de 285 minutos. A sua edição em DVD, porém, merecia mais do que a simples transcrição do pacote de cinco videocassetes (onde a série surgiu pela primeira vez no mercado) para dois DVD sem qualquer trabalho adicional. Nem o som foi mexido (mantém-se o estéreo original), nem a imagem foi melhorada, nem o conteúdo de cada episódio foi dividido em capítulos para melhorar o acesso a certas cenas. Qualquer cidadão faria o mesmo, com um duplicador em casa e sem esforço. Pior: se no documentário "The Art of Amália" houve preocupação em legendar (veja-se o quinto episódio) passagens transcritas das televisões francesa, espanhola, italiana, israelita, onde se mostra Amália a ser distinguida ou condecorada, aqui essas passagens surgem sem legendas, ficando à disponibilidade do espectador decodificar o que de Amália dizem jornalistas de outros países. Além disso, não há extras. Nem discografia, nem bibliografia, nada. "The Art of Amália", nesse capítulo, era generoso. E se, numa edição da mesma editora, não fazia sentido repetir a oferta anterior, seria sempre possível recorrer a outros materiais, mesmo televisivos (há milhares) ou a uma entrevista com o realizador. Tal não foi o entendimento da editora, que preferiu colocar no mercado um objecto de inegável valor documental numa embalagem de serviços mínimos.

Retenha-se, porém, o essencial: a série é até hoje ímpar. Com texto de Vítor Pavão dos Santos, biógrafo de Amália, e narração do ator Joaquim de Almeida, retrata todos os passos da vida de Amália com inegável envolvimento visual, que se dispersava na velocidade da versão compacta. É possível, agora, rever a bela sequência de imagens que surge no fim do último capítulo (enquanto se ouve, em instrumental, o "Fado Malhoa"), usada para os créditos em "The Art of Amália", limpa de interferências; assim como é possível voltar a ouvir Amália dizer no final: "Quando eu morrer, vão escrever muitas histórias sobre mim. E toda a gente vai acreditar naquela que não é a minha. Porque a minha é muito simples e as coisas simples não têm história." Mas quem comprar o DVD não saberá, sequer, que Amália morreu. Apesar de a edição ser actual, em nenhuma palavra do acto textual da contracapa isso é referido. Será só desleixo?

A evocação de um mundo que acabou, São Francisco, sexo, anos 70: "Milk"

Era uma vez... do outro lado do arco-íris

Gus Van Sant arrebatados, leva-nos "somewhere over the rainbow". Como o criador de uma fábula - coisa que fala de nós com luminosidade portentosa. Vasco Câmara

Milk
De Gus Van Sant, com Sean Penn, Emile Hirsch, Josh Brodin. M/16

★★★★★

Lisboa: Castelo Lopes - Cascais Villa: Sala 1: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h, 18h40, 21h40 6ª Sábado 13h10, 16h, 18h40, 21h40, 00h15; Castelo Lopes - Loures Shopping: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h45, 15h20, 18h30, 21h20, 23h50; Cinema City Classic Alvalade: Sala 1: 5ª 2ª 3ª 4ª 14h20, 16h45, 19h15, 21h45 6ª 14h20, 16h45, 19h15, 21h45, 00h10 Sábado 11h35, 14h20, 16h45, 19h15, 21h45; Medeia Saldanha Residence: Sala 6: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h20, 16h50, 19h20, 21h50, 00h20; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 13: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h, 16h35, 19h10, 21h50, 00h30; ZON Lusomundo Alvalade: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h, 18h50, 21h40, 00h30; ZON Lusomundo Amoreiras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h50, 18h40, 21h30, 00h10; ZON Lusomundo Cascais Shopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h40, 15h20, 18h10, 21h10, 23h55; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h55, 15h50, 18h40, 21h30, 00h20; ZON Lusomundo Vasco da Gama: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h55, 15h40, 18h25, 21h0, 00h10; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h55, 15h50, 18h40, 21h25, 00h20;

O crítico Nathan Lee, na revista "Film Comment", lançou uma "boutade" que pegou: escreveu que "Milk" é "o mais 'straight'" dos filmes de Gus Van Sant - um cineasta homossexual. Quis ele dizer que o filme sobre o autarca da câmara de São Francisco, homossexual (o primeiro político assumidamente gay a ser eleito para

um cargo público nos EUA, estávamos de nos anos 70), que ajudou a fazer de São Francisco um viveiro para as aspirações de uma comunidade e que hoje é ícone da militância gay, era um filme... convencional. Isso, "straight", um filme biográfico, um "biopic", com voz "off" e tudo.

A "boutade" é irresistível. Mas gostaríamos de perceber o que é que tem de convencional contar uma história destas como quem conta a história de uma rua - a Castro Street, onde Milk chegou, viu e venceu (até ser morto por um colega de câmara, Dan White, em 1978) - como se essa rua fosse a rua daqueles filmes que a desaparecida Hollywood inventava para serem exaltadas as qualidades americanas. É isso mesmo: com uma história da História gay Gus Van Sant faz "americana", esse género tradicional, que era muito sobre o "centro" das coisas e sem permitir "desvios", que o cinema clássico americano cultivou no passado. Podemos dizer, aliás, do razoavelmente burlesco Milk, personagem em que Sean Penn miraculosamente desaparece: Mr. Milk goes do Castro, isto é, à Câmara de São Francisco, como Frank Capra pós James Stewart, Mr. Smith, a ir a Washington, isto é, a pedir a palavra. Isto de ser aparentemente convencional, não tem nada de convencional.

Pertanto: é toda a América numa rua - e uma rua gay. ("Milk" é mesmo um filme político.) E essa forma de passar da história individual à história de muitas pessoas gay e, mais um passo em frente, à história de todas as pessoas, gay ou não, esse salto da rua ao país (e da América a todos nós), faz com que se sinta em "Milk" a vibração de uma epopeia humana.

Concedendo que, depois de "Sunset Boulevard" (1950), um filme narrado por um morto não é proeza - o "testamento" que Milk deixou, para o caso de ser assassinado, coisa que previa que lhe iria acontecer, é a voz que nos acompanha em "Milk" -, já é assinalável, e é a pedra de toque deste filme comovetíssimo, o resultado da utilização das imagens de arquivo. Com elas, e com aquilo que Van Sant aprendeu nos seus filmes mais experimentais, como "Gerry" (2002), "Elephant" (2003) ou "Last Days" (2005) - de que "Milk" está próximo, mais do que de filmes, esses sim, convencionais como "O Bom Rebelde" (1997) ou "Finding Forrester" (2000) -, o realizador arrebatava-nos. Leva-nos para um mundo imaginário, onírico,

"somewhere over the rainbow". De um só fôlego, torna-se o criador de uma fábula - daquelas que falam de nós com uma luminosidade portentosa -, um prestidigitador da iconografia gay (o "Somewhere over the Rainbow" de Judy Garland é despojado e entregue à sua mais desesperada fantasia), um cronista de um período da História americana e de uma cidade. Desaparecida, que não volta mais (será que existiu ou foi mistificação da memória?). Milk morreu, depois veio a Sida, e o sexo e os anos 70 ficaram retidos no domínio da fantasia mais nostálgica, sobrando um extremado sentimento de perda.

Por falar dos mortos: das coisas mais espantosas de "Milk" é a sensação de que estamos a ser olhados, interpelados, por quem já aqui passou, por quem já é História e deixou legado. "Milk" fala conosco, hoje. Da Proposição 8, que nos anos 70 quis impedir os homossexuais de serem professores (Milk ajudou a derrotar essa proposta legislativa), à Proposição 8, que hoje, na mesma Califórnia, negou a possibilidade de casamento de pessoas do mesmo sexo...? Sim, disso também, mas muito mais do que isso, o olhar é abundante, é para a América inteira, é para os que se sentem excluídos. "Milk", pedaço de fantasmagoria que, afinal, deixa em aberto uma hipótese de renascimento, é um filme para todos. "É preciso dar-lhes esperança", dizia Harvey Milk. Tem-se dito que este é o primeiro fantasma de Barack Obama a aparecer no cinema americano. Numa entrevista à revista "Attitude", Gus Van Sant concedia que sim.

E ainda alguém consegue dizer que é um filme "convencional"?

Ainda a beleza americana

Winslet e DiCaprio amam-se, traem-se, riem, choram, tocam-se, agridem-se - a gama toda. "Revolutionary Road" poderá servir-lhes de portfólio quando for preciso mostrar o que são capazes de fazer. Luís Miguel Oliveira

Revolutionary Road
De Sam Mendes, com Leonardo DiCaprio, Kate Winslet, Kathy Bates. M/16

★★★★★

Lisboa: Atlântida-Cine: Sala 1: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 15h30, 21h30 Sábado Domingo 15h30, 18h15, 21h30; Castelo Lopes - Cascais Villa: Sala 5: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h30, 18h10, 21h50 6ª Sábado 13h, 15h30, 18h10, 21h50, 00h20; Castelo Lopes - Londres: Sala 2: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 14h15, 16h45, 19h15, 21h45 6ª Sábado 14h15, 16h45, 19h15, 21h45, 00h15; Castelo Lopes - Loures Shopping: Sala 4: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h, 18h40, 21h40, 24h; Cinema City Alegro Alfragide: Cinemas: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 13h55, 16h20, 18h40, 21h30, 23h50 Sábado Domingo ➔



Espaço Público



Woody Allen tem sido algo irregular na sua produção. Desde filmes mais "patetas", passando pelos grandes clássicos, os últimos anos têm sido

presenteados com filmes em que a "amoralidade do mundo" é uma constante quase obsessiva. Este **"Vicky Cristina Barcelona"** não é dos seus melhores filmes, mas a sua mensagem "relativista" está lá. Ao apresentar um conjunto atribulado de relações, Allen está a querer dizer-

nos que "Deus joga aos dados" e que o amor nada tem de Absoluto. Fica bem patente a mensagem de que as relações humanas derivam de acidentes, sendo difícil atribuir um sentido divino a coisas que nos parecem tão alcaínas. **Luís Coelho, fisioterapeuta, 28 anos, Lisboa**

Coffee-break

"Ladies first"



Bárbara Reis

Primeiro fui à Wikipedia e nada, a seguir pesquisei duas horas no Google e foi a mesma coisa, larguei a net e passei para o papel. Fui direita à letra "L" no Dicionário Webster, que nunca me deixa mal, e zero. Fui ao dicionário da origem das palavras e zero de novo. Passo seguinte: livros de história. Primeiro o clássico "História da Vida Privada I", de Ariès e Georges Duby - do Império Romano ao ano mil. Li coisas interessantíssimas, mas que não são para aqui chamadas, inútil portanto. Seguiu-se o volume II, da Europa feudal ao renascimento, a mesma coisa. Um dia e uma noite nisto e nem uma pista sobre a origem de "ladies first".

Qual é a história desta expressão? Como é que chegámos à tradição de as senhoras serem as primeiras? Antes de todos, dos homens, dos doentes e dos idosos? Somos as primeiras a entrar numa sala ou num elevador, somos as primeiras a quem, num restaurante, os empregados entregam os menus e as primeiras a quem perguntam o que queremos. Em 1912, fomos as primeiras a entrar nos botes salva-vidas quando o Titanic naufragou e há duas semanas voltámos a ser as primeiras a sair quando um avião em queda amouso no rio Hudson, em Nova Iorque. "Mulheres e crianças primeiro", li no "New York Times".

Ao terceiro dia, mudei de estratégia. Mandei um e-mail a um advogado culto. Será que começou no Direito? "A origem de 'ladies first'? Nunca pensei nisso." Telefonei a um historiador ainda mais culto. "Não sei", foi a resposta. Talvez tenha origem na fidalguia provençal inglesa, no "ethos" masculino, na ideia do "comportar-se como um cavalheiro" e nas regras que, no século XVIII, começaram a definir o padrão de comportamento europeu. "Mas isso é mais tarde. As pessoas esquecem-se que só no

Como é que chegámos à tradição de as senhoras serem as primeiras? Antes dos homens, dos doentes e dos idosos?

século XIX é que a Inglaterra, que era então o país mais rico do mundo com elites riquíssimas que compravam imensas obras de arte, passou de potência económica a potência cultural." Estamos a desviar-nos do "ladies first". É verdade, concedeu o historiador. Bom, a Bíblia está cheia de referências à

fragilidade da mulher, mas "precisaria de dois dias para encontrar a origem exacta". Será este o caminho certo? Prática-se o "ladies first" no século XXI porque a mulher era "frágil" na Antiguidade?

Já ando nisto há uma semana e ainda não tenho crónica, o Vasco mata-me. Quem é mais culto do que este historiador culto? Só me ocorreu um nome. Liguei a José Mattoso. Ele sabe, tenho a certeza, caso resolvido.

Mas Mattoso não atendeu, nem o fixo, da casa em Mértola onde vive agora, nem o telemóvel. Nada feito. Mais um telefonema. Pistas, preciso de pistas! Liguei a um amigo, historiador de arte, porque não? Falou-me dos códigos dos cavaleiros e dos manuais de cortesia cavalheiresca, mas não saímos daí. "Vai à 'História das Mulheres', talvez lá encontres." Georges Duby de novo, sempre o Duby, já era assim no liceu, acabava sempre no Duby. Bertrand, cinco volumes. Acabei a comprar o 4, sobre o século XIX, quando encontrei uma referência à "fragilidade" do direito romano, a tal "fragilidade" da mulher.

Em que ficamos? Em três tristes factos: não encontrei a resposta, gastei 45 euros em dois livros e tenho neste momento, na minha biblioteca, um objecto que nunca imaginei ter: o volume IV do "Direito Privado Romano", de A. Santos Justo. Teve que ser. Foi só aí que encontrei a definição de "fragilitas" - a lei romana invocava a "fragilidade" e a "ligeireza de espírito" da mulher para lhe negar direitos forenses.

Um dia, com mais euros e a ajuda de mais amigos, saberei como o "ladies first" começou. E, quando aí chegar, acabo esta crónica.

breis@publico.pt

11h35, 13h55, 16h20, 18h40, 21h30, 23h50; CinemaCity Beloura Shopping: Sala 1: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 14h05, 16h25, 18h45, 21h35, 23h55; Sábado Domingo 11h45, 14h05, 16h25, 18h45, 21h35, 23h55; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 1: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 14h20, 16h40, 19h, 21h25, 23h50; Medeia Fonte Nova: Sala 1: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 14h15, 17h, 19h30, 22h; Medeia Saldanha Residence: Sala 5: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 14h30, 17h, 19h30, 22h, 00h30; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 9: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 14h, 16h30, 19h, 21h30, 00h05; Domingo 11h30, 14h, 16h30, 19h, 21h30, 00h05; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h05, 15h50, 18h30, 21h20, 00h10; ZON Lusomundo CascaisShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h40, 18h20, 21h30, 00h15; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h45, 15h30, 18h15, 21h10, 23h55; ZON Lusomundo Oeiras Parque: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h50, 18h40, 21h25, 00h10; ZON Lusomundo Torres Vedras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h45, 18h30, 21h30, 00h15; ZON Lusomundo Vasco da Gama: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h, 18h50, 21h30, 00h20; Castelo Lopes - Barreiro: Sala 2: 5ª 6ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h30, 18h20, 21h30 6ª Sábado 13h, 15h30, 18h20, 21h30, 00h10; Castelo Lopes - Rio Sul Shopping: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h25, 16h10, 18h40, 21h45, 00h15; UCI Freixos: Sala 5: 5ª 2ª 3ª 4ª 16h20, 18h50, 21h40 6ª 16h20, 18h50, 21h40, 00h20; Sábado 13h50, 16h20, 18h50, 21h40, 00h20; Domingo 13h50, 16h20, 18h50, 21h40; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 15h40, 18h30, 21h20, 00h10; ZON Lusomundo Fórum Montijo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h15, 15h55, 18h35, 21h35, 00h15;

Porto: UCI Arrábida 20: Sala 1: 5ª 6ª Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 00h35; UCI Arrábida 20: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 12h55, 16h35, 19h15 3ª 4ª 16h35, 19h15; ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 15h30, 18h20, 21h20, 00h10; ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 15h30, 18h20, 21h20, 00h10; ZON Lusomundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h40, 15h40, 18h40, 21h40, 00h40; ZON Lusomundo Parque Nascente: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h50, 18h40, 21h30, 00h20; ZON Lusomundo Glicínias: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 16h30, 19h, 21h30, 24h;

Era tido como um potencial candidato a "estrela" da próxima cerimónia de entrega dos Óscares, mas agora que saíram as nomeações e se verificou que eram apenas três esse favoritismo esfriou um pouco. O que até nos dá jeito, pois assim talvez seja possível falar de "Revolutionary Road" em tom pouco entusiasmado sem incorrer na fúria do leitor. Já agora, e não voltaremos a falar de Óscares, até gostávamos de dizer que uma das nomeações (a de melhor actor em papel secundário) é absolutamente justa: Michael Shannon, que vimos como protagonista do "Bug" de William Friedkin (e num pequeno papel no "Antes que o Diabo Saiba que Morreste" de Sidney Lumet) e

aqui reencontramos na pele do vizinho psicologicamente "desarranjado" do casal Wheeler, é uma presença espantosa, capaz de roubar todas as cenas em que entra ao "duo maravilhoso" Kate Winslet/Leonardo DiCaprio.

Parece que estamos a dizer mal deles (de Winslet e DiCaprio) mas nem estamos. Com Shannon, eles são a melhor coisa do filme. De resto, é normal que os actores sejam o melhor dos filmes de Sam Mendes, realizador que ainda à boleia do sucesso de "Beleza Americana" nos parece continuar a ser sobrevalorizado ("Beleza Americana" tinha a sua graça mas "Road to Perdition" era um museu de cera rígido, e "Jarhead" limitava-se, sem muito tino, a atirar o barro à parede).

Em "Revolutionary Road", que adapta o romance de Richard Yates [ver texto nas páginas de crítica de livros], eles são o centro de tudo, o marido e a mulher protagonistas desta crónica da desintegração de um matrimónio, precipitada pelo peso e pelas expectativas, tão promissoras como convencionais, de algo que poderá ser descrito como estando entre o "sonho americano" e o "american way of life" (estávamos nos anos 50, a euforia do pós-guerra). Em todo o caso, e voltando a insistir em Shannon, a mais perfeita expressão deste sentimento (a carga opressiva das expectativas associadas ao "way of life" americano) surge nas cenas com a sua personagem, plena de amargura resignada e violência melancólica, como um fantasma que assombra Winslet e DiCaprio, ou a imagem que os reflecte num espelho escuro e deformador.

Mas Winslet e DiCaprio, sim. O filme é deles do princípio ao fim, saem-se bem e Sam Mendes, trabalhando muitas cenas como se o décor fosse um palco teatral, faz o possível para que se torne evidente que eles se saem bem. Amam-se, traem-se, riem, choram, tocam-se, agridem-se - correm a gama toda, no futuro "Revolutionary Road" poderá servir-lhes de portfólio quando for preciso mostrar o que são capazes de fazer. Ora se isto é assim, e se os actores são tão bons, de onde vem o pouco entusiasmo? Diríamos que do facto de o "programa" de Sam Mendes não ir muito para além disto - uma boa caução competentemente ilustrada (o romance) e o brilhantismo dos actores tomado como "nec plus ultra". Tudo muito

limpo, tudo muito nítido, com os excessos e os desequilíbrios sempre cuidadosamente aparados (Mendes não é Cassavetes, e Kate Winslet também não é Gena Rowlands), arranca-nos uma admiração fria e, no fim de contas, progressivamente desinteressada.

A Duquesa The Duchess

De Saul Dibb, com Keira Knightley, Ralph Fiennes, Charlotte Rampling, M/12

★★★★☆

Lisboa: CinemaCity Alegro Alfragide: Sala 8: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 13h50, 16h, 18h15, 21h35, 23h55; Sábado Domingo 11h40, 13h50, 16h, 18h15, 21h35, 23h55; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 5: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 14h30, 16h50, 19h10, 21h40, 00h05; Sábado Domingo 11h45, 14h30, 16h50, 19h10, 21h40, 00h05; Medeia Saldanha Residence: Sala 8: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h10, 16h40, 19h10, 21h40, 00h10; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 14: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h15, 16h40, 19h15, 21h55, 00h20; Domingo 11h30, 14h15, 16h40, 19h15, 21h55, 00h20; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h15, 15h40, 18h05, 21h, 23h30; ZON Lusomundo Oeiras Parque: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h55, 15h35, 18h15, 21h20, 24h; ZON Lusomundo Vasco da Gama: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h35, 18h15, 21h05, 23h50; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h45, 18h30, 21h10, 23h55;

Porto: UCI Arrábida 20: Sala 14: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h15, 15h40, 18h05, 21h, 23h30; UCI Arrábida 20: Sala 15: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 16h45, 19h20, 21h50, 00h20; ZON Lusomundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 16h, 18h50, 21h30, 00h20; Castelo Lopes - 8ª Avenida: Sala 2: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h30, 18h30, 21h20 6ª Sábado 13h, 15h30, 18h30, 21h20, 00h20; ZON Lusomundo Fórum Aveiro: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h55, 18h40, 21h20, 00h05;

"A Duquesa" do título é Georgiana Spencer Cavendish, duquesa de Devonshire por casamento, uma das aristocratas mais poderosas da Inglaterra do século XVIII e antepassada da princesa Diana, personagem apaixonada de pêlo na vental, romântica e impetuosa. O que Saul Dibb faz com ela é um daqueles impecáveis drama de época de que os ingleses parecem ter o segredo de fabricação, com tudo no sítio, desde a reconstituição do período às interpretações do mais ínfimo secundário, mas com uma peculiar vibração contemporânea no modo como o realizador desenha o improvável triângulo amoroso que se gera quando Georgiana se trava de amizades com Lady Elizabeth Foster e a convida para uma temporada em sua casa, usado como "revelador" da moralidade dúbia da sociedade aristocrata inglesa. No fundo, todos os dramas de época ingleses não falam de outra coisa senão da luta de classes, mas aqui Dibb desvia o seu olhar para o estatuto de segunda classe da mulher, cujo poder, exercido de modo mais discreto, tem limites desconhecidos aos homens. Sem descobrir a pólvora nem reinventar a roda, "A Duquesa" é um bom exemplo daquilo a que se poderia chamar "qualidade inglesa", particularmente bem servido

pelos actores (atenção à modulação precisa de Ralph Fiennes e à extraordinária presença de Charlotte Rampling). **Jorge Mourinha**



O filme é deles, Winslet e DiCaprio, do princípio ao fim



"A Duquesa":
qualidade
inglesa

O Complexo Baader Meinhof Der Baader Meinhof Komplex
De Uli Edel,
com Martina Gedeck, Moritz Bleibtreu, Johanna Wokalek. M/12

☆☆☆☆☆

Lisboa: Medea King: Sala 3: 5ª Domingo 3ª 4ª 13h10, 16h, 18h50, 21h40 6ª Sábado 2ª 13h10, 16h, 18h50, 21h40, 00h30; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h50, 17h, 21h, 00h20; ZON Lusomundo Amoreiras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h50, 17h, 21h0, 00h20;

Porto: ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h15, 17h30, 21h0, 00h25;



Comparando a forma como o material de arquivo é usado em "Milk" (outra estreia desta semana) em "O Complexo Baader Meinhof" ... no filme de Van Sant sobre Harvey Milk, figura mítica da militância homossexual, as imagens de época transportam-nos, falam-nos sobre uma era, a América dos anos 1970, e é como se nos fálassem de hoje – é um filme politicamente interventivo; em "O Complexo Baader Meinhof" (sobre o grupo terrorista que baleou a Alemanha dos anos 70) essas imagens são uma bengala, uma tentativa de dar a espessura de um tempo a um guarda-roupa, a penteado, patilhas e óculos escuros. Uli Edel não deve acreditar na verdade do seu docudrama e na sua capacidade de nos fazer acreditar, e recorre às imagens de arquivo para elas fazerem esse trabalho. Pior a emenda: afasta-nos ainda mais da crença na reconstituição. Que é uma narrativa aos soluços, sem conseguir dar espessura e continuidade às personagens – num momento esses guerrilheiros que se zangaram com a geração dos pais, pelo pacto feito com o nazismo, com o imperialismo e com o Estado, são patetas; logo a seguir são militantes aguerridos. Por isso "O Complexo Baader Meinhof" fica sem possibilidade de nos falar de hoje. V.C.

"Second Life": raramente se viu pior (aquí ou na China)



Second Life
De Miguel Gaudêncio, Alexandre Valente,
com Lúcia Moniz, Piotr Adamczyk,
Luís Figo. M/16

●

Lisboa: Castelo Lopes - Loures Shopping: Sala 6: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h10, 17h10, 19h, 21h50, 00h15; CinemaCity Alegro Alfragide: Sala 9: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 13h40, 15h30, 17h30, 19h30, 21h50, 24h Sábado Domingo 11h50, 13h40, 15h30, 17h30, 19h30, 21h50, 24h; CinemaCity Beloura Shopping: Sala 6: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 14h15, 16h10, 18h, 20h05, 22h05, 00h05 Sábado Domingo 12h15, 14h15, 16h10, 18h, 20h05, 22h05, 00h05; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 5: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, 24h Domingo 11h30, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, 24h; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h15, 17h25, 19h30, 21h50, 24h; ZON Lusomundo CascaisShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 15h, 17h10, 19h20, 21h40, 23h50; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 15h10, 17h20, 19h30, 21h45, 24h; ZON Lusomundo Odivelas Parque: 5ª 2ª 3ª 4ª 15h10, 17h20, 19h30, 21h40 6ª 15h10, 17h20, 19h30, 21h40, 24h Sábado 13h, 15h10, 17h20, 19h30, 21h40, 24h Domingo 13h, 15h10, 17h20, 19h30, 21h40; ZON Lusomundo Vasco da Gama: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h15, 15h25, 17h30, 19h40, 21h45, 24h; Castelo Lopes - Barreiro: Sala 1: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 12h40, 15h20, 17h30, 19h40, 21h40 6ª Sábado 12h40, 15h20, 17h30, 19h40, 21h40, 23h50; Castelo Lopes - Rio Sul Shopping: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h20, 17h20, 19h20, 21h30, 23h45; UCI Freepor: Sala 1: 5ª 2ª 3ª 4ª 15h15, 17h15, 19h15, 21h15 6ª 15h15, 17h15, 19h15, 21h15, 23h45 Domingo 13h15, 15h15, 17h15, 19h15, 21h15; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h15, 15h15, 17h20, 19h20, 21h25, 23h25; ZON Lusomundo Fórum Montijo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10h, 15h15, 17h15, 19h15, 21h20, 23h45;

Porto: UCI Arrábida 20: Sala 12: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 13h55, 16h, 18h05, 20h10, 22h15, 00h40 3ª 4ª 16h, 18h05, 20h10, 22h15, 00h40; ZON Lusomundo GaiaShopping: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h10, 17h20, 19h20, 21h30 6ª Sábado 13h10, 15h10, 17h20, 19h20, 21h30, 00h20; ZON Lusomundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h20, 17h40, 20h, 22h20, 00h35; ZON Lusomundo Parque Nascente: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 14h50, 17h10, 19h30, 21h50, 00h10;

A "obsessão comercial" que grassa no cinema português, bem suportada pelas televisões e por alguma opinião publicada, ainda não parou de gerar equívocos e monstruosidades. Abstemo-nos, a propósito de "Second Life", de ir mais longe na lengalenga pedagógica do que isto: não, não há nada de essencialmente repugnante na ideia de um "cinema popular", nem aqui nem na China. O problema é que "Second Life" é um pequeno apogeu da degradação da própria ideia de um "cinema popular". Que o filme anuncie, no seu material promocional, o desejo de ser "o mais visto do ano", é lá com ele; que isso depois sirva como justificação para a maior indigência artística, certamente, mas também comercial: o mais oportunista dos produtores de Hollywood havia de se rir a bandeiras

As estrelas do público

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Mário J. Torres	Vasco Câmara
O Complexo Baader Meinhof	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Contrato	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
A Duquesa	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
O Estranho Caso de Benjamin Button	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Esta Noite	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Frost/Nixon	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Milk	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Revolutionary Road	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Second Life	●	●	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Vicky Cristina Barcelona	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆

desprezadas com isto) é que é lamentável. Se actualmente fazer um "sucesso comercial" em Portugal significa arrancar pessoas de diante da televisão para as levar a uma sala, "Second Life" encontra a solução (?) óbvia e dá-lhes mais televisão. Um elenco cheio de "caras" conhecidas das revistas e da TV, de Fátima Lopes a (por amor de Deus!) José Carlos Malato, passando por Luis Figo (num cena de "lap dancing" que faz mais pela destruição da sua dignidade do que uma sucessão de passes falhados ou cartões vermelhos). A isto adicionam-se as "cenas escaldantes" que a promoção também refere (umas raparigas em trajes menores a brincarem com copos de champanhe). Embrulha-se tudo num amontoado de cenas confusas, filmadas e montadas de qualquer maneira, e deixa-se correr em fundo um argumento carregado de pretensões de profundidade filosófica. A pobreza disto tudo é inenarrável. Há mais densidade psicológica num porno, maior sofisticação dramática nos "Morangos com Açúcar". Triste o filme que tem dos seus espectadores uma ideia tão má, triste o povo em nome de quem se fazem filmes destes. Raramente se viu pior (aquí ou na China). L.M.O.

Continuam

O Estranho Caso de Benjamin Button
The Curious Case of Benjamin Button
De David Fincher,
com Brad Pitt, Cate Blanchett, Tilda Swinton. M/12

☆☆☆☆☆

Lisboa: Atlântida-Cine: Sala 2: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 15h15, 17h45 Sábado Domingo 15h15, 18h30, 21h45; Castelo Lopes - Cascais Villa: Sala 4: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 16h30, 21h30; Castelo Lopes - Cascais Villa: Sala 2: 6ª Sábado 00h10; Castelo Lopes - Feira Nova: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h30, 21h30; Castelo Lopes - Loures Shopping: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 16h10, 21h30; Castelo Lopes - Loures Shopping: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 23h30; CinemaCity Alegro Alfragide: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h35, 16h50; CinemaCity Alegro Alfragide: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 21h, 00h15; CinemaCity Beloura Shopping: Cinemax: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 16h55, 21h, 00h15; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 17h15, 21h, 00h15; Medea Fonte Nova: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h30, 18h, 21h30; Medea Monumental: Sala 4 - Cine Teatro: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 15h, 18h15, 21h30, 00h30 Domingo 12h, 15h, 18h15, 21h30, 00h30; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 6: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h15, 17h30, 21h, 00h10; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h55, 16h30, 21h05, 00h25; ZON Lusomundo Amoreiras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 16h30, 21h, 00h20; ZON Lusomundo CascaisShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 17h, 21h, 00h30; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 17h, 21h, 00h25; ZON Lusomundo Dolce Vita Miraflores: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 15h, 18h30, 22h; ZON Lusomundo Odivelas Parque: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 15h, 18h30, 22h; ZON Lusomundo Oeiras Parque: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h05, 16h30, 21h, 00h20; ZON Lusomundo Torres Vedras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 17h, 21h, 00h25; ZON Lusomundo Vasco da Gama: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 16h15, 21h, 00h15; Castelo Lopes -

Barreiro: Sala 4: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h30, 21h40; Castelo Lopes - C. G. Jumbo: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h30, 21h30; Castelo Lopes - Rio Sul Shopping: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h05, 16h10, 21h10; Castelo Lopes - Rio Sul

Shopping: Sala 5: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 23h55; UCI Freepor: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 15h20, 18h35, 21h55; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 17h, 21h, 00h25; ZON Lusomundo Fórum Montijo: 5ª 6ª Sábado

Informações 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cgd.pt - www.culturgest.pt
Bilhetes à venda Culturgest, Bliss, Fnac, Livrarias Bulhosa (Oeiras Parque), Lojas Abreu.
Worten e www.ticketline.sapo.pt - Reservas: 707 234 234

Preço único
até aos 30 anos
5 Euros



Zoetrope

Rui Horta / Micro Audio Waves

Procurámos criar emoções para as pessoas, fazê-las sentir. Sonhar um pouco. O mistério também tem o seu atractivo. E as pessoas entendem aquilo que quiserem. A magia faz parte desse mistério. Cláudia Efe

MÚSICA QUI 19 FEVEREIRO · 21h30 · Grande Auditório · €20 · M12

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

CONCURSO DE FOTOGRAFIA
PURIFICACION GARCIA 2009

www.purificaciongarcia.com

Recepção das obras: entre os dias 2 e 20 de fevereiro de 2009

Ciclo

Encontros de Cinema na Malaposta é uma nova programação mensal que irá acontecer, nas últimas sextas do mês, no **Centro Cultural Malaposta**. Este encontro regular irá privilegiar a divulgação de filmes portugueses

de várias linguagens e géneros: ficção, animação, experimental e documental. **Hoje, dia 30, às 21h30:** “Eu, o Outro e Mais Um”, Carta Branca à Zero em Comportamento, associação responsável pela organização

do IndieLisboa. A programação é composta por 5 curtas dos realizadores Pedro Pinho, Zepe, Luís Fonseca, Rui Xavier, Pedro Madeira e Paulo Ares, que estarão presentes na sessão, para um debate com o público.

“Vicky Cristina Barcelona”: a marcação de ponto anual de Woody Allen



Ciberescritas

É a nossa vida



Isabel Coutinho

Não há dúvida nenhuma de que os tempos estão difíceis. E esta semana isso ficou mais claro. De repente, mesmo aqueles que pensam que escapam acabam por se confrontar com a dura realidade. Basta ver o que aconteceu a Sara Nelson, famosa jornalista e crítica literária norte-americana e “editor-in-chief” da “Publishers Weekly” (PW), a revista lida por editores e agentes literários de todo o mundo.

“Podem chamar-me crédula ou impressionável, mas esta semana sinto uma certa esperança”, escrevia ela, na sua coluna semanal colocada segunda-feira no “website” da “Publishers Weekly”. Este alento vinha-lhe da chegada de Barack Obama à Casa Branca, de acreditar que os despedimentos no mundo da edição estariam a chegar ao fim, pelo menos por uns momentos... Mas o destino prega partidas: nessa mesma segunda-feira, o blogue Arts Beat do jornal “The New York Times” noticiou que Sara Nelson tinha sido despedida na sequência da reestruturação que o grupo Reed Business Information - que possui também a

revista “Variety” - está a fazer. Não só ela, mas também Daisy Maryles (editora executiva) e os editores Elizabeth Deveraux e Kevin Howell da “PW”.

Nos últimos quatro anos, Sara Nelson, 52 anos, foi a cara da “PW”. Quando entrou para a revista, em Janeiro de 2005, tinha muitas ideias (nessa época deu uma entrevista ao Mediabristo que ainda pode ser lida online) e sabia que tinha um

grande desafio pela frente. O ano passado, divulgou agora o site BookBrunch, Sara propôs que o “Library Journal” (para bibliotecários) e o “School Library Journal” fossem integrados na “Publishers Weekly”, para que se poupasse dinheiro. Antiga crítica literária, ficou conhecida pelas suas colunas de opinião quer no “The New York Post” e no “The New York Observer”. Nas crónicas que assinava na “Publishers Weekly”, e que podem ser lidas “online”, ia traçando algumas das tendências do mundo da edição e era sempre implacável nas críticas que fazia ao sector. Por vezes, era polémica.

Nas feiras do Livro de Frankfurt, de Londres e na Book Expo America, sempre que o seu nome aparecia num debate as salas enchiam. Era também ela quem divulgava os Quill Awards e é autora do livro “So Many Books, So Little Time: A Year of Passionate Reading” (ed. Putnam, 2003).

Na última crónica à frente da “PW” conta que durante uma festa um amigo lhe deu a ideia de criar uma nova rubrica no “site” da revista com participação directa dos leitores. Tinha como título “Review It Yourself” (crítique você mesmo) dando a possibilidade aos leitores de fazerem resenhas de livros que tinham sido publicados em edição de autor. Dizia também que tinha passado o fim-de-semana a ler livros. Para alguns isso até pode ser considerado um “fim-de-semana de trabalho”, escrevia, “mas trata-se da edição: é a nossa vida”. E terminava a crónica dizendo: “Apesar de tudo, as pessoas dos livros são as pessoas dos livros são as pessoas dos livros - e nem a recessão ou a depressão ou as preocupações vão mudar isso.” (“Book people are book people are book people, after all-and no amount of recession or depression or worry will ever change that fact.”)

isabel.coutinho@publico.pt

(Ciberescritas já é um blogue <http://blogs.publico.pt/ciberescritas>)

Nas feiras do Livro de Frankfurt, de Londres e na Book Expo America, sempre que o nome de Sara Nelson aparecia num debate as salas enchiam

Crónicas de Sara Nelson na “Publishers Weekly” <http://www.publishersweekly.com/Community/Sara+Nelson/47210.html>

Arts Beat [http://www.artsbeat.blogs.nytimes.com/2009/01/26/top-editor-at-publishers-weekly-is-laid-off/](http://artsbeat.blogs.nytimes.com/2009/01/26/top-editor-at-publishers-weekly-is-laid-off/)

BookBrunch <http://www.bookbrunch.co.uk/>

MediaBristo.com <http://www.mediabristo.com/articles/cache/a3611.asp>

← Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 17h20, 21h, 00h20;

Porto: Cinemax - Penafiel: Sala 1: 5ª 2ª 3ª 4ª 15h30, 21h30 6ª 15h30, 21h30, 00h35 Sábado 15h, 17h30, 21h30, 00h35 Domingo 15h, 17h30, 21h30; Meidia Cidade do Porto: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h40, 18h20, 21h30; UCI Arrábida 20: Sala 15: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 14h10, 17h35, 21h05, 00h30 3ª 4ª 17h35, 21h05, 00h30; ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 16h30, 21h, 00h30; ZON Lusomundo Ferrara Plaza: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 15h50, 21h 6ª Sábado 15h50, 21h, 00h20; ZON Lusomundo GaiaShopping: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h50, 17h25, 20h50 6ª Sábado 13h50, 17h25, 20h50, 00h25; ZON Lusomundo MaiaShopping: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h25, 17h10, 21h 6ª Sábado 13h25, 17h10, 21h, 00h35; ZON Lusomundo Mar Shopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 17h10, 21h0, 00h30; ZON Lusomundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h50, 20h50, 00h30; ZON Lusomundo Parque Nascente: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 17h, 21h, 00h40; Castello Lopes - 8ª Avenida: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h40, 16h, 21h30; ZON Lusomundo Fórum Aveiro: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 16h40, 21h 6ª Sábado 13h, 16h40, 21h, 00h30; ZON Lusomundo Glicínias: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h45, 17h25, 21h, 00h35;

Se é verdade que David Fincher nunca mais atingiu, depois de “Se7en”, semelhantes profundidades, “O Estranho Caso de Benjamin Button” consegue articular uma complexa estrutura em mosaico com a tradição do grande “romance”, tanto no sentido melodramático, como no da criação de atmosferas que fogem ao romanesco tradicional. Como sempre, o realizador domina os processos de montagem como poucos e analisa, por dentro da trama, os próprios mecanismos de construção: manipula e quer manipular, na medida em que o espectador serve de cobaia para a sua autoreflexão sobre as hipóteses de o cinema moderno virar do avesso Scott Fitzgerald, o “filme de mulheres”, a desvergonha sentimental hollywoodiana. Tudo sem grande risco, mas com a perfeita noção de que a reinvenção distanciada é possível (e desejável). Pena insistir numa extensão desmedida: o filme só teria a ganhar (ainda mais) com maior síntese e economia narrativa. M.J.T.

Vicky Cristina Barcelona

De Woody Allen, com Penélope Cruz, Javier Bardem, Scarlett Johansson, Rebecca Hall. M/12

★★★★★

Lisboa: Castello Lopes - Cascais Villa: Sala 3: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 15h50, 18h, 21h00 6ª Sábado 13h40, 15h50, 18h, 21h0, 23h50; Castello Lopes - Londres: Sala 1: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 16h30, 19h, 21h30 6ª Sábado 14h, 16h30, 19h, 21h30, 24h; Castello Lopes - Loures Shopping: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h50, 18h50, 21h; CinemaCity Alegro Alfragide: Sala 7: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 13h45, 15h45, 17h45, 19h45, 21h45, 23h45 Sábado Domingo 11h45, 13h45, 15h45, 17h45, 19h45, 21h45, 23h45; CinemaCity Beloura Shopping: Sala 3: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 13h50, 15h50, 17h50, 19h55, 21h55, 24h Sábado Domingo 11h50, 13h50, 15h50, 17h50, 19h55, 21h55, 24h; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 4: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 14h15, 16h15, 18h15, 21h30, 23h45 Sábado Domingo 11h50, 14h15, 16h15, 18h15, 21h30, 23h45; Media Monumental: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h45, 15h45, 17h50, 20h, 22h, 00h15; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 12: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h30, 16h45, 19h10, 21h45, 24h Domingo 11h30, 14h30, 16h45, 19h10, 21h45, 24h; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h30, 17h50, 21h30, 23h50; ZON Lusomundo Amoreiras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 16h, 18h30, 21h40, 24h; ZON Lusomundo Cascais Shopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h15, 16h, 18h30, 21h45, 24h; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª

Cinemateca Portuguesa

R. Barata Salgueiro, 39 Lisboa. Tel. 213596200

Sexta, 30

Ginger e Fred
De Federico Fellini
15h30 - Sala Félix Ribeiro

Bonnie e Clyde
Bonnie and Clyde
De Arthur Penn
19h - Sala Félix Ribeiro

Um Mundo Perfeito
A Perfect World
De Clint Eastwood
19h30 - Sala Luís de Pina

The Bamboo Blonde
De Anthony Mann
21h30 - Sala Félix Ribeiro

Loucura Americana
American Madness
De Frank Capra
22h - Sala Luís de Pina

Sábado, 31

Amarcord
De Federico Fellini
15h30 - Sala Félix Ribeiro

Uma Loira Para Três
She Done Him Wrong
De Lowell Sherman
19h - Sala Félix Ribeiro

A Terra
La Terre
De André Antoine
19h30 - Sala Luís de Pina

Le Amiche
De Michelangelo Antonioni
21h30 - Sala Félix Ribeiro

6 Curtas De Kenneth Anger
De Kenneth Anger.
22h - Sala Luís de Pina

Segunda, 02

Heróis Esquecidos
The Roaring Twenties
De Raoul Walsh
15h30 - Sala Félix Ribeiro

Desesperado
Desperate
De Anthony Mann
19h - Sala Félix Ribeiro

A Grande Aventura
Det Stora äventyret
De Arne Sucksdorff

Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h35, 15h15, 18h, 21h20, 23h40; Castello Lopes - Rio Sul Shopping: Sala 5: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 15h30, 18h20, 21h50; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h30, 17h55, 21h35, 24h;

Porto: Meidia Cidade do Porto: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 16h, 18h, 20h, 22h; UCI Arrábida 20: Sala 16: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 14h15, 16h35, 19h05, 21h35, 00h15 3ª 4ª 16h35, 19h05, 21h35, 00h15; ZON Lusomundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 16h30, 19h15, 22h, 00h45; ZON Lusomundo Glicínias: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h10, 16h50, 19h20, 21h50, 00h20;

19h30 - Sala Luís de Pina

As Pontes De Madison County
The Bridges of Madison County
De Clint Eastwood
21h30 - Sala Félix Ribeiro

A Rosa do Adro
De George Pallu
22h - Sala Luís de Pina

Terça, 03

O Desesperado
The Men
De Fred Zinnemann
15h30 - Sala Félix Ribeiro

Railroaded!
De Anthony Mann
19h - Sala Félix Ribeiro

Meus Amigos
De António da Cunha Telles
19h30 - Sala Luís de Pina

Poder Absoluto
Absolute Power
De Clint Eastwood
21h30 - Sala Félix Ribeiro

Desesperado
Desperate
De Anthony Mann
22h - Sala Luís de Pina

Quarta, 04

Sargento York
Sergeant York
De Howard Hawks
15h30 - Sala Félix Ribeiro

A Última Golpada
Thunderbolt and Lightfoot
De Michael Cimino
19h - Sala Félix Ribeiro

Railroaded!
De Anthony Mann
19h30 - Sala Luís de Pina

Um Elétrico
Chamado Desejo
A Streetcar Named Desire
De Elia Kazan
21h30 - Sala Félix Ribeiro

As Pontes De
Madison County
The Bridges of Madison County
De Clint Eastwood
22h - Sala Luís de Pina

Maria Elena Cristina” - porque o filme apenas descola a meio, quando a câmara se afasta de Vicky, a insegura neurótica, e Cristina, a insegura boémia, e se concentra no tempestuoso casal ibérico formado por Juan Antonio, o pintor charmoso, e Maria Elena, a musa desequilibrada. Até aí, “Vicky Cristina Barcelona” não passara de um arremedo preguiçoso de comédia turística sobre americanos parolos confrontados com o encanto da velha Europa; talvez Woody devesse ter chamado às suas férias em Espanha “Juan Antonio

Espaço Público

Aproveitei um destes fim-de-semana para ler **"O Estranho Caso de Benjamin Button"**, conto com pouco mais de setenta páginas que deu asas à imaginação de David Fincher para realizar um filme com mais de duas horas. Através de uma vida vivida em marcha atrás, F. Scott Fitzgerald apresenta uma irónica

metáfora sobre o crescimento, uma visão certeira do preconceito, um retrato cruel dos conflitos geracionais, um olhar desacreditado sobre o amor de longa duração, um mergulho reconfortante na solidão, um profundo desejo de esquecimento. Um livro escrito com uma por vezes assustadora racionalidade a que

dedico 8.25 benjamins em 10. "Não havia recordações penosas no seu sono infantil; não lhe acudiam lembranças dos seus arrojados anos na faculdade, dos anos esplendorosos em que fizera palpar o coração de muitas raparigas. Havia apenas os lados brancos e seguros do seu berço, Nana e um homem que o visitava de vez em

quando e uma grande bola cor de laranja para a qual Nana apontava pouco antes da sua crepuscular hora de dormir e a que chamava 'Sol'".
Pedro Miguel Silva, 35 anos, Técnico de Comunicação



tudo se parece encaminhar para uma "screwball comedy" latinizada, com uma invulgar componente sensual trazida pela câmara de Javier Aguirresarobe. É sol de pouca dura, mesmo quando Allen introduz no último terço uma bem-vinda nota de desencanto; sempre que Penélope e Javier Bardem estão fora de cena, "Vicky Cristina Barcelona" revela-se apenas a marcação de ponto anual do realizador, confirmando que "Match Point" foi mesmo um fogacho. **J.M.**

Contrato

De Nicolau Breyner, com *Pedro Granger, Nicolau Breyner, Cláudia Vieira, José Wallenstein, Pedro Lima. M/O*



Lisboa: Castello Lopes - Loures Shopping: Sala 5: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 15h40, 19h10, 21h15, 23h40
Sábado Domingo 19h10, 21h15, 23h40; CinemaCity Alegro Alfragide: Sala 2: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 18h30; CinemaCity Alegro Alfragide: Sala 3: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 20h05, 22h10,

00h20 Sábado Domingo 11h30, 20h05, 22h10, 00h20; CinemaCity Beloura Shopping: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 18h40, 21h40, 23h45; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 3: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 14h05, 18h40, 21h55, 24h Sábado Domingo 14h05, 21h55, 24h; ZON Lusomundo Amoreiras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 18h, 21h20, 23h30; ZON Lusomundo CascaisShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 21h50, 00h10; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 17h55, 21h25, 23h50; Castello Lopes - Rio Sul Shopping: Sala 4: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 15h25, 17h30, 19h30, 22h, 24h Sábado Domingo 19h30, 22h, 24h; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h40, 18h05, 21h30, 23h50; ZON Lusomundo Fórum Montijo:

5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 16h15, 18h30, 21h40, 23h55;
Porto: ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 16h20, 19h, 21h40, 24h; ZON Lusomundo Mar Shopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 15h, 17h20, 19h40, 22h10, 00h20; ZON Lusomundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 19h, 21h20, 23h45 3ª 4ª 19h, 23h45;

Ainda não foi desta que o chamado "cinema comercial" português se elevou acima da mediocridade e da inépcia narrativa. "O Contrato" tem um argumento que poderia resultar

curioso, mas nunca sabe o que fazer com ele, sem arrancar de uma modorra televisiva, com cenas atrevidas (mas ridículas) e a sua dose de piscadelas de olho ao consumidor de novelas. Falta sobretudo coragem para descolar do óbvio, do esquema premeditado, executado por cartilha. A composição de Pedro Lima merecia melhor personagem. Mas, como já se disse e repetiu, há bem pior e com bastante mais pretensões. **M.J.T.**

**Esta Noite
Nuit de Chien**

De Werner Schroeter, com *Pascal Gregory, Nuno Lopes, Bruno Todeschini. M/12*



Lisboa: Medeia King: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h30, 17h, 22h;

Porto: Medeia Cine Estúdio do Teatro Campo Alegre: Cine-Estúdio: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 18h30, 22h;

Agradecendo sempre a maravilhosa música que Schroeter nos dá a ouvir, "Esta Noite" faz-se de sobras de um "kitsch" pessoal que já se tornou inofensivo (neste sentido: já não nos submete). São quadros (já) sem fantasmagoria nem vício, só esgares, em que uma série de actores fazem o seu número. **V.C.**

Frost / Nixon

De Ron Howard, com *Frank Langella, Michael Sheen, Sam Rockwell, Kevin Bacon. M/12*



Lisboa: CinemaCity Classic Alvalade: Sala 2: 5ª 2ª 3ª 4ª 14h10, 16h35, 19h, 21h30 6ª 14h10, 16h35, 19h, 21h30, 24h Sábado 11h30, 14h10, 16h35, 19h, 21h30, 24h Domingo 11h30, 14h10, 16h35, 19h, 21h30; Medeia Nimas: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h15, 16h45, 19h15, 21h40; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 2: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h10, 16h40, 19h15, 21h50, 00h20 Domingo 11h30, 14h10, 16h40, 19h15, 21h50, 00h20; ZON Lusomundo Amoreiras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 15h30, 18h10, 20h50, 23h20; ZON Lusomundo Dolce Vita Miraflores: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 15h10, 18h10, 21h10 6ª Sábado Domingo 15h10, 18h10, 21h10, 00h10; ZON Lusomundo Odéias Parque: 5ª 2ª 3ª 4ª 15h40, 18h25, 21h10 6ª 15h40, 18h25, 21h10, 23h50 Sábado 13h05, 15h40, 18h25, 21h10, 23h50 Domingo 13h05, 15h40, 18h25, 21h10; ZON Lusomundo Ocras Parque: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 21h10, 23h50;

Porto: UCI Arrábida 20: Sala 7: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 13h55, 16h35, 19h15, 21h55, 00h35 3ª 4ª 16h35, 19h15, 21h55, 00h35; ZON Lusomundo Parque Nascente: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h30, 18h20, 21h10, 24h; ZON Lusomundo Fórum Aveiro: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 14h50, 17h45, 21h30 6ª Sábado 14h50, 17h45, 21h30, 00h20;

Ron Howard nunca foi grande espingarda, apesar de ter atingido o alvo do panteão hollywoodiano, premiado e saudado quase como autor. "Frost/Nixon" é a prova dos nove da sua incapacidade para transformar material relativamente interessante (uma peça bem carpinteirada) num filme que vá para além do tremendo bocejo de grande produção vazia. Não está sequer em questão a oportunidade do produto, em fim de era Bush (oportunismo é coisa falta a Howard, veja-se o horrendo "Uma Mente Brilhante"), mas a insuportável pretensão "artística" com que a montanha pariu um minúsculo rato. **M.J.T.**

"Duas das melhores interpretações do ano num dos melhores filmes do ano!"
Chicago Sun-Times, ROGER EBERT

DICAPRIO E WINSLET

VENCEDOR GLOBO DE OURO
MELHOR ACTRIZ
KATE WINSLET

Revolutionary Road

29 JANEIRO NOS CINEMAS

ANTENA, briefing, ELLE, ZON Lusomundo

Exposições

Por detrás das imagens

Filipa César regressa com uma notável exposição onde o cinema se revela enquanto construção e interrogação de identidades.

José Marmeleira

The Four Chambered Heart
De Filipa César.

Lisboa. Cristina Guerra - Contemporary Art. Rua Santo António à Estrada, 33. Tel.: 213959559. Até 21/02. 3ª a 6ª das 11h às 20h. Sáb. das 12h às 20h.

Filme, Fotografia, Outros.

★★★★★

A primeira proposta que "The Four Chambered Heart", de Filipa César (Porto, 1975), faz ao visitante é que se sente e veja um filme. Como numa pequena sala de projecção, estão várias cadeiras diante do ecrã. A mensagem é clara: não somos nós quem se movimentam, são as imagens.

A exposição, no entanto, não termina aqui: mais à frente encontramos outro filme, onde tal imobilidade é menos solicitada, e fotografias. Circulamos entre as obras. É é nessa dialéctica que podemos resumir um dos aspectos que o trabalho de Filipa César tem vindo a sublinhar: a experiência do cinema, enquanto conjunto determinado de sons e imagens, com uma história e modos e fazer específicos, num espaço expositivo.

Eis, portanto, a situação que introduz o público a "The Four Chambered Heart", projecto desenvolvido pela artista, em 2007, no Israeli Center for Digital Art em Holon, e que tem o seu princípio no filme "La Pyramide Humaine", realizado por Jean Rouch em 1959. Obra associada ao "cinema-verité", documenta a relação entre um grupo de estudantes, brancos e negros da Costa do Marfim, que interpretam e improvisam um argumento e debatem os seus papéis e acções. A interacção, porém, não é totalmente "livre", pois conta com a influência da câmara de Jean Rouch, atrás da qual, aliás, os limites entre a ficção e realidade são testados, confundidos e, em

última análise, organizados.

Ora é numa posição semelhante que Filipa César se coloca em "The Four Chambered Heart" ao filmar vários estudantes israelitas de cinema, árabes e hebreus (de escolas diferentes), a discutir, exactamente, "La Pyramide Humaine". Tal como Rouch, a artista confronta-os com a presença de uma objectiva, mas ao contrário do cineasta francês privilegia grandes planos dos rostos (opção recorrente na sua obra), para se deter nas pausas, hesitações, esgares que se revelam nos discursos.

Da discussão emergem, então, acusações, críticas e comentários sobre o papel e o projecto de Filipa César, a suposta perspectiva colonialista de Jean Rouch, a Europa, o conflito israelo-palestiniano, a linguagem, o cinema. A câmara move-se fluida deixando, por vezes, fora de cena quem fala, enquanto os interventores tentam aqui e ali escapar-lhe. Alguns revelam desconforto, outros resistem, devolvem o olhar ou ameaçam desmontar a experiência, denunciando a montagem a que as imagens vão ser sujeitas. Todos adoptam máscaras, personas, em que nos projectamos como espectadores e em que nos revemos, afinal, enquanto actores sociais (por exemplo, quando falamos em público).

"The Four Chambered Heart" deixa então, momentaneamente, de lidar com uma realidade concreta ou histórica (Palestina, colonialismo) para encadear uma série de perguntas: o que escolher para um filme? O que mostrar num filme? Como fazer um filme? Onde acaba a ficção e começa a verdade? Onde deixamos de ser actores?

Mas a artista não interroga as condições da produção da arte do cinema num registo ensimesmado. Lida de forma inteligente com uma realidade determinada e tangível. Como? Documentando a presença de um contexto assinalado na projecção do filme de Jean Rouch e numa série de fotografias realizadas ao longo do projecto. Algumas mostram as escolas dos estudantes, outras as bobines de "La Pyramide Humaine", mas é sobretudo "The Penguin Film Review" que se salienta. A artista fotografou a

edição de 1948 da revista e, em particular, as páginas de um capítulo dedicado à produção de filmes na Palestina onde vários sublinhados aludem ao cinema como instrumento na criação (montagem, encenação) de uma identidade, neste caso, política, colectiva. E, assim, regressamos à sala dos estudantes, a "The Four Chambered Heart" e a Jean Rouch.

"Chinoiserie", de Ana Pérez-Quiroga



Pedro Barateiro em "Desenhos A-Z"



Agenda

Inauguram

Um Projecto a Sete Dias

De Joana Escoval.
Lisboa. Espaço Round The Corner - Porta 9F/9G. R. Nova da Trindade - Teatro da Trindade. Tel.: 213420000. De 02/02 a 08/02. 2ª a 4ª das 15h às 18h. 5ª das 10h às 13h. 6ª e Sáb. das 15h às 18h. Dom. das 16h às 18h30.
Desenho.

Desenhos A - Z. Coleção

Madeira Corporate Services
De Mark Dion, Trisha Donnelly, Olafur Eliasson, Franz Ackermann, Francis Alÿs, Pedro Barateiro, Pedro Cabrita Reis, Rui Chafes, Michael Elmgreen & Ingar Dragset, Leonilson, Jonathan Monk, Ernesto Neto, Thomas Sheibitz, Marjetic Potrc, entre outros.
Lisboa. Museu da Cidade de Lisboa. Campo Grande, 245. Tel.: 217513200. Até 29/03. 3ª a Dom. das 10h às 18h (Encerra Feriados). Pavilhão Preto. Inaugura 5/2 às 19h.
Desenho, Outros.

Continuam

Alexander Gutke

Porto. Culturgest. Av. Aliados, 104. Ed. CGD. Tel.: 222098116. Até 04/04. 2ª a Sáb. das 10h às 18h (última adm. às 17h45).
Filme, Escultura, Outros.

Lá Fora

De Manuela Marques, Francisco da Mata, Gerald Petit, entre outros.
Lisboa. Museu da Electricidade. Avenida Brasília - Edifício Central Tejo. Tel.: 210028120. Até 15/03. 3ª a Dom. das 10h às 18h.
Pintura, Desenho, Fotografia, Instalação, Escultura, Vídeo.

Jesus Never Fails

De António Júlio Duarte.
Lisboa. Museu da Electricidade. Avenida Brasília - Edifício Central Tejo. Tel.: 210028120. Até 15/03. 3ª a Dom. das 10h às 18h.
Fotografia.

Lisboa Revisitada

De Jorge Colombo.
Lisboa. Casa Fernando Pessoa. R. Coelho da Rocha, 16-18. T. 213913275. Até 30/4. 2ª a Sáb. das 10h às 18h.
Fotografia.

O Surrealismo na Coleção Fundação Cupertino de Miranda

De Carlos Eurico da Costa, Cruzeiro Seixas, Mário Cesariny, Alexandre O'Neill, Alfredo Margarido, Fernando José Francisco, Moniz Pereira, Vespéria, Pedro Oom, Carlos Calvet, Ana Hatherly, Paula Rego, Victor Brauner, Hans Bellmer, Max Ernst, Eugenio Granell, entre outros.
Lisboa. Galeria Torreão Nascente da Cordoaria Nacional. Avenida da Índia - Edifício da Cordoaria Nacional. T. 213642909. Até 29/3. 3ª a 6ª das 10h às 19h. Sáb. e dom. das 14h às 19h.
Pintura, Desenho, Outros.

Corpo, Densidade e Limite

De Pedro Cabrita Reis, Rosa Almeida, Adriana Molder, André Gomes, Pedro Proença, Rui Chafes, Rui Sanches, entre outros.
Elvas. Museu de Arte Contemporânea de Elvas. Rua da Gadeia. T. 268637150. Até 30/6. 3ª das 14h30 às 18h. 4ª a Dom. das 10h às 13h e das 14h30 às 18h.
Pintura, Escultura, Fotografia, Vídeo, Outros.

BES Revelação 2008

De David Infante, Mariana Silva, Nikolai Nekh.
Porto. Museu de Serralves. Rua D. João de Castro, 210. Tel.: 226156500. Até 15/03. 3ª a Dom. das 10h às 19h (última adm. às 18h30). Bilhetes: 5 euros (c/ desconto). Na Casa de Serralves.
Fotografia, Outros.

Christopher Wool, Porto - Köln

Porto. Museu de Serralves. Rua D. João de Castro,

210. Tel.: 226156500. Até 15/03. 3ª a Dom. das 10h às 19h (última adm. às 18h30). Bilhetes: 5 euros (c/ desconto).
Pintura.

Juan Muñoz: Uma Retrospectiva

De Juan Muñoz.
Porto. Museu de Serralves. Rua D. João de Castro, 210. Tel.: 226156500. Até 24/02. 3ª a Dom. das 10h às 19h (última adm. às 18h30). Bilhetes: 5 euros (c/ desconto).
Escultura, Instalação, Desenho.

Chinoiserie

De Ana Pérez-Quiroga.
Lisboa. 3ª Arte Contemporânea. Rua António Maria Cardoso, 31. Tel.: 210170765. Até 21/02. 3ª a Sáb. das 12h30 às 20h.
Objectos, Desenho.

Planeta Coimbra

De António Olaio.
Coimbra. Edifício Chiado. Rua Ferreira Borges, 85. T. 239840754. Até 14/3. 3ª a 6ª das 10h às 18h. Sáb. das 10h às 13h e das 14h às 18h.
Pintura, Desenho, Vídeo, Outros.

Conspiração, Profecia e Utopia

De Carlos Roque.
Lisboa. Appleton Square. Rua Acácio Paiva, 27 - r/c. T. 21093660. Até 28/2. 3ª a Sáb. das 14h às 19h.
Vídeo, Desenho.

Opções e Futuros - Coleção

PLMJ - Aquisições Recentes
De Ana Rito, André Cepeda, Arlindo Silva, Brigida Mendes, Domingos Loureiro, Gonçalo Barreiros, Israel Pimenta, Luis Filipe Santos, Marco Mendes, Martinho Costa, Nelson Crespo, Sara e André, Ricardo Angélico, Ricardo Pistola, Sofia Leitão.
Lisboa. Espaço Fundação PLMJ. R. Rodrigues Sampaio, 29. T. 210964103. Até 14/3. 5ª a Sáb. das 15h às 19h.
Pintura, Desenho, Escultura, Fotografia, Vídeo.

Even If You Win The Rat Race, You're Still a Rat

De Alexandre Farto.
Lisboa. Vera Cordeiro - Agência de Arte. Avenida 24 de Julho, 54 - P/E. Tel.: 21350177. Até 21/02. 3ª a 6ª das 11h às 19h. Sáb. das 15h às 20h.
Instalação, Escultura.

Pedigree

De Jean-Marc Bustamante.
Lisboa. Galeria Filomena Soares. Rua da Manutenção, 80. Tel.: 218624122. Até 07/03. 3ª a Sáb. das 10h às 20h.
Pintura.

Bone Lonely

De Paulo Nozolino.
Lisboa. Galeria Quadrado Azul - Lisboa. Largo dos Stephens, 4. Tel.: 213476280. Até 07/03. 3ª a Sáb. das 13h às 20h.
Fotografia.

MV/C+V

De Luis Ribeiro, Engrácia Cardoso, Max Fernandes, Mauro Cerqueira, Fúlvio Mendes, Cristiano Castro, Nuno Machado, Jorge Fernandes, José Emilio Barbosa, Nuno Florêncio, Carlos Lobo, José Almeida Pereira.
Guimarães. Centro Cultural Vila Flor. Avenida D. Afonso Henriques, 701. Tel.: 25343700. Até 11/04. 3ª a Sáb. das 10h às 19h. Dom. e Feriados das 14h às 19h. Bilhetes: 1 euro (c/ desconto).
Pintura, Escultura, Fotografia, Vídeo, Outros.

Colectiva - Avenida 211, 4º Andar

De António Bolota, Francisco Tropa, Pedro Tropa, Teresa Santos, Thierry Simões, Jorge Queiroz, Diogo Saldanha, Marta Maranhã, entre outros.
Lisboa. Espaço Avimda. Av. da Liberdade, 211, 4º. Até 30/04. Sáb. e dom. das 14h às 16h.
Desenhos, Outros.

Uma Tanga na Manga e Outros Tangos

De Pedro Proença.
Guimarães. Galeria Gomes Alves 2. R. da Rainha, 123 r/c. Tel.: 25315408. Até 05/03. 3ª a Sáb. 10h30 às 19h.

"The Four Chambered Heart", tem o seu princípio no filme "La Pyramide Humaine", realizado por Jean Rouch em 1959



SÃO
LUIZ
JAN ~ FEV 09

JACINTA CANTA
SONGS OF FREEDOM
EXITOS DOS ANOS
60, 70 E 80
29 JAN A 7 FEV
Quinta a Sábado, às 22h00

JACINTA

APROD:
europa
90.44m
CO-PRODUÇÃO:
SUTV - JACINTA PROD

ec

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
ESGEC, EM
WWW.ESGEC.PT

RIA ANTÓNIO MARIA CARDOSO, 38
2200-027 LISBOA T: 213 257 640
TEATROSADLUIZ@ESGEC.PT

BILHETARIA:
TODOS OS DIAS DAS 13H00 ÀS 20H00
T: 213 257 650

SÃO
LUIZ
FEV 09

13, 14, 20 E 21 FEV
Sexta e Sábado, às 23h30
Um espectáculo de música para
quatro músicos e quatro actores

OU
estamos
aqui porque
não podemos
voltar

A PARTIR DE TEXTOS DE
MIGUEL CASTRO CALDAS
MONTAGEM
PAULO CURADO
DIRECÇÃO
JOSE PEDRO
CAVALHEIRO - ZEPE
DIRECÇÃO ENSEMBLE
TERESA NOBRAL
DORA BERNARDO
EDUARDO RAON
JOÃO SÁBAGA
JOSÉ SALGUEIRO
PAULO CURADO
RUI CARMO FREITAS
TERESA NOBRAL
VICTOR GONÇALVES
VICTOR JORGE

CO-PRODUÇÃO:
SUTV - QUATRELECTIVO

casa da música

BRASIL

PAÍS TEMA 09

FEVEREIRO - MARÇO

- 06 FEV CONTOS DO BRASIL
ORQUESTRA NACIONAL DO PORTO
- 20 FEV CONCERTO DE CARNAVAL
BANGALAFUMENGA CONVIDA ELZA SOARES
- 22 FEV CONCERTO DE CARNAVAL
ORQUESTRA NACIONAL DO PORTO
- 26 FEV JOHN ZORN
CYRO BAPTISTA
TTUKUNAK
- 14 MAR ANTÓNIO MENESES VIOLONCELO
ORQUESTRA NACIONAL DO PORTO
- 15 MAR QUARTETO SABIÁ
SOLISTAS DA ONP
- 15 MAR JOÃO DONATO
E CONVIDADOS



www.casadamusica.com | T 220 120 220

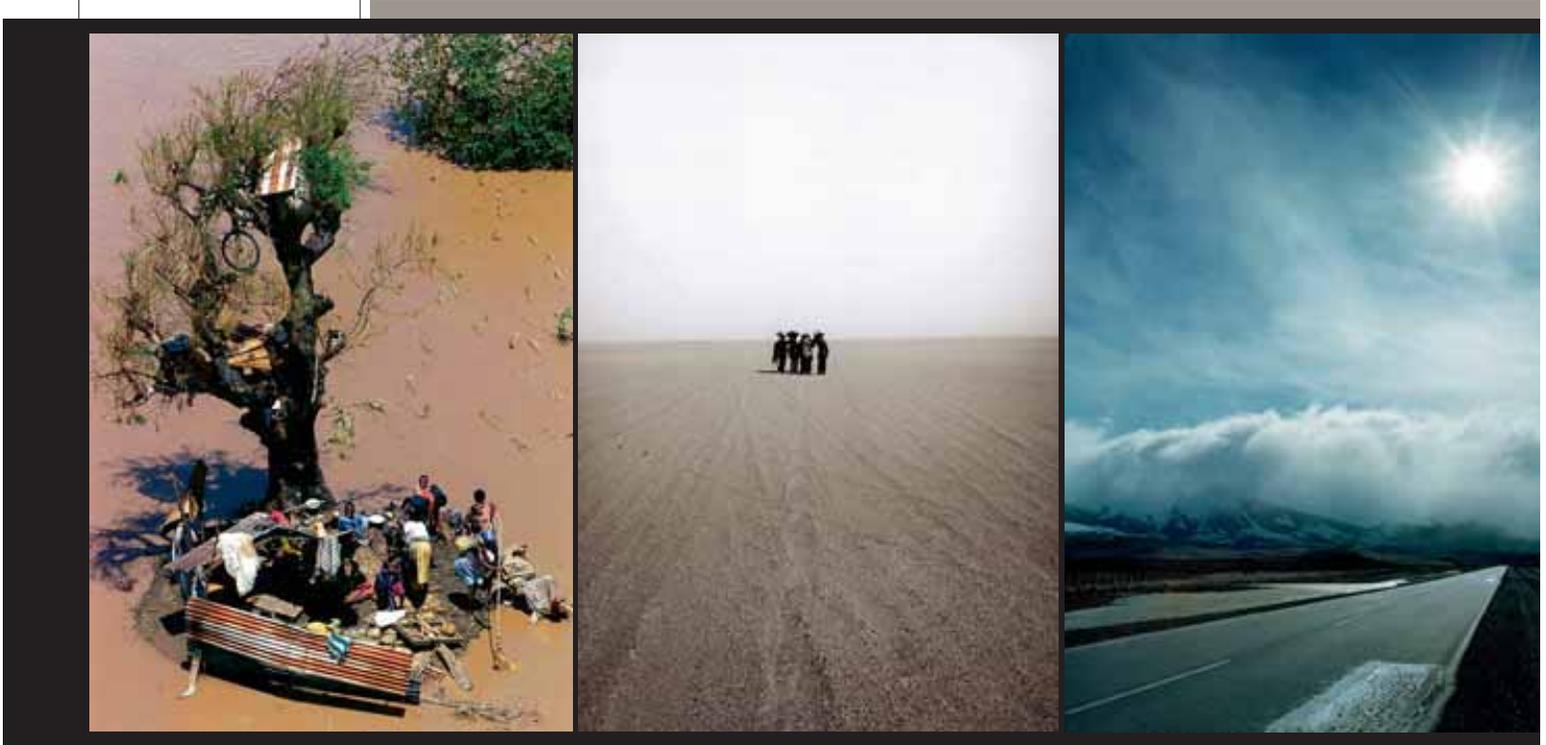
casa da música

PROTECTORADO DE PATRIMÓNIO CULTURAL
MUSEU DE ARTE E ARQUITECTURA
MUSEU DE HISTÓRIA
MUSEU DE NATURALISMO
MUSEU DE ARTE E ARQUITECTURA
MUSEU DE HISTÓRIA
MUSEU DE NATURALISMO



Lonely

“Terra Natal” é o título da exposição que reúne até 15 de Março, na e o urbanista Paul Virilio. Das línguas em vias de extinção às migrações onde também se define a “ultracity”, a cidade localizada em todo o



É um curto monólogo. O tempo de atravessar a Passage d'Enfer, em Paris: 160 metros de comprimento por dez de largura. Ali, entre casas dos anos 1950, nesse lugar onde antes se situava o Bois d'Enfer, sítio de má reputação, Paul Virilio introduz “Terra Natal”, a exposição que partilha, ou melhor, divide com Raymond Depardon, na Fundação Cartier, instituição vizinha dessa pequena artéria peonal oitocentista, em forma de L, que liga o Boulevard Raspail à rua Campagne-Première. Registrado em vídeo, o passeio no inferno - diz-se que Rimbaud escreveu parte da sua obra por essas bandas; e lembre-se o título de um dos seus livros maiores, “Une Saison en Enfer” -, local onde também se situou a Escola Freudiana de Paris, dirigida por Jacques Lacan, termina com um desafio lançado pelo peripatético filósofo e urbanista ao visitante: “a rua é o nosso futuro ou o nosso passado?”

A velocidade do urbanista...

A exposição arranca na fachada do edifício de Jean Nouvel, Emanuel Cat-

tani e Associados (1994), onde, nas paredes em vidro, foram instaladas seis imagens verticais, de grandes dimensões, a preto e branco e a cores, de Raymond Depardon. Esses estáticos ecrãs apontam, desde logo, para determinadas oposições, desenvolvidas depois nas salas da Fundação Cartier. Tratam-se, aquelas, sobretudo, de dicotomias relacionadas com o modo de habitar o mundo: de um lado a metrópole a perder de vista, o congestionamento automóvel, a apressada solidão urbana; do outro a paisagem gelada, infinita, a estrada vazia, a velhice com os pés assentes na terra. A velocidade do urbanista em contraste com a lentidão do fotógrafo: assim se pode resumir “Terra Natal”, mostra onde o desaparecimento das línguas menores, minoritárias, é confrontado com outro acontecimento que lhe é contemporâneo, a migração de mil milhões de pessoas até 2040.

Paul Virilio recorda que, se para Fernand Braudel, a migração, na Europa, não constituiria em si um

problema, pois tais movimentos sempre existiram, já a ideia do velho continente deixar de ter camponeses, situação devida ao êxodo rural, essa, sim, segundo o historiador, era uma realidade nunca vista. O filósofo prolonga esta reflexão e vai mais bastante mais longe, ao afirmar que hoje vivemos o tempo do êxodo urbano - Virilio chega a falar de deportação, com todo o alcance desta palavra, nomeadamente quando associada a determinados genocídios - do qual irá emergir uma Europa sem cidades, “onde tudo flui, onde tudo escapa”, algo de inédito. Nesse novo mundo, a identidade do indivíduo, até agora ligada ao lugar do nascimento, à “terra natal”, irá ser substituída por uma “trajectividade”: uma pessoa passa a ser o seu trajecto, puro e simples, sendo, com esse objectivo, “submetida a uma permanente televigilância, através de sistemas codificados, ondas, etc.” Esta mutação coloca em causa a sedentariedade, a localização, em benefício de uma mobilidade em permanente controle.

... a lentidão do fotógrafo...

No interior da Fundação Cartier, a exposição “Terra Natal”, que tem como subtítulo “noutro lugar começa aqui” (“ailleurs commence ici”), encontra-se dividida em duas partes. No rés-do-chão é possível assistir a duas obras realizadas por Depardon para a ocasião: num ecrã é exibido “Donner la Parole”, enquanto numa outra sala tem lugar a dupla projecção “Le Tour du Monde en 14 Jours”, que actualiza em imagens “A Volta ao Mundo em Oitenta Dias”, de Júlio Verne. Segundo o realizador, o primeiro filme “não é uma curta-metragem, não é uma reportagem, parece-se com um soco.” Nele, o cineasta entrevista, dando-lhes a palavra, representantes de povos cuja língua está em vias de extinção. Afar (Etiópia), Bretão (França), Chipaya (Bolívia), Guarani (Brasil), Kawésqar (Chile), Mapuche (Chile), Ocitânico (França), Quechua (Bolívia) e Yanomami (Brasil) são os nomes dessas línguas ameaçadas por motivos eco-

Néon

planet

1 Fundação Cartier, em Paris, o fotógrafo e cineasta Raymond Depardon
3 massivas da população, uma mostra sombria, apesar do aparato visual,
6 lado que nos chega através do telemóvel. *Óscar Faria, em Paris*



nómicos, políticos e sociais. Como nota Depardon, este trabalho, “fala de uma certa dor, da solidão, do orgulho de ser uma minoria.”

“A Volta ao Mundo em 14 Dias” é o reverso de “Dar a Palavra”. Agora as imagens revelam uma deriva pelas metrópoles, os dias consomem-se numa perpétua viagem, um périplo sem vozes, apenas esse trajecto solitário, do Leste para o Oeste, uma espécie de zapping geográfico pontuado pelo nome de cidades: Washington, Los Angeles, Honolulu, Tóquio, Cidade de Ho Chi Minh, Singapura e Cidade do Cabo. No fim, tudo se assemelha, as diferenças deixam de ser perceptíveis, há uma ininterrupta urbe ligada por rápidos meios de transportes, telemóveis, redes digitais. Lonely planet.

... e um furacão de imagens

Na cave do edifício encontra-se a instalação proposta por Virilio, que, para a sua materialização, contou com a colaboração de uma equipa de artistas e arquitectos formada por

Diller Scofidio+Renfro, Mark Hansen, Laura Kurgan e Bem Rubin. A cenografia é composta pelo vídeo registado na Passage d’Enfer - o urbanista surge ali, à nossa escala, confrontando o espectador, recorde-se, com a pergunta “a rua é o nosso futuro ou o nosso passado?” -, por um “furacão de imagens” emitidas por 50 ecrãs alinhados no tecto - uma régie vídeo que dá a ver uma realidade com origem em “arquivos provenientes de telejornais, documentários e fotografias” - e, finalmente, por uma sala onde é revelada “uma cartografia inédita, que oferece uma visualização dinâmica das migrações de populações, e das suas causas, através de uma projecção circular que cria um ambiente imersivo.” Os dados coligidos neste espaço e apresentados de forma dinâmica foram divididos em quatro “animações” temáticas: “População e migrações urbanas”, “Dos fluxos de homens e de dinheiro”, “Refugiados políticos e migrações forçadas” - aqui, o fluxo visível nos mapas

A velocidade do urbanista em contraste com a lentidão do fotógrafo: assim se resume “Terra Natal”, mostra onde o desaparecimento das línguas minoritárias é confrontado com outro acontecimento que lhe é contemporâneo, a migração de mil milhões de pessoas até 2040

adquire a dimensão de uma praga, tal é o enxame que se desloca, imparável, de sítio em sítio -, e “Dos mares que sobem, das cidades que desaparecem.”

Oiça-se ainda Virilio, agora no site dedicado à exposição. Fala-nos da “omnipolis”, a cidade que está em todo o lado e em lado nenhum, essa urbe que se antes era o lugar de eleição, agora é o território de ejeção: “stop eject”. Caminhamos para a “ultracidade”, a cidade localizada em todo o lado, no mesmo instante, “a cidade da sincronização, da ‘tracibilidade’, quer dizer, da circulação habitável, onde, graças aos telemóveis, os sedentários estão em todo o lado em casa - no elevador, no avião -, e onde os nómadas estão em lugar nenhum, excepto na rua, em campos, em tendas...” Tudo isto põe em causa “não só a identidade local de um indivíduo, as fronteiras de um estado, ou de uma cultura, mas também a habitação.” Virilio propõe então outra questão: “Terra natal, terra fatal”, cabe-lhe a si escolher.



Simulação da instalação proposta por Virilio na cave da Fundação Cartier e (à esquerda) imagens dos filmes de Depardon, projectados nos andares superiores

temporada
gulbenkian
de música 08
09

venta de bilhetes:
www.musica.gulbenkian.pt

coro gulbenkian
orquestra gulbenkian
lawrence foster maestro

fev'09

01 20h00. grande auditório

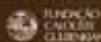
Médée

ópera em versão de concerto
cherubini



orquestra de filadélfia

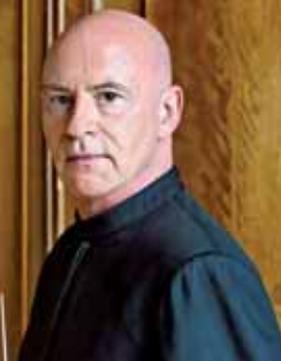
christoph eschenbach maestro
leonidas kavacos violino



fev'09

04 21h00. coliseu dos recreios

obras de:
beethoven, sibelius, prokofiev



elina garanca meio-soprano

charles spencer piano

fev'09

06 19h00. grande auditório

obras de:
brahms, schumann, rossini, falla



fev'09

02 19h00
auditório dois

quarteto capela
miguel carvalhinho guitarra

obras de:
haydn, boccherini, schubert

07 17h00
grande auditório

quarteto pacifica

Integral dos Quartetos para Cordas de **elliott carter**

às 16h00 no auditório três.
comentário pré-concerto por **joão pedro oliveira**



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Serviço de Música

em parceria com ANTENA 2